

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23365

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA 13 NOVEMBRO 90 70\$00

Nas ruas de Paris

Estudantes em fúria

Agitação já causou mais de cem feridos

A fúria de estudantes, da capital e da província, causou em Paris mais de uma centena de feridos, além de avultados estragos materiais, sobretudo em viaturas. Algumas lojas também sofreram danos e foram pilhadas por «adolescentes descontrolados», segundo a polícia. Os estudantes, dispersados pelas forças da ordem ao fim da tarde de ontem, exigiam melhor ensino e segurança nas escolas. O Governo prometeu-lhes entretanto que as verbas para o ensino serão elevadas para nove por cento. Será a primeira vez que em França a educação recebe mais dinheiro do que a defesa.

Pág. 8



Estudantes tentam virar um autocarro policial, no centro de Paris



AUX LECTEURS DU "DIÁRIO DE LISBOA"
Três amicalmente
— Morris —

Lucky Luke saúda o «DL»

Entrevista com Morris

Pág. 17

Através de uma «cimeira a quatro» Soares quer resolver conflito Dakar - Bissau

Mário Soares anunciou ontem, em Tóquio, a possibilidade de realização de um «cimeira a quatro» tendente a encontrar solução para o diferendo fronteiriço que opõe a Guiné-Bissau e o Senegal. Tal propósito resultou do contacto que o Presidente da República manteve com Abdou Diouf, seu homólogo do Senegal, e foi comunicado ao segundo Vice-Presidente da Guiné-Bissau, Vasco Cabral, que foram à capital japonesa, tal como Soares e Diouf, assistir à coroação de Akihito. Bissau tinha solicitado os bons ofícios de Mário Soares junto de François Mitterrand para que o Presidente francês intervisse junto dos gover-

nantes do Senegal, antiga colónia de França. Os frutos dos contactos de Soares parecem estar agora maduros, pelo que tenciona promover uma cimeira em que participem ele próprio, Mitterrand, Nino Vieira e Abdou Diouf, no sentido de resolver o diferendo de uma forma duradoura e pacificamente assumida. Segundo a comunicação de Mário Soares a Vasco Cabral, o Presidente Diouf tem uma posição muito flexível em relação à fronteira marítima, a mais controversa devido aos recursos petrolíferos, mas já deixa pouco espaço de negociação quanto à fronteira terrestre.



Jovens centristas
querem demissão
de Sá Machado
Pág. 5

José Magalhães
e Jorge Lemos
não abandonam
o Parlamento
Pág. 5

55 crianças
em perigo
num infantário
em ruínas
Pág. 10

Crise britânica
atingiu a libra
Pág. 8

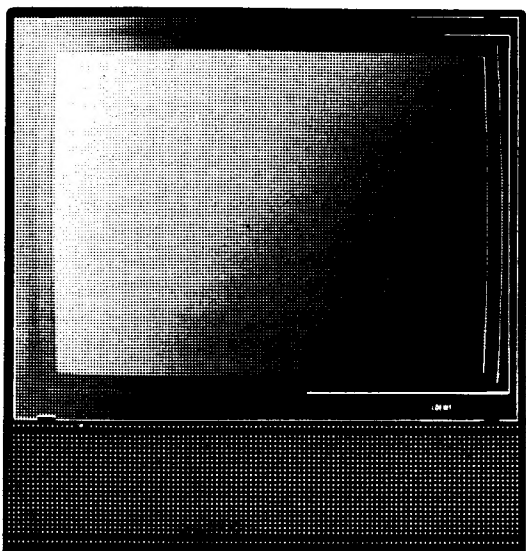
Bolsa de Valores
chega a Moscovo
Pág. 8

Lotaria Popular
1.º 242 402
2.º 319 659
3.º 059 978
4.º 039 990
Pág. 10



PORTE
PAGO

Os televisores da nova «Art».
Digital



LOEWE.

Representante em Portugal:

SOC. DE REP.
SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

25 anos de teatro independente



Parabéns ao TEC

Faz hoje 15 anos que nasceu o Teatro Experimental de Cascais, hoje a mais antiga companhia do chamado teatro independente. Carlos Avilez, cujo nome se confunde com o TEC, está de parabéns. O «DL» foi ouvi-lo e relembra a trajetória do grupo e do encenador, sem esquecer os numerosos prémios conquistados ao longo de uma carreira repleta de êxitos.

Págs. 14, 15 e 16

Se não fizerem obras de remodelação

Mais discotecas em risco de fechar

Pág. 11

Agitada por conflitos de todos os géneros, dos mais insólitos aos mais sangrentos, o continente negro está à beira da explosão política

GRANDE ANGULAR

As treze guerras de África

A África é assim feita - ou foi assim feita por aqueles que a dominaram, que se aproveitaram das suas fraquezas, fazendo com que a guerra, velha companheira de estrada, nunca a deixe em paz. Há, um pouco por toda a parte no continente negro, focos de incêndio que se extinguem, outros que se iniciam, outros, ainda, que voltam a atear-se. Sem que nenhuma lógica consiga, quase sempre, explicar o porquê das coisas.

No seu passivo, a África já inscreveu, até hoje, treze guerras (1). Guerras verdadeiras - como na Etiópia, onde os «secessionistas» eritreus tornam a vida negra às tropas do coronel Mengistu Hailé Mariam. Guerras que parecem simples insurreições - como no Senegal, onde os «independentistas» montam emboscadas para fazer lembrar a sua existência ao Poder central. Guerras que não se assemelham a coisa nenhuma - como na Libéria, onde os guerrilheiros de Charles Taylor e de Prince Johnson, como crianças mascaradas de adultos, cheios de perrucas e de máscaras, morrem com terríveis esgares.

Mas, qualquer que seja o nome que se lhes dê, estas guerras (sophisticadas ou não) custam muito caro a África. Em primeiro lugar, em vidas humanas. De Julho de 1967 a Janeiro de 1970, a malograda independência do Biafra causou a morte de cerca de dois milhões de nigerianos.



Libéria: uma das mais recentes e sangrentas guerras civis em África

Em 15 anos, a luta fratricida entre os «bandidos armados» da Renamo e as tropas governamentais já se saldou pela morte de, pelo menos, 900 mil moçambicanos. E que dizer dos refugiados? Se avaliarmos em cerca de 15 milhões o seu número total através do Mundo, o continente negro reúne, por si só, quase um terço, ou seja, 4,6 milhões.

Também já aconteceu que a razão vencesse. Para resolver o seu diferendo territorial, a Líbia e o Chade acabam de se submeter - tal como previa o acordo de paz de Agosto de 1989 - ao arbítrio do Tribunal Internacional de Justiça... Como o fizeram, anteriormente, o Burkina Faso e o Mali. E, em Abril de 1988, dez anos após o conflito do Ogaden, a

Somália e a Etiópia decidiram, finalmente, estabelecer relações de boa vizinhança. No Zimbabué, a habilidade táctica de Robert Mugabe acabou por vencer a resistência de Joshua Nkomo, seu antigo companheiro de estrada, afastando a ameaça de dissidência político-tribal da Matabelelândia, o que lhe permitiu levantar, em Julho passado, o estado de emergência, verdadeira herança da Rodésia branca de Ian Smith. Por outro lado, foram precisos cinco anos para que Yoweri Museveni, o homem forte de Campala, se apoderasse, em Janeiro de 1986, de um poder deliquesciente. O Uganda tornou-se, assim, o único país africano em que uma rebelião conseguiu atingir os seus fins,

com a força das armas.

Uma «lógica de paz» conduziu, pouco a pouco, a África do Sul a abandonar, oficialmente, os ataques de destabilizadores contra países vizinhos quase indef-

esos (através da assinatura de um pacto de não-agressão com Moçambique, em 1984, e um acordo de cessar-fogo com Angola, quatro anos depois). O novo clima nas relações internacionais permitiu à Namíbia - a última colónia do continente negro, administrada desde 1920 pelo regime de Pretória - conquistar a independência, e os guerrilheiros da SWAPO chegaram ao Poder através dos bolhetins de voto. Na própria África do Sul, as primeiras negociações encetadas com o Governo levaram o ANC a decidir, em Agosto passado, a suspensão da «luta armada» (o que constituiu mais um «slogan» do que um facto verídico).

Sobressaltos e represálias

Alguns conflitos ainda não estão resolvidos. Yoweri Museveni ainda não con-

flitos tribais e reivindicações territoriais. Na Libéria, a marcha sobre o palácio presidencial, iniciada, em Dezembro de 1989, por Charles Taylor, parece não ter fim, de tal forma são numerosos e determinados os candidatos declarados à sucessão de Samuel Doe - e isto apesar da presença de uma força de intervenção da África ocidental. No Norte do Mali, os nómadas tuarques, em plena crise de identidade, começaram, desde Julho passado, a «atazanar» as tropas governamentais. Aos sobressaltos, seguem-se as represálias. E, desde o princípio deste mês, vindos do Uganda, milhares de refugiados do Ruanda, pertencentes à minoria tutsie, tentam pela força conquistar o seu país... e o Poder.

A mão do estrangeiro

Os africanos recorrem a toda a espécie de (bons) ar-



A UNITA tem o mais organizado e provavelmente o mais bem armado exército rebelde de África

seguir «pacificar» por completo o Uganda, onde persistem grandes «bolsas de insegurança» no Norte e Leste do país. O regime do Chade, enfrenta, desde há ano e meio, a rebelião de Idriss Deby, antigo conselheiro militar do presidente Hissène Habré, que, refugiado na província sudanesa de Darfour, beneficiou da «cumplicidade» líbia para conseguir equipar os seus homens. E nem a reconciliação entre Adis Abeba e Mogadixo, nem as boas intenções manifestadas por Pretória relativamente aos seus vizinhos, conseguiram travar o ímpeto dos guerrilheiros somalis do MNS, moçambicanos da Renamo, ou angolanos da Unita.

Outras guerras «nasceram». Tomaram, por exemplo, a forma de uma disputa tenaz, desde Abril de 1989, entre a Mauritânia e o Senegal, a pretexto de con-

gumentos para justificar o porquê destas «guerras», que não terminam de os lançar uns contra outros. Evocam, antes de mais, a divisão territorial - demasiado simplista para ser justa - dos Estados do continente negro pelas antigas potências coloniais. Para acalmar os ânimos, a Organização de Unidade Africana (OUA) já decidiu a favor da intangibilidade das fronteiras herdadas do passado.

O que não evita que os eritreus lutem, não sem justificação histórica, para reencontrar a sua plena e inteira liberdade. Reconhecida pela maioria das nações do continente, a mini-República sarauí permanece algo abstracta, apesar de as Nações Unidas terem elaborado, com o consenso dos beligerantes (Marrocos e a Frente Polisário), um plano que permitirá aos interessa-



Guerrilheiros da Renamo recebem treino em plena floresta

COMENTÁRIO

Os pomos das discórdias

O desacerto entre o que seria o mapa natural africano e aquele que foi desenhado às mesas de múltiplos acordos bilaterais por senhores que provavelmente nunca teriam estado nas terras que repartiam entre si, é, como se sabe, imenso. Mas foi este último que ficou, a definir países que têm um nome e um território, mas que não têm verdadeiramente um povo, mas vários povos ou partes de povos divididos pelas fronteiras coloniais.

É o convívio forçado dessas etnias, não apenas no mesmo território, mas sobretudo no mesmo exército, que origina frequentemente guerras que não se podem em verdade considerar fratricidas, porque não são entre irmãos, nem mesmo entre parentes próximos, mas que, à luz da geografia política oficial, são guerras internas, visando a alternância, por via da força, no único espaço que nesses países não é, regra geral, nem partilhado nem dividido: o do poder. Os comentaristas europeus classificam essas guerras de lutas tribais, esquecendo que foram os seus países que despromoveram a tribus alguns povos que há séculos ocupavam extensos territórios e possuíam uma identidade cultural bem definida.

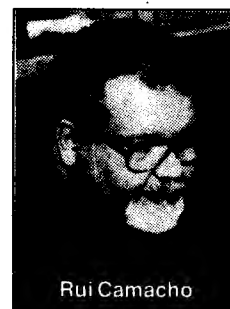
Aparentemente conformados com a divisão do seu território natural pelas fronteiras políticas, muitos desses povos africanos não têm, no entanto, deixado que essa divisão dilua a sua solidariedade. Isso tem levado a que elementos da etnia dominante num país invada o país vizinho, em ajuda dos irmãos do outro lado, vítimas da perseguição de uma etnia tradicionalmente inimiga.

As guerras em África são muitas porque muitos são os pomos da discórdia. Um dos que mais atenções tem atraído mundialmente é o racismo branco na África do Sul, pedra de toque de um dos conflitos regionais mais persistentes, embora difuso.

Se pensarmos que o racismo branco, à semelhança dos mapas traçados pelas potências coloniais, é também importado, corremos o risco de chegar à conclusão de que os menos culpados pelas muitas guerras em África são os africanos.

É evidente que quem puxa o gatilho não pode ser desculpabilizado nem os africanos terão apenas pecado por terem disparado as armas que lhes deixaram nas mãos, nos conflitos que lhes deixaram em casa. Só que não podemos esquecer que, mais do que em qualquer outro continente, as guerras em África não são só dos africanos, mas dos que aí jogam as suas influências, dos que aí despejam os seus arsenais obsoletos, dos que aí disputam os seus interesses económicos, dos que lá deixaram uma herança política e cultural desadaptada à realidade africana mas que continua a condicionar o presente e o futuro dos africanos.

As guerras em África são, por vezes, um jogo em que os africanos apenas fornecem o pano verde... e alguns milhares de vítimas.



Rui Camacho

As guerras em África não são só dos africanos, mas dos que aí jogam as suas influências e interesses e lá deixaram uma herança política e cultural desadaptada



Milícias etíopes, empenhadas num dos mais antigos conflitos africanos

dos exercerem, em 1991, através de um referendo, o seu direito à autodeterminação.

Os EUA e a URSS - e, de modo geral, as potências com vocação hegemónica - procuraram, durante muito tempo, impôr as suas convicções ideológicas a alguns destes «súbditos» africanos, como aconteceu no caso de Angola, com Moscovo a fomentar uma verdadeira guerra e a enviar um corpo expedicionário (recorrendo a 50 mil cubanos); a situação é, hoje, diferente, graças ao desanuviamento nas relações internacionais.

Possuem semelhante responsabilidade países como a Líbia, a qual se empenha, no Chade e na região do Corno de África, num jogo de equilíbrios precários; ou como o Iraque, na Mauritânia, e outras nações árabes que apoiam os eritreus na sua guerra de desgaste contra o coronel Mengistu, agora abandonado por Moscovo e obrigado a pedinchar auxílio militar de Israel.

Porém, dizer que os afri-

canos são, também, artesãos das suas próprias desgraças não é de modo algum descabido. O tribalismo constitui um ingrediente tradicionalmente incluído em todas as «receitas de guerra», mas a verdade é que permanece um factor determinante para esclarecer certos conflitos, talvez os mais mortíferos. Como explicar de outra maneira a violência com que diferentes etnias se guerreiam na Mauritânia ou na Libéria? Na mentalidade do africano-comum, o Poder, «a priori», não se partilha: tanto quanto possível, saboreia-se, sózinho, as suas delícias, ou tenta-se arrancá-lo aos que o exercem abusivamente. É esta falta de maturidade política - da supremacia do instinto de clã sobre a abertura do espírito - que conduziu, por exemplo, no Sudão, a uma espécie de interminável guerra religiosa entre dois mundos mutuamente impermeáveis: o Norte muçulmano e o Sul cristão ou animista.

Levada até ao extremo, a independência - esse direito à diferença - esconde, muitas

vezes, a ânsia daqueles que a reivindicam de explorar, por sua própria conta, as riquezas do solo ou do subsolo do país. Foi o que se viu, no início dos anos 60 e, novamente, em 1977-78, no Zaire, com a tentativa de secessão do Catanga (actualmente, província do Shaba), zona tradicionalmente rica em cobre. E vêmo-lo, hoje, no enclave angolano de Cabinda, que produz mais de metade dos recursos petrolíferos do país e onde os guerrilheiros da FLEC procuram jogar a carta do separatismo.

«Vento de Leste»

A vitória está na ponta das espingardas? Os homens que ocupam, actualmente, o Poder estão, quase sempre, numa posição demasiada fraca para acreditarem nessa hipótese. Mesmo o poderoso Exército etíope, com os seus 430 mil homens, não consegue pôr fora de combate os guerrilheiros da Eritreia e do Tigre que se aliam contra si. E, na Libéria, Charles Taylor, que parecia controlar a situação, não conseguiu

chegar ao palácio presidencial...

Mediações que fracassam ou que se arrastam, ingerência estrangeira, golpes de teatro com tomadas de reféns - as «guerras» africanas eternizam-se. Alguns até apostam neste gradual «apodrecimento» para atingirem, finalmente, os seus fins. O mais antigo conflito do continente negro - o da Eritreia - já tem quase 30 anos... e nada indica que se esteja a chegar ao «último quarto de hora».

Aliás, os diversos movimentos rebeldes não devem ter pressa em depôr as armas e sentar-se à mesa de negociações. O «vento de Leste» que sopra, desde há alguns meses, em África, também lhes trouxe, inesperadamente, novas esperanças. Contestados, abalados, os actuais governantes vêem-se obrigados a seguir o exemplo do Leste, dando os primeiros passos rumo à democracia. É, assim, que os regimes angolano e moçambicano parecem começar a descobrir as virtudes do multipartidarismo. A Renamo e a Unita aguardam que a situação amadureça, para reivindicarem o seu lugar no xadrez político.

Nada nos diz, todavia, que esta frágil abertura democrática seja prenúncio do fim das «guerras» em África. Existirão sempre mil e um pretextos para ajustes de contas sangrentos, enquanto os Estados permanecerem isolados, a sociedades divididas e o Poder tão cobiçado. Neste contexto, as recentes declarações de Jacques Delors, presidente da Comissão Europeia, são alarmantes. Em sua opinião, a década de 90 ameaça ser a «da explosão política em África», continente que se poderá tornar «uma zona primordial de instabilidade».

Jacques de Barrin
Exclusivo «Le Monde»/
DL

Trad. e adapt. de Isabel Joyce



Insegurança: muitas das estradas de África só podem ser percorridas com escolta armada

FORUM

Diário
de LisboaFundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.Presidente do Conselho
de Administração:
António Ruella Ramos.
Administradores:
Maria do Carmo Ruella Ramos,
João Manuel Ruella Ramos,
António Brás Monteiro
e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**Director
António Ruella RamosExerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis
e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de OliveiraCoordenadores de Secção:
Adelino Cardoso,
José Luís Feronha
e Neves de SousaRedacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Céu Neves, Dina Soares,
Elsa Andrade, Emília Trindade,
Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues,
Luísa Alexandra Botinas,
Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins,
Maria João Rocha,
Marina Tavares Dias,
Pedro Alvim, Rodrigues Borges,
Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui PachecoColaboradores permanentes
da Redacção: **Alessandra Balsamo,**
Francisco Paraíso, Isabel Joyce,
Jorge Fallorca e Roby Amorim.Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Filipe Veríssimo
e Luís TenreiroPaginadores:
Antonieta Teixeira,
José António Carvalho,
Jorge Santos
e Óscar FigueiredoSecretária de Direcção
Maria Eduarda SoutelloSecretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima
e Maria Helena MatosChefe de Publicidade
Luísa ValadasGestor de Informática
Luís CanteleroRedacção, Administração,
Publicidade e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA
- Telex 12363 DIAROP- Telefax 3467134. Impresso
na **Renascença Gráfica, SA**
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.Distribuído por Interpress -
Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pípos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.IDEIAS, VEZES IDEIAS,
VEZES IDEIAS

João Carlos Espada perguntava, há dias, no «Público»: «Estarão já passados os anos de ouro da ofensiva neoconservadora que dominou a década de 80?»

E considerava: «A primeira condição para que à esquerda possa agora ocorrer uma nova maré enchente parece ser muito simples (de enunciar): não desprezar os motivos que estiveram na origem da maré enchente conservadora. Entre esses motivos um foi sem dúvida importante: ideias, vezes ideias, vezes ideias.»

Esta questão sugere outra mais imediata. Temos duas eleições à vista.

Numa, há um candidato que se define como um homem de esquerda.

Noutra, há toda a panóplia parlamentar e extraparlamentar dos partidos de esquerda.

A primeira eleição está lançada.

A segunda eleição só pode logicamente fluir

em termos de ideias da-que-las que a esquerda vêm comunicando.

Essas duas candidaturas — que ideias têm? Que ideias assumem?

Que ideias são?

Minimamente novas, quero dizer.

E abundantes, no sentido de ideias, vezes ideias, vezes ideias.

As respostas a esta pergunta ficam, até à data, entre o modesto e o encabulado.

O candidato que já se definiu como um homem de esquerda tem, com efeito, uma justificação — quer ser Presidente e não é suposto ser um Presidente de esquerda mas um Presidente da República.

Pelo que, realmente, não podemos, nem devemos, exigir-lhe que enuncie as ideias que irão encher a maré da esquerda europeia em geral e portuguesa em especial.

A esquerda propriamente dita, a esquerda partidária, parlamentar, autárquica, cultural, social, sindical, que aí está em foco, tecnicamente, profissionalmente, é que talvez pudessem começar a assumir adequadamente algumas ideias.

É claro que as ideias, por exemplo, as ideias que fizeram a ofensiva neoconservadora, têm uma génese mais complexa e mais demorada, entrosam na História, na Economia, na Sociologia, nas mentalidades, e chegam a Lisboa ainda com algum atraso.

Ou seja, os neoconservadores portugueses, as ideias que têm, não têm, — usam.

A esquerda, a esquerda europeia, ideias com essa envergadura, veja-se a oficina que é o primeiro número da revista «Socialismo Hoje».

Não é fácil.

Embora já não fosse quando Oliveira Martins, quando Proença, quando Sérgio.

E eles ainda aí estão.

Dir-se-á que, no imediato eleitoral português, as ideias que ninguém assumiu até agora, de forma adequada, dificilmente serão assumidas, de forma adequada, entre este momento e os actos do próximo ano.

E, no entanto, as ideias que a esquerda portuguesa acha que não tem, ou que não tem a coragem de assumir sob avalanche da ofensiva neoconservadora, ou que assume mas diz mal, continuam largos sectores sociais a tê-las — por ela.

Isto é, quem votou Parlamento Europeu, e deu uma vitória à esquerda, e quem votou autarquias, e deu uma vitória à esquerda, não votou passado, não votou um automatismo, não votou um cadáver ideológico, não suicidou o seu voto, não se suicidou votando. Votou esperança, votou acção, votou futuro. Votou uma ideia. Um conjunto de ideias. Ideias que funcionaram eleitoralmente.

Isto é, as ideias, algumas ideias funcionais, eleitoralmente operacionais, estão aí, quer a esquerda oficial as saiba assumir renovada e criativamente quer não.

Que poderá significar isso?

Que a Fundação José Fontana, que os grupos de estudos das áreas dos partidos de esquerda, que quem pensa à esquerda, as suas expectativas, as suas obrigações, estão preenchidas?

Não estão.

Mas isso poderá significar que, se é verdade que importa prementemente continuar a reforçar o contributo português para constituição ideológica do novo socialismo, também é verdade que o cerne ideológico, cultural, mesmo emocional, da opinião e da vontade da esquerda está vivo.

E está vivo no imediato português.

E que, se a esquerda oficial, partidária e parlamentar — avassalada pela ofensiva neoconservadora, pela sua astuciosa fabricação da moda que passa por ser, — não sabe dizer novo, sectores cada vez mais alargados da sociedade dizem-no, no silêncio exclamativo e exigente do seu voto.

Pelo que o problema de quase toda a esquerda oficial não está tanto em não ter ideias. Está, sobretudo, em não ter a coragem de dizer as ideias que tem. E está, muito especialmente, em não o ter o talento para as dizer, de uma forma criativa.

Desculpa-se a esquerda que não diz por não a deixarem ir à televisão. Também será verdade. Mas não é toda a verdade. Porque o resto da verdade é mais severa para a esquerda. O resto da verdade é que, quando a esquerda vai à televisão, em geral, diz mal, diz conservadora-mente.

A esquerda não está apenas mediaticamente despossada.

A esquerda é, quase toda mediaticamente inepta.

Há, pois uma revolução a fazer à esquerda. A revolução que a direita já fez. Que é passar de uma idade da comunicação a outra idade da comunicação. Da idade da retórica à idade do audiovisual.

De tal maneira que ir à televisão, na idade da comunicação em que alguma esquerda ainda vive, pode ser, para essa esquerda, contraproducente. Não o digam alto. Se consta, quem é que nos garante que a esquerda não passa a ir à televisão mais do que a direita?



Artur Portela

CARTAS
NA MESAGrito de um
empresário
contra
a burocracia

Com a adesão à CEE muita coisa mudou no nosso país e outras estão para mudar. O saldo é capaz de ser positivo e empresas há, e bem assim alguns cidadãos portugueses, que terão usufruído desses benefícios, alguns correctos e outros menos correctos, para não dizer errados, mas isso não entra nesta história.

Vamos, porém, ao que me impressionou para me referir às «regalias da CEE».

Com a adesão alteraram-se as regras de comercializar muitas coisas, como é do conhecimento público, com os países do Mercado Comum. É no âmbito dessas novas leis que aparece, também, a possibilidade de comprar viaturas usadas ao estrangeiro para transporte de mercadorias, passageiros, etc... Até aqui tudo bem, porque há a possibilidade de adquirir tipos de viaturas de que o nosso mercado está carente, com a vantagem de as adquirir por menor custo e com maior rapidez, o que infelizmente não está a acontecer com a minha empresa, e penso que com muitas mais neste país, que não se libertam de uma burocracia aterradora, que nos prejudica a todos.

Vejam um exemplo concreto:

Desloquei-me à Holanda e à Bélgica em princípios de Maio deste ano, e comprei um camião TIR equipado para transporte de animais e um autocarro para transporte social dos funcionários da minha empresa. Procurou-se de imediato, quando as viaturas chegaram ao nosso país, legalizar toda a situação, o que até ao momento ainda não foi possível devido à burocracia que o nosso país tem. Vejam o ridículo:

Com certeza que as viaturas que adquiri já vieram ao nosso país e circularam nas nossas estradas. E se trabalhassem para o país que pertenciam não haveria leis que as impedissem de circular nas nossas estradas ou nas de outros países.

Por isso, porque não se faz como noutros países da CEE, como por exemplo na nossa vizinha Espanha? Aí, após a chegada das viaturas, os importadores apresentam a documentação nos departamentos próprios e são-lhes fornecidas de imediato matrículas provisórias, pelo que as viaturas passam logo a trabalhar, facultando-se o tempo suficiente para a restante legalização. Entretanto, as viaturas circulam e, como tal, produzem riqueza para o seu novo dono e para o seu novo país.

Aqui não se ajudam as pequenas e médias empresas. Atrofiam-se. E digo atrofiam-se porque é o que acontece no caso descrito, com um investimento de cerca de vinte mil contos e com um seguro contra todos os riscos a correr, tendo as viaturas paradas e sem se saber quando é que as vão deixar circular, para amortizar o investimento. É mais que atrofiamento: é a impossibilidade de, ao mesmo tempo, poder organizar o abastecimento à indústria, conforme se planeou, e ainda proporcionar melhores condições de transporte aos trabalhadores, que habitam numa área 13 quilómetros distanciada dos seus postos de trabalho. Por isso apetece-me gritar: Não atrofiem mais e deixem o progresso chegar também ao interior do país!

Senhores governtantes: para corrigir este estado de coisas, vejam se alteram de imediato toda esta burocracia que, além de ser prejudicial para as empresas, o é também para a economia do país, dando azo a que se desenvolva e alastre a corrupção, para vergonha de todos nós, em todos os cantos de Portugal.

Tenho estado em congressos e seminários, que nos impelem a acompanhar a evolução que se verifica por esse mundo fora, mas aqui apetece-me, e bem, questionar: com que meios? Para que se deu a integração na CEE? Para que se fizeram alterações nas leis comerciais entre países da CEE, antes da plena integração no Mercado Comum?

Serafim Silva Ferreira,
sócio-gerente da empresa **Irmãos Unidos,**
de Mondim da Beira

POLÍTICA

Fronteiras do litígio aparentemente definidas e irreversíveis

Lemos e Magalhães não renunciam direcção do PCP promete mais

As fronteiras do litígio entre os deputados Jorge Lemos e José Magalhães e o seu partido, o PCP, ficaram ontem marcadas de forma, aparentemente, irreversível: os dois parlamentares recusam-se a renunciar ao mandato, enquanto a direcção do partido reafirmou as posições anteriormente divulgadas e os ameaçou de posteriores «decisões e procedimentos adequados à gravidade dos comportamentos verificados».

A razão para este choque de opiniões, agudizado ao ponto de ameaçar ruptura iminente, prende-se com as eleições presidenciais, como se sabe. Lemos e Magalhães distanciaram-se da candidatura de Carlos Carvalhas e manifestaram intenções de votar em Mário Soares; o aparelho partidário respondeu-lhes dizendo que «a declaração pública de

apoio e intenção de voto na candidatura de Mário Soares é incompatível com o exercício do cargo de deputado do PCP», por se tratar de uma «ostensiva quebra de solidariedade com a candidatura do PCP» e uma atitude de «clara confrontação com a orientação do partido».

Não obstante não ter sido pessoalmente notificado do conteúdo da nota pública da Comissão de Controlo em que as acusações de base foram formuladas, José Magalhães respondeu-lhe ontem, por carta: diz não aceitar o convite de renúncia ao mandato, pelo facto de «não se verificarem os pressupostos fácticos e políticos que legitimariam a disponibilização do mandato». O deputado acrescenta que «a insistência nos métodos e práticas» de que é expressão a nota da Comissão de Controlo, «revestir-se-ia de tal gravidade que tornaria inevitável

o accionamento dos mecanismos regimentais e estatutários apropriados». Ou seja: Magalhães fará uso dos seus direitos regimentais para se manter como deputado, ainda que na situação de independente, caso o PCP decida mesmo expulsá-lo.

Jorge Lemos seguiu idêntica atitude enviando também carta à direcção do PCP em que diz subscrever inteiramente o que escreveu Magalhães, nomeadamente a invocação do art. 55, nº 1 dos Estatutos do Partido Comunista como fundamento para as atitudes agora assumidas.

Já se admite agora que Lemos regresses à Assembleia, por sua expressa iniciativa, antes ainda de expirar a suspensão de mandato que pedira até 1 de Dezembro, por acordo com a direcção do seu partido.



Foto premonitória obtida no jantar de despedida de João Labescat (ao centro). O ex-chefe de gabinete do Grupo Parlamentar Comunista tinha sido exonerado, por alegada perda de confiança política. José Magalhães e Jorge Lemos fizeram questão de lhe levar a sua solidariedade: hoje são eles quem está à beira da exclusão

Também por causa do apoio a Soares Vitor Sá Machado em dificuldades no CDS



A candidatura de Mário Soares também no interior do CDS está a provocar estragos, com a Juventude Centrista a assumir perante o dirigente Sá Machado um papel muito parecido com o que a Comissão de Controlo do PCP assumiu no litígio com os deputados Jorge Lemos e José Magalhães.

Foi o próprio dirigente centrista quem considerou que a estrutura juvenil do seu partido adoptou «uma atitude semelhante à que tomou o Partido Comunista para com os seus deputados que decidiram apoiar o actual Presidente da República». Isto porque a Federação de Lisboa da Juventude Centrista repudiara «a continuação de Vitor Sá Machado na Comissão Directiva do CDS, por apoiar a candidatura de Soares, sendo esta socialista, laica e, fundamentalmente, de esquerda».

O líder nacional da JC, Martim Borges de Freitas, reforçou esta pressão sobre Sá Machado condenando-o publicamente por integrar a lista de apoiantes de Soares. Segundo a expressão de Borges de Freitas, «trata-se de uma atitude que não caberia a um membro da Comissão Directiva do CDS tomar», já que «não se pode defender um ideal e estar a beneficiar ao mesmo tempo outro que não se coaduna com o do partido».

Atentado à tolerância e à liberdade individual

Vitor Sá Machado não perdeu tempo a responder a estes «pontas de lança» de críticas por enquanto não tornadas públicas pelo CDS e acusou-os com dureza:

«Trata-se de um grave atentado à tolerância, à liberdade individual e à democraticidade interna», disse Sá Machado. Este fundador do CDS acrescentou que a posição da JC «não é compaginável» com o partido que «se tem identificado precisamente com aqueles valores».

Reafirmando continuar com Mário Soares, Vitor Sá Machado negou notícias segundo as quais lhe teria escrito uma carta a retirar o seu apoio e telefonado a Basílio Horta dizendo já não apoiar a recandidatura do actual Chefe de Estado.

«Sou um homem de honra e de uma palavra só», frisou o dirigente centrista, dissipando desta forma quaisquer dúvidas quanto a eventuais distanciamentos de Mário Soares.

Presidente da República em Macau, de quinta a sábado, para «desdramatizar e estabilizar» a vida política no território, depois da saída de Carlos Melancia.

Satisfação da Imprensa chinesa pela visita de Soares

É de satisfação o tom geral da Imprensa chinesa de Macau, às vésperas da visita do Presidente da República, atitude interpretada como manifestação do seu crescente interesse pelos assuntos e pelo futuro do território sob administração portuguesa. Entre os portugueses residentes, Mário Soares vai encontrar um ambiente de alguma excitação gerado por diversos grupos de interesses que, aproveitando a situação de aparente indefinição, tentam controlar a política local.

Um encontro com a juventude do território, no Largo do Parque da Barra, local de grandes tradições em Macau, a visita aos grandes empreendimentos, designadamente o aeroporto internacional e o porto de águas profundas, este já concluído, são alguns dos pontos do programa que o Presidente da República privilegiará na sua visita a Macau.

A visita inicia-se quinta-feira e termina no sábado: independentemente da programação oficial, sabe-se que Mário Soares vai dar especial atenção aos contactos com a população e os jornalistas, para apreender, de forma directa, as realidades do território.

O «comportamento humano» face

ao drama dos ilegais, manifestado pelo Chefe do Estado quando esteve em Macau, no ano passado, granjeou-lhe um enorme capital de simpatia junto da população, que se reflecte agora no interesse que a sua visita está a despertar.

Mas há também o reverso da medalha. Os «cobras» (passadores de emigrantes clandestinos), já incrementaram a sua actividade, aproveitando-se da oportunidade para fazerem constar na China a falsa notícia de amnistias, estimulando deste modo essa emigração para aumentar os seus negócios ilegais.

Como medida preventiva contra a reactivação dos «cobras», foi reforçada a vigilância fronteiriça e o controle e fiscalização nas ruas.

Segundo declarou em Tóquio, antes de seguir para Macau, o Presidente da República disse pretender «desdramatizar e estabilizar» a actividade política no território, depois da saída de Carlos Melancia. Para isso, o Presidente prepara-se para reafirmar a toda a população do território que não se alteraram as premissas da estratégia posta em prática para assegurar o desenvolvimento e o futuro de Macau, reforçando a confiança no encarre-

gado do Governo e no seu Executivo.

Entretanto, por iniciativa de Adelino Vaz (o autor de slogan «Soares é fixe») foi criado em Macau o Fórum Cívico Presidente Soares. Trata-se de uma instituição destinada a aglutinar pessoas que de algum modo naquele território se sintam desprotegidas, por não terem expressão política ou social. Através das actas dos trabalhos que lhe serão enviadas, o Presidente ficará a ter conhecimento directo dessas situações.

Acompanhado da sua mulher, Maria Barroso, Soares chegará a Hong Kong, vindo de Tóquio, pelas 14.35 (6.35 de Lisboa), seguindo directamente de «jet foil» para Macau, onde permanecerá até sábado. A chegada receberá honras militares no palácio do Governo. No Leal Senado terá lugar uma sessão solene de boas-vindas e ser-lhe-ão entregues as chaves da cidade. À noite participa num jantar oferecido pelo encarregado do Governo, Murteira Nabo.

Na sexta-feira, terá uma reunião com Murteira Nabo e os restantes membros do Executivo e desloca-se ao local das obras do aeroporto internacional, na Ilha da Taipa, sendo

depois obsequiado com um almoço pela Associação Comercial de Macau. Às 15.30, terá um encontro no Largo do Pagode da Barra com a juventude do território.

Ainda durante a tarde, o Presidente da República visitará as novas instalações do Museu Marítimo, seguindo depois para os estúdios da Rádio Macau, onde concederá uma entrevista que será transmitida em simultâneo com estações de rádio portuguesas. Na noite de sexta-feira, o Chefe do Estado oferecerá uma recepção no Palácio do Governo, a que se seguirá um espectáculo de fogo de artifício na baía da Praia Grande.

No sábado, último dia da sua visita a Macau, Mário Soares toma o pequeno almoço com jornalistas, assistindo depois a uma sessão solene na Assembleia Legislativa, a que se seguirá um almoço oferecido pelo presidente deste órgão, Carlos Assumpção.

A situação em Timor sensibiliza Takako Doi

Do programa consta ainda a inauguração das instalações dos serviços de Turismo do território, agora transferidas para um edifício recuperado e de grande riqueza ar-

quitectónica, a que seguirá um passeio pela cidade, uma visita ao Paço Episcopal, ao Jardim Loi Lim leoc e à sala de exposições do Leal Senado, onde se encontra uma mostra da pintora Graça Morais.

Em declarações à Lusa, em Tóquio, Mário Soares revelou que a sua deslocação a Macau foi acordada com o primeiro-ministro Cavaco Silva, e sublinhou que a actividade governativa no território decorre com normalidade, apesar de não haver um Governador designado.

Soares encontra-se em Tóquio, desde a cerimónia de entronização do imperador nipónico, para contactos com alguns dos dirigentes da política mundial que também participaram na cerimónia. O Presidente da República privilegiou nestes contactos dirigentes dos países africanos de expressão portuguesa, mas acabou ontem mesmo por convidar a líder do Partido Socialista japonês, Takako Doi, a vir a Lisboa proferir uma conferência sobre o Extremo-Oriente.

Segundo o próprio Mário Soares, a senhora Takako Doi mostrou-se muito sensibilizada para a questão de Timor cuja situação será motivo de atenção dos parlamentares socialistas nas duas Câmaras.

ECONOMIA

Primeira privatização a 100 por cento falhou, apesar de se tratar de um ramo industrial muito lucrativo e em expansão. Ficaram por vender 3,3 milhões de acções e o maior lote ficou nas mãos da outra cervejeira nacional, o que levanta dúvidas sobre a legalidade da compra

Cerveja não levedou na Bolsa de Lisboa

O Governo vai ter de repensar a estratégia das privatizações, depois do fracasso que a oferta de venda de 100 por cento do capital da Central de Cervejas se constituiu ontem na Bolsa de Valores de Lisboa.

Isso o mesmo o deu a entender o secretário de estado das Finanças, Elias da Costa, ao afirmar depois da operação, que é preciso analisar o motivo da ausência dos grupos que anteriormente se tinham mostrado interessados na compra da Centralcer e ao admitir que talvez haja necessidade de alargar o período entre o anúncio das condições de privatização e o dia da operação, para que os potenciais investidores se preparem convenientemente.

Apesar de se tratar de um sector industrial com alta taxa de rentabilidade e em grande expansão, dado o aumento progressivo do consumo de cerveja, a oferta de venda das acções registou fraco interesse por parte de grupos económicos nacionais e estrangeiros, dos pequeno investidores e dos trabalhadores, admitindo-se que muitos deles se

estejam a reservar para a compra do capital das sociedades financeiras, bancos e seguros.

Ficaram por vender 3,3 milhões de acções, correspondentes a cerca de 35,31 do capital da Centralcer, as quais ficaram nas mãos do Sindicato financeiro que organizou a operação, liderado pelo Banco Português de Investimentos.

O bloco indivisível de acções, correspondente a cerca de 31 por cento do capital, só teve um candidato, exactamente o mesmo grupo que liderou a compra da outra fábrica portuguesa de cerveja, a Unicer. Esta compra levanta algumas dúvidas quanto à sua legalidade, face à lei da concorrência, por se arriscar a transformar-se numa situação de monopólio, uma vez que os 31 por cento lhe poderão permitir garantir a administração da Centralcer, tanto mais que as acções que ficaram por vender deverão ser dispersas posteriormente.

Contactado pelo DL a este re-

speito, o director geral da Concorrência recusou-se a prestar qualquer declaração e esclarecimento sobre uma situação de que ele deve ser o principal fiscal do cumprimento da lei.

Este desinteresse pela Centralcer é tanto mais estranho quanto a empresa deverá apresentar este ano cerca de dós milhões de contos de lucros; detem participações fortes em empresas igualmente rentáveis, como a Aguas do Luso, Adegas Camilo Alves, Empresa de Cervejas da Madeira, empresas de distribuição de bebidas; e começou a internacionalizar-se, nomeadamente participando no capital de sociedades cervejeiras de países africanos de expressão portuguesa.

A expansão da produção tem sido constante, tendo vendido nos primeiros sete meses do ano 17,3 milhões de contos, mais 11,5 por cento do que em igual período do ano passado.



DL/Lusa

A indústria da cerveja em risco de concentração monopolista

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OELRAS

ANÚNCIO

A DOUTRA MARIA JOSÉ MOURA MARQUES DA SILVA, JUÍZA DE DIREITO no Tribunal Judicial da Comarca de Oelras:

FAZ-SE SABER que na Acção Especial para Entrega Judicial, pendente na 2.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca de Oelras, sob o n.º 211/89 em que é Autor César Loureiro Alves Moreira e Réus José Machado Botelho e mulher Maria Botelho, residentes em parte incerta e com última residência conhecida na Av.ª Rio de Janeiro, lote 25/A, 2.º Dto., em Oelras, são estes Réus CITADOS, para no prazo de DEZ DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, para deduzir oposição, querendo, ao pedido formulado pelo Autor, nestes autos, pelos fundamentos constantes na petição inicial cujo duplicado se encontra à disposição dos cidadãos, neste Tribunal, sob pena de não o fazendo ser imediatamente conferida a posse.

Oelras, 29.10.90

A Juiz de Direito
Maria José Moura Marques da Silva

A Escrivã-Adjunta
Maria de Lurdes Costa

DL — 13/11/90 — 2.ª Pub.



Poluição não é connosco

Empresários resistem à defesa do ambiente

Quem paga os custos da poluição industrial? As empresas, o Estado ou os consumidores? Dizer que somos todos nós, é uma resposta vaga. Mas é precisamente isso que dizem os administradores de algumas das empresas portuguesas mais poluidoras: Portucel, Cimpor, Petrolgal ou Inapa.

E voltaram a fazê-lo, ontem, num encontro efectuado num hotel de Lisboa, organizado pelo FAE, Forum de Administradores de Empresas, subordinado ao tema «Protecção do Ambiente - Um desafio global ao mundo do negócio».

Todos os empresários sublinharam que estão interessados em defender o ambiente, que estão preocupados com a qualidade de vida das populações, que estão empenhados em cumprir a legislação vigente. Mas o que transpareceu deste Forum foi essencialmente isto: os empresários desejam que o Estado continue numa atitude proteccionista e que não legisle de uma forma «dura», querendo este dureza significar que o Estado «seja benevolente» com as empresas portuguesas e não reproduza as leis aprovadas na CEE.

A bandeira do miserabilismo continua, a canção do empresário coitadinho persiste, as ameaças subreptícias ao fecho das empresas e ao desemprego surgem a talhe de foice.

Os empresários queixam-se das exigências da legislação da CEE, queixam-se dos investimentos de

milhões que têm que fazer, pedem dinheiro ao Estado, acham que são considerados como réus. Só queixas. Nenhum falou nos lucros e em que é que eles são aplicados. Auto-elogios e desculpabilizações não faltaram, bem como o apregoar que está tudo pelo melhor no que respeita à defesa do ambiente.

Soares Gomes da Cimpor, Luis Forte da Petrolgal, Soares Oliveira da Portucel, Sá Nogueira da Inapa, que participaram no painel, asseguram

que «poluem pouco», mas estiveram de acordo, no entanto, que o já envelhecido princípio do poluidor/pagador não satisfaz, apenas «encarece os custos», sublinhando que é necessário que o Estado controle «quem investe para melhorar a qualidade e quem não o faz».

Teria sido um debate mole e em redondo se o Prof. Delgado Domingos, do Instituto Superior Técnico não tivesse colocado as suas intervenções numa tónica «amigavelmente

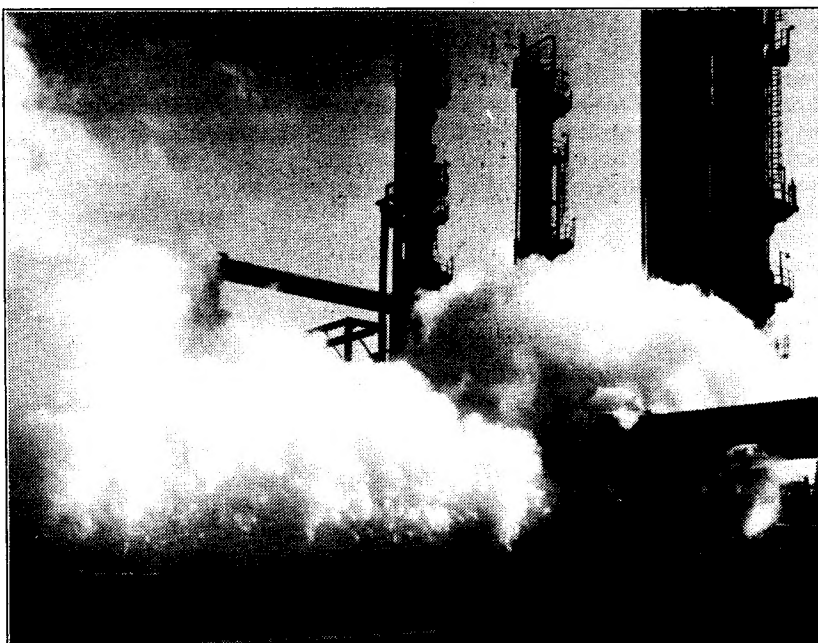
provocatória», com um recado aos empresários: «Vamos ser adultos, não joguem à defesa, estejam na Europa ou não vale a pena existir».

Faria dos Santos, da CAIPA, Comissão das Associações da Indústria Portuguesa para o Ambiente, que existe desde 1972, não se coibiu, porém, de salientar que «as empresas devem ser as entidades ecologistas mais importantes». Disse, por outro lado, que são ouvidos pelo poder, mas «não são entendidos» e que não são as coimas ou multas que «vêm resolver os problemas».

Foi, no mínimo insólito, apesar da insistência do engenheiro Torres Campos em tornar o diálogo frutuoso, assistir a uma boa molhada de engenheiros/empresários, a falar de ambiente, de poluição, de recursos hídricos, de crescimento e de desenvolvimento económico, sem a presença de um único representante de um qualquer grupo ecológico ou de uma associação de defesa do ambiente ou do consumidor.

O argumento de Torres Campos dada ao DL para justificar a ausência de ecologistas na discussão de uma matéria tão importante foi que «não queria privilegiar nenhum grupo ecologista e por isso não convidou ninguém e que tentou contactar responsáveis da Defesa do Consumidor e não encontrou ninguém».

R. F. S.



Indústria portuguesa não usa antipoluentes

ECONOMIA

Às empresas portuguesas é difícil e arriscado ir para Leste.
É preciso empenhamento político e capitais

A miragem do Leste

«É difícil apregoar "vão para lá" mas, em termos de economia em geral, não podemos ficar sentados a assistir à deslocação europeia». Ivo Cruz, director da Associação Industrial Portuguesa, sintetiza, desta forma, em declarações ao DL, os desafios colocados às empresas portuguesas pela abertura económica do Leste europeu, que motivam o seminário, organizado pela AIP, que termina hoje.

Reconhecendo que a equação destes mercados «não é para todas» as empresas nacionais, porque «requer um mínimo», o dirigente do Departamento Internacional da AIP prevê, contudo, que «entrar aí dentro de seis ou sete anos pode ser complicado».

A existência de algum tempo para preparar a entrada no Leste está garantida: «A questão é saber se o aproveitamos». Para impedir o desaproveitamento deste tempo, recomenda uma «articulação empresas-Governo», que passe pela periodização de acções concretas em mercados eleitos como prioritários.

Com a premissa que «seremos bem recebidos, porque Portugal não assusta ninguém», Ivo Cruz define os tópicos, calçado, electrónica, telecomunicações, química fina e medicamentos, como algumas das áreas onde a



Portugal pode entrar no Leste europeu através das telecomunicações

penetração portuguesa no Leste se poderá verificar.

Joint-ventures e contratos de gestão, acrescenta, serão algumas das modalidades que podem concretizar a internacionalização das empresas nacionais.

Arelas movediças

Com uma experiência internacional reduzida a África e Espanha, a grande maioria das empresas precisa de

analisar bem o terreno, mais a mais em zonas com as quais não tem havido intercâmbios comerciais significativos.

Acresce que Portugal não tem o empenhamento político na reconstrução económica do Leste demonstrado pela RFA, que chega a segurar o risco de crédito para investimentos em 100 por cento.

E, segundo diz, razões para receios e riscos não faltam: «Uma coisa é implantar estruturas políticas pluralistas,

outra é privatizar a economia». Porque, esclarece, «não é só privatizar, é também criar mecanismos de mercado».

Quando se entra na discussão destes aspectos é todo um mundo que desfila, animado pela irracionalidade e a gestão ideológica da economia.

Exemplifica Ivo Cruz: «Oficialmente não havia inflação. Mas esta manifestava-se através da ausência de produtos e das bichas».

Continua: «Se faltava a electricidade ou o cimento para uma obra, esta parava e ficava tudo à espera que houvesse o material em falta, porque o problema não era dos responsáveis da construção».

Agora ou nunca

A transição de uma economia gerida pela Ideologia para uma economia de Mercado está a ser difícil e dolorosa. Através do expediente de descentralizar para as empresas o ónus da transição, os responsáveis políticos de Leste estão a assistir ao crescimento do desemprego.

Com o handicap de desconhecem as lógicas, os instrumentos e os mecanismos da economia de mercado, estes responsáveis estão particularmente mal preparados para dirigir a transição.

O exemplo mais gritante é o que se passa com as privatizações de empresas estatais, deficitárias, sem contabilidade e com equipamentos obsoletos, em que há mais perguntas que respostas: quem vende o quê a quem e como?

Porém, a estas dificuldades desincentivadoras do investimento, Ivo Cruz contrapõe: «Dentro de alguns anos, aquelas economias estarão saneadas, sob pena de haver uma catástrofe. Então, será muito mais difícil entrar...».

R.N.

COTAÇÕES



Companhia Geral de

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$70	52\$70
ALEMANHA (marco)	87\$90	89\$20
ÁUSTRIA (schilling)	12\$55	12\$75
BÉLGICA (franco)	4\$084	4\$334
BRAZIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	110\$05	112\$55
(notas de 5 a 1000)	110\$55	113\$05
DINAMARCA (coroa)	23\$00	23\$40
ESPAÑA	1\$359	1\$479
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	128\$75	132\$25
(notas de 5 a 1000)	129\$25	132\$75
FINLÂNDIA (marca)	36\$85	37\$45
FRANÇA (franco)	26\$10	26\$80
HOLANDA (florim)	78\$10	79\$20
IRLÂNDIA (libra)	23\$35	23\$85
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (lêne)	\$972	\$1027
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	25\$55	25\$85
SUÉCIA (coroa)	23\$50	24\$00
SUÍÇA (franco)	104\$40	105\$90
VENEZUELA (bolívar)	2\$403	3\$203

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

SUPLEMENTO DE ECONOMIA



«Suplemento de Economia»

A partir de hoje suspendemos a publicação do «Suplemento de Economia» que, durante cerca de ano, foi editado sob a orientação do jornalista Vitor Leitão, que deixou os quadros do «DL».

Com esta suspensão e o aproveitamento dos recursos humanos disponíveis será tentada uma valorização e uma maior atenção à actualidade da secção diária.



Cresce investimento estrangeiro

Nos primeiros oito meses do corrente ano, o investimento estrangeiro em Portugal atingiu 377,8 milhões de contos, contra 353 milhões de contos registados em igual período de 1989.

Segundo as últimas estatísticas do ICEP, Instituto do Comércio Externo Português, o investimento directo autorizado no primeiro semestre de 1990 foi de 231,2 milhões de contos, o que corresponde a uma taxa de crescimento de 119,56 por cento relativamente a igual período do ano anterior.

A taxa de crescimento mais elevado verificou-se no mês de Março devido ao aumento dos investimentos cujos capitais têm origem directa no Reino Unido e, sectorialmente, nos investimentos em bancos e outras instituições monetárias e financeiras.

Os sectores financeiro e industrial aumentaram significativamente. No primeiro caso, passou de 15,5 por cento de Janeiro a Junho de 1989 para 30,6 em igual período do corrente ano. No sector industrial, nomeadamente nas indústrias químicas e na fabricação de produtos metálicos e de máquinas, equipamento e material de transporte, passou de 5,9 por cento no primeiro trimestre de 1989 para 12,7 no mesmo período de 1990.

O Reino Unido continua a ser o principal investidor estrangeiro em Portugal, com 67,8 milhões de contos, representando 30 por cento do total investido. Os países da EFTA registaram um aumento de peso nos capitais, em relação à CEE, nomeadamente a Suíça, os EUA e o Japão.

O investimento brasileiro, no período em análise, sofreu igualmente uma quebra, baixando de 6,7 por cento do total investido para 3,7 por cento. Mais de sessenta por cento do investimento directo estrangeiro em Portugal deriva de processos de grande dimensão.

ESTANTE

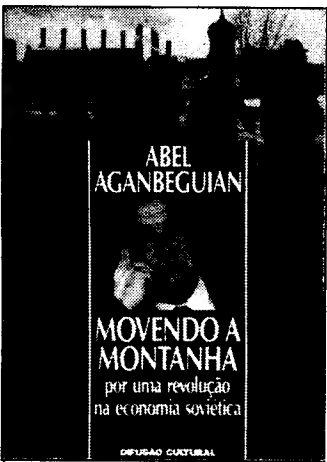


INTRODUÇÃO À GESTÃO
Mário Antunes Soares Madureira
Publicações D. Quixote - Instituto Superior de Gestão, 1990, 458 páginas, 3500 escudos

Este livro pretende conquistar um público mais vasto do que o das universidades para a temática da Gestão das Organizações.

Derivado das aulas dadas pelo autor durante os anos de 1988 a 1990, «Introdução à Gestão» fornece uma visão global do contexto em que se insere a empresa, aborda a importância daquela para as tarefas dos gestores dos vários níveis, realça a importância das pessoas nas organizações e dá uma perspectiva histórica do pensamento e da prática de Gestão.

Mário Madureira é professor catedrático aposentado e chefe do Departamento de Gestão do Instituto Superior de Gestão.



MOVENDO A MONTANHA - POR UMA REVOLUÇÃO NA ECONOMIA SOVIÉTICA, Abel Aganbeguian, tradução de Marisa Paro, Lisboa, Difusão Cultural, 1990, 318 páginas, 2500 escudos.

Como pode funcionar a perestroika? Será ela irreversível? Gorbachov revolucionará a economia da URSS? Eis algumas das questões a que o principal conselheiro económico do líder do Kremlin tenta responder neste livro.

Para o autor, a perestroika diferencia-se das anteriores reformas na URSS por três razões: porque a reconstrução social é um processo global, porque a reforma administrativa é radical e porque a sua força motriz é a democratização.

De fora deixou as nacionalidades. Braga de Macedo disse, durante a apresentação do livro, que Aganbeguian limitou-se a dois dos três «D» do Portugal pós-25 de Abril: «Democracia» e «Desenvolvimento». Omitiu o da «Descolonização».

INTERNACIONAL

Governo francês prometeu mais verbas para o ensino

Protesto de estudantes em Paris causou uma centena de feridos

Mais de cem feridos, na sua esmagadora maioria agentes da polícia, uma centena de viaturas danificadas e 52 detenções, é o balanço da manifestação que ontem reuniu em Paris cerca de 200 mil estudantes liceais, segundo estimativas das autoridades locais.

A manifestação, que juntou adolescentes de Paris e da província, foi marcada por incidentes violentos, protagonizados por centenas de «elementos descontrolados», que desobedeceram o serviço de ordem liceal, que contava com a ajuda de militantes sindicalistas da polícia.

Segundo a polícia, o número de feridos eleva-se a 104, 18 dos quais tiveram de ser hospitalizados. Um estudante foi igualmente hospitalizado.

Os principais incidentes desenrolaram-se perto da gare de Montparnasse e na marginal do Sena. Pierre Verbrugghe, chefe da polícia de Paris, calculou entre 400 a 500 o número dos elementos descontrolados, que partiram montras, pilharam lojas e causaram graves danos em cerca de uma centena de automóveis, 30 dos quais foram incendiados.

Os manifestantes foram obrigados a dispersar ao fim da tarde, depois de a polícia ter utilizado granadas lacrimogénias e canhões de água.

Durante a manifestação, o trânsito no centro de Paris esteve praticamente paralisado e seis estações do met-



Grupos de jovens «descontrolados» estilhaçaram montras e pilharam lojas, em Paris

ropolitano foram fechadas ao público.

No mesmo âmbito do protesto antigovernamental, estudantes manifestaram-se em Marselha, Lyon, Nantes, Clermont-Ferrand e Mulhouse.

Os motivos do protesto

A campanha de protestos teve início em Outubro, quando estudantes da periferia de Paris entraram em greve, na sequência da violação de uma colega numa escola, por indivíduos

estranhos ao estabelecimento, e de assaltos a professores. Os estudantes queixam-se também de que há tráfico de droga e roubos dentro das instalações escolares.

Os estudantes pretendem que o Governo canalize maiores verbas para melhorar a segurança e as instalações escolares, modernizar os currículos e contratar mais professores. Em muitas escolas há mais de 35 alunos por turma.

Nas negociações havidas com o Ministério da Educação, os líderes estudantis reivin-

dicaram também maior liberdade de expressão e de reunião.

A maioria dos manifestantes provinha de famílias de baixos rendimentos e muitos eram filhos de imigrantes.

O Governo francês propôs aumentar o orçamento do ensino para nove por cento em 1991. A concretizar-se a proposta, será a primeira vez em França que a Educação recebe do Governo mais dinheiro do que a Defesa.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Nato optimista quanto à URSS

O secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, afirmou que praticamente já não havia riscos de a URSS voltar a uma «ditadura de tipo clássico» e insistiu na necessidade de ajudar o Presidente soviético Mikhail Gorbachev a realizar as suas reformas. Ao dar a sua opinião pessoal sobre a evolução da URSS, durante uma conferência de Imprensa em Bruxelas, Woerner declarou: «Creio que há coisas reversíveis e outras que não o são. Não creio que a URSS possa voltar a uma ditadura de tipo clássico». Sublinhou a necessidade de «dar toda a assistência necessária a Gorbachev para que ele possa prosseguir com as suas reformas. É preciso, disse, ajudar a URSS a integrar-se na «estrutura nova da Europa» através da cooperação política e económica. «Os países democráticos e estáveis são a melhor garantia para a paz», afirmou ainda, referindo-se à evolução na Europa de Leste. Na declaração preliminar, Woerner defendeu a manutenção de uma Aliança Atlântica forte e unida, acrescentando que a URSS «continuará a ser a potência militar dominante» na Europa.

Na última cimeira em Londres, os dirigentes da NATO convidaram Gorbachev a visitar a sede da aliança em Bruxelas, em data ainda não fixada. Fontes diplomáticas da NATO informaram que é pouco provável que o líder soviético possa deslocar-se a Bruxelas antes de Janeiro.

Redacção «DL»/AFP

Gorbachev em Roma no domingo

O Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, fará no próximo domingo uma visita relâmpago de um dia a Roma, durante a qual se encontrará com o Papa João Paulo II e assinará um tratado de amizade e cooperação com a Itália.

A visita incluirá um almoço de trabalho com o Presidente Francesco Cossiga e conversações com o primeiro-ministro Giulio Andreotti.

Uma nota emitida pelo gabinete do primeiro-ministro italiano diz que o líder soviético será acompanhado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze.

Os dois partirão depois para

Paris, onde na segunda-feira vão participar na cimeira da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) que se realiza de 19 a 21 na capital francesa.

Bolsa de Valores moscovita

A primeira Bolsa de Valores da URSS foi criada em Moscovo com a participação de 187 empresas e bancos soviéticos, foi hoje anunciado oficialmente. A criação da Bolsa de Valores integra-se no conjunto de reformas económicas que estão a ser feitas na URSS para introduzir a economia de mercado.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

B R E V E S

Roubo de testículos gera violência na Nigéria

A crença de que os órgãos sexuais podem ser facilmente roubados por estranhos «mãos mágicas» está a provocar na Nigéria uma sangrenta onda de violência, tendo já causado a morte de várias pessoas. Rumores bizarros de que existem pessoas capazes de roubar testículos e os seios das mulheres através de um simples aperto de mão ou outro contacto casual espalharam-se rapidamente naquele país africano desde que surgiu o primeiro boato do género, em Lagos, em Outubro. Na última semana, seis homens, incluindo um chefe tribal, foram espancados até à morte, apedrejados ou abatidos a tiro em vários acidentes ocorridos depois de algumas pessoas terem lançado o pânico na multidão, ao gritarem que lhes haviam desaparecido os órgãos vitais.

Papandreu depõe sobre o escândalo «Koskotas»

O antigo primeiro-ministro socialista grego, Andreas Papandreu, foi chamado a depor perante um magistrado especial que investiga o escândalo financeiro «Koskotas» que aboliu o seu Governo e o partido socialista helénico. Papandreu, que lidera o Partido Socialista na oposição, espera julgamento pelo seu alegado envolvimento no desvio de mais de 200 milhões de dólares do Banco de Creta e ainda por ter procedido a escutas telefónicas ilegais feitas aos seus amigos e inimigos políticos durante o seu mandato.

Margaret Thatcher pronta para enfrentar adversários

Margaret Thatcher prometeu rebater vigorosamente o desafio dos seus rivais que contestam a sua autoridade no seio do Partido Conservador, sem contudo os nomear durante o seu discurso anual, em honra do novo presidente da Câmara de Londres, proferido ontem à noite.

Com um tom de voz particularmente combativo a primeira-ministra recorreu a expressões específicas do jogo do cricket, o desporto britânico, para atacar indirectamente o ex-ministro da Defesa Michael Heseltine, e o antigo vice-primeiro-ministro, Geoffrey Howe.

A primeira-ministra prometeu «atacar sobre todas as frentes» os seus adversários e «manter-se em jogo apesar dos lançamentos hostis das bolas, nos últimos tempos. Este é o meu estilo», salientou Thatcher.

O seu principal adversário poderá vir a ser Heseltine, que se reuniu com um «conselho de guerra», para discutir com os seus aliados as possibilidades duma vitória, e se deverá ou não colocar o seu nome na lista de candidatos, que será encerrada na próxima quinta-feira.

Heseltine, que partiu ontem para a Alemanha, não fez comentários às suas perspectivas de se candidatar à eleição de líder do Partido Conservador, enquanto Geoffrey Howe deverá explicar, na próxima semana os desacordos com Thatcher e as razões que o levaram à sua recente demissão da Câmara dos Comuns.

Segundo dizem os comentadores, o tom utilizado por Howe no discurso da próxima semana, poderá influenciar Heseltine e levá-lo ou não a desafiar Thatcher.

Crê-se que os votos a favor de Heseltine poderão vir dos descontentes entre os 371 deputados parlamentares conservadores. Noventa e cinco deles, apesar de se encontrarem no parlamento desde que Thatcher foi eleita primeira-ministra, em 1979, nunca foram escolhidos para cargos governamentais. Setenta e oito outros deixaram, voluntariamente, os seus cargos governamentais ou foram demitidos. Mas, mesmo entre eles, encontram-se bastantes que continuam leais à «dama de ferro». Michael Heseltine teria dificuldade em

os convencer a darem-lhe os seus votos.

Além disso, personalidades do Partido Conservador condenam um repto à liderança de Thatcher, por considerarem que causaria ao país, neste momento, graves danos, devido à crise do Golfo.

Para derrotar Thatcher no primeiro escrutínio e forçar uma segunda volta em 27 de Novembro, Heseltine necessita de, pelo menos, 19 votos. Isso não lhe daria, porém, a vitória, e Thatcher poderia ou demitir-se ou candidatar-se na segunda volta.

Relativamente à questão europeia, a primeira-ministra britânica contra-atacou com moderação. «A Europa fez grandes títulos recentemente, mas eu não vejo razão para isso», sublinhou.

O tom do discurso da primeira-ministra foi examinado cuidadosamente pelos seus partidários e adversários quanto à possibilidade da sua posição na Europa poder causar danos à sua posição e ao Reino Unido.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

INTERNACIONAL

Crise do golfo Pérsico longe da solução pacífica

O secretário-geral da ONU considerou que já foi feito tudo o que se podia fazer e agora existe pouco espaço de manobra

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, considerou hoje que, actualmente, é difícil esperar uma solução pacífica para a crise do Golfo, afirmaram funcionários do ministério dos Negócios Estrangeiros japoneses.

Segundo as mesmas fontes, esta declaração foi feita durante um encontro entre o primeiro-ministro japonês, Toshiki Kaifu, e Cuellar, para quem existe já pouco espaço de manobra.

«Já tentámos tudo o que podíamos, incluindo (negociar) a libertação dos denominados reféns. Existe já pouco espaço de manobra», disse Perez de Cuellar. Contudo, o secretário-geral das Nações Unidas mostrou-se atento à planeada cimeira árabe, aguardando que a mesma resulte numa solução pacífica e justa para a crise. Entretanto, num outro encontro entre Cuellar e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Taro Nakayama, este deu a conhecer ao secretário-geral da ONU que o Japão estava a estudar uma nova disposição que permite o envio de pessoal para o Golfo.

Os reforços das defesas multinacionais não cessam, principalmente num momento em que a solução pacífica distancia-se cada vez mais de uma possível resolução para a crise.

Os Estados Unidos lançaram, ontem à noite, para o espaço um foguetão Ti-

tan 4, com uma carga militar secreta, que se crê ser um satélite destinado a identificar qualquer lançamento de mísseis pelo Iraque.

Segundo meios de comunicação norte-americanos, trata-se de um telescópio de infra-vermelhos destinado inicialmente a espiar objectivos militares soviéticos, e que será usado em conjugação com um outro a ser colocado em órbita quinta-feira pelo vaivém espacial «Atlantis», com o objectivo de facilitar a acção da força multinacional no Golfo.

Disposta a dar um passo em frente para a guerra continua a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, que afirmou, peremptoriamente, que «as tropas ocidentais e árabes terão de lutar para libertar o Kuwait, se as sanções da ONU não conseguirem forçar o Iraque a sair do emirado».

«Que não haja dúvidas - vamos libertar o Kuwait», salientou Thatcher durante um banquete oferecido pelo presidente da Câmara de Londres.

«Esperemos que as sanções obriguem o Iraque a retirar do Kuwait em breve. Mas se isso não acontecer, as forças árabes e ocidentais não terão alternativa senão libertar o Kuwait pelos meios militares», acrescentou.

Thatcher afirmou que se a comunidade internacional não agir contra o

Iraque «estará a adiar a solução do problema, deixando-a para as gerações futuras, que terão motivos para nos acusarem».

A chefe do Governo britânico disse que não deve ser permitido que o Iraque mantenha o seu actual poderio militar, salientando que «não se pode permitir que a força da sanção continue nas mãos de alguém que não tem escrúpulos de qualquer espécie».

Cimeira árabe chegou atrasada

O secretário-geral do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) afirmou que a proposta de Marrocos para a discussão da crise do Golfo numa cimeira árabe não teria qualquer resultado, porque veio «demasiado tarde».

Abdallah Bishara, um kuwaitiano, disse ontem, em conferência de Imprensa, na Arábia Saudita, que «o CCG fez um apelo à paz e à compreensão, mas não tem paciência para esperar até que o Kuwait tenha sido varrido do mapa».

O secretário-geral do CCG, que integra, além do Kuwait, a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, Barém, Qatar e Oman, manifestou a esperança de que o seu país seja libertado antes de 25 de Fevereiro, dia em que se comemora a independência do emirado.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Primeiras eleições directas

Aristides Pereira recandidata-se à presidência de Cabo Verde

Aristides Pereira, o primeiro e único Presidente na História de Cabo Verde, anuncia hoje a sua candidatura às primeiras eleições presidenciais directas do país, que se realizarão em Fevereiro do próximo ano. A decisão de Aristides Pereira, dada como certa já há algum tempo, será formalmente anunciada esta noite.

A cerimónia, que assinalará oficialmente a candidatura de Aristides Pereira ao quarto mandato presidencial, é a primeira na história de Cabo Verde e realiza-se no Centro Social 1º de maio, na Cidade da Praia, com a presença de cerca de 500 convidados.

Também pela primeira vez, Aristides Pereira irá ter um adversário: o ex-presidente do Supremo Tribunal de Justiça, António Mascarenhas Monteiro, cuja candidatura será formalmente anunciada sexta-feira.

Antes da abertura ao multipartidarismo, decidida em Fevereiro deste ano pelo PAICV, o partido no poder, o Presidente da República de Cabo Verde era escolhido entre os deputados da Assembleia Nacional Popular.

Aristides Pereira, que no sábado completará 67 anos, é considerado pelos seus apoiantes como «o melhor posicionado para garantir a necessária estabilidade durante e após o período de transição para o pluripartidarismo».

Os adeptos da candidatura realçam, por outro lado, o «elevado prestígio internacional» de Aristides Pereira e a sua «moderação».

O actual Presidente conta com o apoio do PAICV, partido de que foi secretário-geral até Julho deste ano. Por outro lado, António Mascarenhas Monteiro de 46 anos de idade, é apoiado pelo «Movimento para a Democracia», a principal força da oposição.

A primeira volta das eleições presidenciais está marcada para 17 de Fevereiro, cerca de um mês depois das primeiras eleições legislativas pluripartidárias.

Redacção «DL»/Lusa

Fome e pobreza à cabeça dos problemas

Situação agrava-se em Moçambique

A situação de emergência em Moçambique deteriorou-se nos últimos meses, com cerca de dois terços da população a viver em pobreza absoluta, disse hoje à Lusa um informador das Nações Unidas.

A fonte, que considerou «endémica» a situação de subnutrição, em particular da população deslocada de guerra, adiantou que o agravamento se deve à fraca resposta da comunidade doadora ao apelo lançado em Abril, pelas Nações Unidas. Estatísticas oficiais apontam em mais de cinco milhões o número de pessoas deslocadas e em cerca de 900 mil o número de cidadãos mortos devido à fome e à guerra, que dura há 13 anos.

O aumento do número de pessoas que necessitam de

assistência e emergência, tanto alimentar como sanitária, fica a dever-se, segundo fontes oficiais, à recuperação, pelas tropas moçambicanas, de diversas localidades que tinham sido tomadas pela RENAMO, em particular na região centro do país.

O movimento rebelde, que se opõe ao Governo de Maputo, acusa, por seu lado, as autoridades moçambicanas de estarem a praticar uma política de «terra queimada» nas ofensivas que desencadeiam, obrigando as populações que vivem sob controlo da RENAMO a abandonar as suas aldeias para irem viver nas sedes distritais sob controlo governamental.

RENAMO

mata um português

Entretanto, segundo infor-

mações de fontes diplomáticas portuguesas na capital moçambicana, um português, José Inácio de Sousa, foi morto domingo numa emboscada a viaturas, na estrada que liga Maputo ao Xai-Xai. Inácio de Sousa, de 33 anos, era o dono de uma exploração agrícola de grande dimensão na Palmeira, que inclui anidades descaque e, também, uma pequena inidade hoteleira.

A coluna em que seguia o malogrado agricultor, e que transportava o corpo de um funcionário da sua exploração agrícola que se havia suicidado sábado, foi emboscada na localidade de Bobol, acima de Marracuene, ao que se presume por guerrilheiros da RENAMO.

Redacção «DL»/Lusa

Miguel Arraes

Por lapso de que nos penitenciamos, o texto do nosso colaborador Fernando Piteira Santos sobre Miguel Arraes, que acompanhava a entrevista que ontem publicamos com o governador de Pernambuco, inseria lamentavelmente estropeado o nome daquele político brasileiro. Aos leitores e ao autor as nossas desculpas.

Detidos sete manifestantes em Tóquio

A polícia japonesa anunciou a detenção de sete pessoas, incluindo a bailarina Gensh Hanayagi, durante manifestações ontem realizadas na capital, em protesto contra as cerimónias de entronização do imperador Akihito. Durante a tarde, em simultâneo com o desfile imperial pelas avenidas de Tóquio, mais de 2.000 pessoas do grupo radical Chukakuha, a que se juntaram militantes de outros grupos de extrema esquerda, desfilaram em protesto contra as cerimónias da coroação. O Chukakuha reivindicou a maior parte dos 36 casos de fogo posto e ataques com morteiros perpetrados durante o dia contra vários alvos. Mas que só causaram um ferido. O mesmo grupo reivindicou igualmente o atentado à bomba contra a residência oficial do cônsul geral dos Estados em Osaka e Kóbé.

ESTA SEMANA HÁ JACKPOT

PREVISÃO
220 MIL
CONTOS



Eu Já Entreguei
o Meu!



É Fácil. É Barato. Dá Milhões

QUOTIDIANO

■ B R E V E S

Lisboa vai sofrer cortes no abastecimento de água

O abastecimento de água a Lisboa e alguns concelhos limítrofes pode sofrer cortes nas «horas de ponta», de sexta-feira, devido a obras de beneficiação em Castelo do Bode, revelou hoje um responsável da EPAL. Este porta-voz esclareceu ainda que desde o passado dia 8 a pressão de água de abastecimento a Lisboa tem diminuído, por causa das referidas obras. Os cortes anunciados para sexta-feira serão «muito pontuais e por pouco tempo».

Assaltantes levam 20 mil contos de empresa de segurança

Três indivíduos assaltaram, ontem à tarde, próximo de Vila Praia de Ancora, concelho de Caminha, o furgão de uma empresa de segurança, de onde roubaram cerca de 20 mil contos. Os assaltantes, três jovens usando óculos escuros, interceptaram o furgão, cerca da 15 horas, com dois veículos ligeiros, na estrada que liga Vila Praia de Ancora à praia de Moledo. Sob ameaça de armas de fogo obrigaram os dois empregados da Securitas a entregar os valores. As viaturas utilizadas para o assalto, ambas furtadas, foram mais tarde encontradas no lugar de Lages, próximo do local do assalto. Dentro de um dos automóveis foi encontrada uma metralhadora e duas pistolas de calibre nove milímetros.

Provedor de Justiça investiga instrução de Comandos

O provedor de Justiça, Mário Raposo, abriu um inquérito às condições de instrução no Regimento de Comandos da Amadora, na sequência da morte de um recruta, disse uma fonte judicial. A investigação iniciou-se na passada semana, após uma notícia do semanário «O Independente» que referia ter a morte do recruta, José Mário da Silva Nunes, em 11 de Setembro, ocorrido devido a espancamentos, alegadamente praticados por um tenente instrutor de apelido Soares.

Roberto Carneiro empossa Conselho da Reforma

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, disse ontem, em Lisboa, que as críticas dos professores à actuação do Ministério da Educação são uma demonstração do «empenhamento» destes na reforma educativa. Roberto Carneiro fez esta declaração na tomada de posse do Conselho de Acompanhamento da Reforma Curricular, um órgão independente que será dirigido por Albano Estrela, catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Carvalho da Silva preconiza participação nas empresas

Os trabalhadores devem participar cada vez mais na vida das empresas e da sociedade em geral, fazendo valer os seus direitos, afirmou o coordenador da CCTP, Manuel Carvalho da Silva, ontem, na abertura de uma conferência subordinada ao tema «Direito ao Trabalho: que Futuro?». O dirigente sindical disse ainda: «Consideramos que daí resultam vantagens para todos os cidadãos e para o reforço da sociedade democrática».

Têxteis do Sul em greve na próxima sexta-feira

O Sindicato dos Têxteis do Sul convocou uma greve para sexta-feira, em apoio da reivindicação de aumentos salariais de 14,8 por cento, informou a Federação dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles.

Nas últimas chuvas, os bombeiros acudiram. Perante o estado do edifício, aconselharam a evacuação dos moradores



Cinquenta e cinco crianças de uma creche estão em risco de ficarem sob os escombros de um prédio degradado, propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, que cobra aluguer mas não se assume como senhoria.

O edifício situa-se no número 337 da Rua de São Bento, onde no segundo andar se encontra instalado uma creche e jardim de infância da Coopercedo, instituição com sede no Porto e delegações em Évora e em Lisboa.

A presidente da Coopercedo, Gracinda da Silva Pereira dos Santos, manifestou-se muito preocupada com a vida e a integridade física das crianças entregues ao cuidado da sua organização, em declarações que fez, na manhã de hoje, ao «DL».

Lança um apelo a todas as entidades oficiais de Segurança Social, camarárias e governamentais. «Ajudem-nos! É urgente! A sociedade tem de se assumir perante um problema que não pode ser adiado».

Gracinda dos Santos conta que o edifício já há muito ameaça ruir e que há anos vêm pedindo obras, conseguindo apenas que colocassem um telhado. Mal posto, pois não foram beneficiados os suportes, pelo que as chuvas continuam a entrar e o prédio a degradar-se.

Perante as reclamações, os vereadores empurram uns para os outros sem que a solução surja. Na passada

quinta-feira, a chuva caiu com tanta intensidade no interior que as crianças tiveram de ser retiradas do edifício e entregues aos familiares.

Reconhece que o prédio foi ocupado em 1974, quando estava fechado e sem ninguém e logo tentaram regularizar a situação com a entidade proprietária, a Câmara Municipal de Lisboa.

Depois de alguns anos de negociações a CML passou um documento em que autoriza a ocupação, a troco de cinco contos mensais, com pagamento retroactivos dos anos antecedentes.

Curiosamente, a CML tem actualizado a «renda» em conformidade com a lei do inquilinato. Actualmente

Prédio com infantário ameaça ruir



As crianças do infantário brincam inconscientes do perigo que as espreita

pagam sete contos por mês.

Gracinda dos Santos diz ter sido aconselhada a fazer as necessárias obras de conservação, mas pergunta: «onde vou arranjar os 10 a 15 mil contos necessários?»

Refere que na delegação de Évora, onde têm 75 crianças, conseguiram um empréstimo de cinco mil contos da Secretaria de Estado da Segurança Social, dos fundos da CEE, para as obras do edifício onde estão instalados, mas estão a pagar esse empréstimo à Secretaria de Estado.

As crianças recebidas na instituição são oriundas de famílias modestas. Os preços são cobrados em função do rendimento do agregado

familiar, pelo que variam entre os mil e os dez mil escudos, sendo a maioria dos escalões inferiores.

Não podem fechar a creche pois tal criaria problemas de difícil solução às famílias -- explica a presidente. Adianta que não estão capacitados para alugar uma casa por 150 contos, pois assim não poderiam dar de comer aos bebés.

A finalizar, Gracinda Pereira dos Santos afirmou que a Misericórdia tem muitas casas fechadas, que podia ceder. Não pode fugir à responsabilidade, especialmente num momento como este em que a solução exige uma actuação célere.

D. B.

Arguidos ameaçam-se no tribunal de Aveiro

Dois dos principais acusados no processo relativo à rede de tráfico de estupefacientes envolveram-se em querela verbal na primeira audiência do julgamento que ontem se iniciou em Aveiro. Quando o juiz interrompeu a sessão para almoço, o arguido José Augusto Lázaro queixou-se de ter sido pontapeado pelo arguido Zacarias Silva, o que este negou, acusando o outro, por seu turno, de ser um «homem maquiavélico». José Augusto Lázaro, que, segundo consta, fez muitas declarações à polícia que são do desagrado de outros arguidos, disse ainda, aos gritos, que Zacarias Silva ameaçara apertar-lhe o pescoço, caso falasse contra ele.

Os 39 arguidos são acusados de envolvimento numa rede que operava através de um processo pouco vulgar: a

utilização de encomendas postais para introduzir estupefacientes em Portugal. Segundo as investigações da Polícia Judiciária, os traficantes actuavam com base em Caracas (Venezuela), sob a coordenação de um casal constituído por um português, Zacarias Jesus da Silva e uma venezuelana de origem equatoriana, Edna Thália Jarrin Maya.

O tribunal, presidido pelo juiz José Macário, indeferiu ontem dois requerimentos apresentados pela defesa. Um deles contestava a legitimidade das acusações, que afirma basearem-se em escutas telefónicas «de duvidosa constitucionalidade».

Antes do encerramento da sessão, um dos 20 advogados de defesa alegou que a sua constituinte, Paula Costa, é portadora de doença do foro psiquiátrico,

«susceptível de levar à declaração de inimizabilidade da arguida ou imputabilidade reduzida». O acusadíssimo acrescentou que por essa razão a sua constituinte atentara contra a própria vida, «pelo menos quatro vezes, em dez meses de prisão preventiva».

O representante do Ministério Público levantou dúvidas sobre o fundamento da declaração da inimputabilidade. Solicitou o indeferimento do requerimento apresentado, sem embargo de, mais tarde, poder vir a ser dado provimento ao pedido.

Entre os 28 arguidos presentes na audiência de ontem contam-se três dos quatro principais acusados: Zacarias Silva, Carlos Manuel e José Augusto Lázaro. O quarto elemento, Valtér Ferreira da Silva, é julgado à revelia.

LOTARIA POPULAR

1º - 242402	3 000 000\$00
2º - 319659	1 000 000\$00
3º - 059978	500 000\$00
4º - 039990	250 000\$00
Terminações em 2402	85 000\$00
Terminações em 402	60 000\$00
Terminações em 659	10 000\$00
Terminações em 978	3 500\$00
Terminações em 990	1 500\$00
Terminações em 12,25,60,66,70,89 e 99	500\$00

Entidades oficiais prevêm encerramento de discotecas

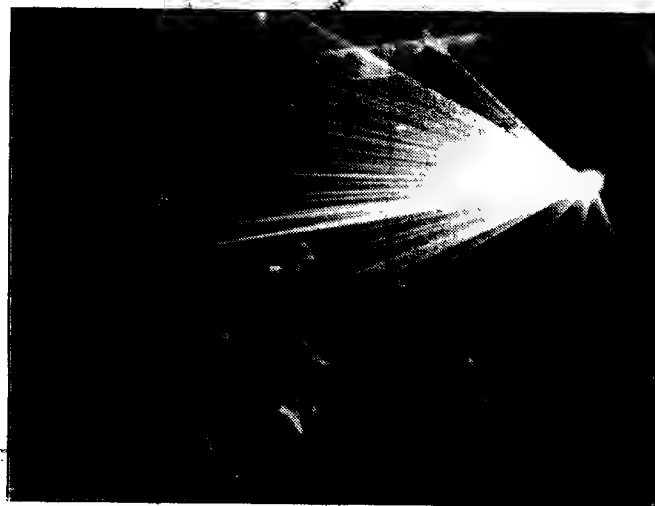
Em nova reunião realizada na Sectararia de Estado do Ambiente, os empresários pediram um período razoável para remodelação

O encerramento compulsivo de um número indeterminado de estabelecimentos de diversão nocturna decorrerá naturalmente dos consensos alcançados numa reunião que ontem se realizou na Secretaria de Estado do Ambiente, sobre as questões do licenciamento e dos limites ao funcionamento daquelas casas comerciais.

Embora não tenha sido ainda definitiva, a reunião, de acordo com o representante do mesmo departamento do Governo, António Moura, permitiu que se estabelecesse um conjunto de condições básicas para a abertura e a continuidade de estabelecimentos como boîtes, cabarets, discotecas, bares e outros, de horário predominantemente nocturno. E, segundo a mesma fonte, são muitos, em todo o País, os que não obedecem aos requisitos mínimos acordados.

Além do representante do Governo, representantes da PSP, da Associação Nacional dos Empresários do sector, da Direcção-Geral dos Espectáculos, da Câmara Municipal de Lisboa e da Direcção-Geral da Qualidade do Ambiente participaram no encontro, em que se acertou nos atributos sem os quais estão condenadas casas comerciais deste tipo.

Entre eles merece destaque



Os proprietários de recintos de diversão nocturna não contestaram a legislação em vigor relativamente ao ruído

a localização, como primeira das condições externas a considerar, seguindo-se uma diligência para apuramento das condições internas, na qual participam entidades como bombeiros, polícia, delegado da Saúde e Câmara Municipal. E mesmo pelos representantes dos proprietários foi reconhecido que, em todo o País, muitos estabelecimentos de diversão nocturna não satisfazem os requisitos agora aprovados.

No que respeita ao ruído produzido, não houve contestação da legislação em vigor, que determina que o diferencial entre ele e o ruído de fundo, ou seja, do en-

volvimento urbanístico, não pode exceder, em certos períodos, dez decibéis.

Foi também decidido realizar uma outra reunião, que será a terceira sobre a matéria, em data a fixar, e destinada à elaboração de um organograma consignando as diligências necessárias à abertura de casas do género. As já existentes, essas, serão objecto de vistorias, sempre que haja denúncia de irregularidades.

Entre estas, as mais frequentes, segundo ressaltou desta troca de impressões entre autoridades e comerciantes, nem serão somente o nível acústico da aparelhagem sonora, mas a falta de con-

dições de segurança, nomeadamente contra incêndios, e as concentrações tumultuosas à entrada.

Único ponto em relação ao qual ainda se mantém controvérsia é o da primeira instância a que submeter os pedidos de licenciamento, com a Direcção-Geral de Espectáculos a reivindicar prioridade sobre as Câmaras Municipais, contra o que parece ser a preferência do representante do Governo.

Outra decisão adiada respeita à reivindicação da Associação Nacional dos Empresários do sector, exposta por Fernando Jorge Correia, e que é a de que discotecas e similares em situação irregular disponham de um prazo razoável para remodelações que lhes permitam subsistir.

Fontes da Secretaria de Estado do Ambiente disseram no entanto ao «DL» que numerosos estabelecimentos não dispõem de meios financeiros, ou sequer físicos, para se conformarem às exigências da lei.

Linha verde esclarece dúvidas sobre herpes

No primeiro mês de actividade, o Centro de Informação sobre o Herpes atendeu 660 chamadas e recebeu mais de 400 cartas o que é considerado «bastante positivo no tocante ao interesse manifestado pelas pessoas em obter informação completa sobre o vírus do herpes», na apreciação feita por responsáveis da nova organização. A mais conhecida das manifestações deste vírus é o herpes labial, sendo igualmente difundidos o herpes genital, a zona, a mononucleose infecciosa e a varicela. São doenças com alta taxa de contágio. O Centro de Informação sobre o Herpes presta informações sobre estas infecções, designadamente os seus sintomas característicos, a prevenção e a eventual cura. Funcionando diariamente, de segunda a sexta-feira, entre as 14 e as 18 horas, o Centro pode ser contactado telefonicamente, através do número 500 19 91 (linha verde) ou por carta, escrevendo para o Apartado 10 218, 1017 Lisboa. O Centro responde a todas as questões colocadas com uma carta sobre o assunto a esclarecer, enviando também um folheto informativo sobre os diversos tipos de herpes.

Madeira com 168 anos é leiloado amanhã

Uma garrafa de vinho verde da Madeira com 168 anos vai ser leiloadada amanhã, à noite, em Lisboa, com uma base de licitação de 49 mil escudos. A garrafa está incluída nos 62 lotes do primeiro leilão de vinhos velhos da Madeira realizado na capital portuguesa e que decorre na sala ogival do Castelo de São Jorge. Produzido em 1822, na zona Sudoeste da ilha da Madeira, este vinho foi envelhecido durante 76 anos em armazéns à beira mar até que, em 1960, foi engarrafado. Dizem os especialistas que talvez existam apenas 10 garrafas deste precioso licor. Os vinhos centenários da Madeira são, na opinião de muitos dos grandes apreciadores e conhecedores de vinhos do Mundo, os mais nobres da família dos licorosos. O presidente do Instituto do Vinho da Madeira, Constantino Palma, avaliou em dois milhões de contos o valor que poderá atingir o leilão de amanhã.

Desastre ecológico no Tejo

Câmara de Vila Franca recusa encerramento do processo

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira «ameaça» proceder à emissão de comunicados com uma periodicidade quinzenal enquanto o desastre ecológico no Tejo — em que morreram mais de cem toneladas de fátuas — não estiver devidamente esclarecido. Fonte municipal disse ao «DL» que a edilidade continua à espera de informações do Poder Central, cerca de três semanas depois das «afirmações irresponsáveis» de Macário Correia.

O secretário de Estado do Ambiente acusou, na Assembleia da República, a Câmara Municipal de ser a «principal culpada» e «principal responsável» pela morte do peixe entre Vila Franca de Xira e Alhandra, mas veio a retirar a primeira expressão.

Pelo menos, o texto do «Diário da Sessão» de 12 de Outubro é omissivo sobre a atribuição de culpas, muito

embora a edilidade tenha em seu poder uma gravação, via RTP, da sessão dessa sexta-feira, em que Macário Correia faz semelhante acusação. O que se passou entre o que foi dito e o que foi redigido pelos competentes serviços parlamentares?

A despeito da acusação feita à Câmara Municipal e que esta considera «não fundamentada», estamos todos longe de conhecer o quadro geral das causas e dos responsáveis pela segunda hecatombe de peixes no Tejo no curto espaço de onze meses.

Investigações continuam

«Até hoje, três semanas após as afirmações irresponsáveis do secretário de Estado, ainda não estão na nossa posse quaisquer relatórios sobre as investigações feitas, tendo-se, pelo contrário, a confirmação de que continuam a decorrer as investigações em diferen-

tes laboratórios nacionais», refere a edilidade em comunicado.

A Câmara de Vila Franca de Xira considera por isso que «este processo está longe de ser encerrado», estando os advogados que representam o Município a ultimar a queixa a apresentar em tribunal contra as «afirmações caluniosas» do secretário de Estado do Ambiente e junto ao provedor de Justiça.

«Continuamos a considerar, até prova irrefutável em contrário, que a acusação à desratização realizada nos meios urbanos do concelho carece de bases sólidas e manifesta enormes lacunas», diz ainda a autarquia presidida por Daniel Branco, que avança também a determinação de não permitir que «uma vez mais se fique sem concluir nada de concreto, sem se tomarem medidas para o futuro».

Júlio Rodrigues

ESTA SEMANA NÃO PERCA

jornal de letras, artes e ideias

LETRAS DE ESPANHA

PRÊMIO DE POESIA APE/CTT
A. RAMOS ROSA:
«ACORDES» TRIUNFAIS
● TEXTO E CATORZE POEMAS INÉDITOS

MÁRIO CLÁUDIO
A TINTA
DAS VIRTUDES

● REPORTAGEM ● DEPOIMENTOS DE ANGEL CRESPO E FRANCISCO BRINES

● UM TEXTO DE EUGÉNIO DE ANDRADE

● MÁRIO SOARES apresenta «História da Europa»
● ROGÉRIO PAULO, 40 anos de teatro em entrevista
● ALICE VIEIRA, escritora a tempo inteiro ● DAVID MOURÃO-FERREIRA e TEOLINDA GERSÃO: um voo quase para a morte ● Um texto de JORGE AMADO

Como atrasar a velhice ao chegar à meia-idade

Pseudotraumas dos «maduros» podem ser ultrapassados



A vida é um complexo processo de subtilezas e constantes alterações. No meio sociocultural em que vivemos, as alterações físicas e emocionais que identificam o início da meia-idade ocorrem por volta dos 40-50 anos.

A meia-idade, na maioria dos casos, ocorre numa altura em que, no caso masculino, já se atingiu um certo estágio de realização pessoal e profissional, sendo o momento exacto para começar a pensar, ou repensar, no futuro, na reciclagem do passado e na melhor estruturação do presente.

No caso feminino, em linhas gerais, a preocupação mais premente, baseia-se na educação e bem-estar dos filhos ou netos, vê-los crescer em saúde e harmonia. O próprio facto de acompanhar o seu crescimento e chegar à conclusão fatídica de que se irão transformar em adultos independentes, provoca, no foro psicológico, pseudotraumas de velhice precoce e de inutilidade.

À medida que se caminha na meia-idade, começa-se a dirigir a atenção para a reforma, para uma melhor resolução dos problemas financeiros, em compatibilidade com a boa administração do tempo livre.

Surgem, ou agravam-se, as rugas e a obesidade, agora bem visíveis. A artrite, o glaucoma e as doenças cardiovasculares são algumas das novas afeições que poderão caracterizar o passaporte para a meia-idade.

Embora, e erroneamente,



Não há limite de idade para o desporto

se considere que a pujança física e o potencial dinamismo a ela inerente, sejam exclusivos apanágios da juventude, tal não corresponde à realidade.

Evitar os riscos

Como qualquer outro período da vida do ser hu-

mano, a meia-idade tem os seus pontos altos e baixos. Convém, no entanto, e desde já, salientar que esta nova fase oferece também novas possibilidades. Torna-se, portanto, importante fomentar todos os esforços na ideia de manter uma boa forma física e psíquica.

Os cardiologistas afirmam que o surto e a gravidade das doenças cardíacas dependem de vários factores, tais como a hereditariedade, a idade, e a existência de outras doenças, para não falar nos hábitos alimentares. Para que não se verifique quebra de energia, tal como o desgaste físico e a predisposição nata para a obesidade, deverão os indivíduos da meia-idade desenvolver esportes regulares de exercício. Estes ajudam a manter o tônus muscular e evitam o excesso de peso. Torna-se importante notar que qualquer pessoa pode, a partir de certa idade, manter uma profissão normal e mesmo praticar um desporto dito violento, como o ténis e a natação, desde que goze de boa saúde e tenha o cuidado de a manter.

Como é natural, com a idade, os ossos tendem a perder a solidez necessária ao bom desempenho das suas funções. A falta de cálcio, entre outras substâncias, provoca o agravamento de certas doenças ósseas. Portanto, como é compreensível, os acidentes são de evitar. Na

opinião dos psiquiatras, muitos dos acidentes, a maioria, não acontecem por mero acaso. Poderão ser explicados pela existência de sentimentos recalcados de vingança, e mesmo pensamentos de suicídio, agregados a graves perturbações de ordem psíquica, como a depressão ou a excitação. É, portanto, desaconselhável conduzir ou empreender actividades de certo risco.

O desejo sexual

Para manter a saúde, um regime alimentar adequado é imprescindível, pois ajuda

a defender o organismo do stress mental e físico. Não esquecer que a obesidade é um risco gravíssimo de morte, na meia-idade, quer directa quer indirectamente. Favorece a incidência da arteriosclerose, das doenças vasculares e da tensão alta, bem como pode provocar o aparecimento de diabetes.

Há, por conseguinte, um número relativo de doenças que pode afectar indivíduos de meia-idade - algumas das quais vamos passar a enumerar: diabetes mellitus, tumor maligno, ou cancro, glaucoma, presbiopia, pres-

biacusia, enfisema e bronquite, doenças coronárias, febre reumática, hipertensão, insuficiência cardíaca, úlceras, hérnias, doença da vesícula biliar, veias varicosas, doença dos vasos sanguíneos das extremidades, artrite, próstata e menopausa.

A diminuição da produção das hormonas sexuais, quer no homem quer na mulher, ocorre por volta dos 40-50 anos. Não significa, no entanto, que com esta notável redução, não se possa manter uma vida sexual activa, mudando de pessoa para pessoa, devido aos diferentes padrões emocionais e respectiva formação psicológica.

Algumas mulheres manifestam um aumento da actividade sexual entre os 45 e os 55 anos de idade - devido à ausência do receio de engravidar ou a uma súbita disponibilidade temporal ou de energia, anteriormente utilizada na educação dos filhos. Mas, pelo contrário, outras mulheres sentem um manifesto desinteresse pelo sexo, aquando da chegada à meia-idade, devido a anteriores problemas e frustrações sexuais.

No homem, a capacidade sexual pode diminuir a partir dos 50 anos. Todavia, recentes pesquisas provaram que este facto não é, de todo inevitável. O excesso de comida e, especialmente, o abuso do álcool provocam uma diminuição temporária da capacidade e do desejo sexuais.

Resumindo, dir-se-ia que o «know-how» para a conservação de uma boa capacidade sexual na meia-idade, consiste no manter, a um nível regular, a prática de relações sexuais.

«DL»/Agência Europeia de Imprensa



O exercício físico retarda o processo de envelhecimento e evita muitas das doenças da meia-idade

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO MUNICÍPIO DE LISBOA
campo grande, 29-1.º - 1700 Lisboa - telefones 77 34 48 e 76 12 10

AO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
AO SENHOR MINISTRO DO EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL
AO SENHOR MINISTRO DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

PRÉ-AVISO DE GREVE

O S.T.M.L. — Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa, com sede em Campo Grande, 29-1.º, 1700 Lisboa, promove uma Greve no Município de Lisboa no dia 20 de Novembro de 1990, das 0 às 24 horas. Para os trabalhadores que iniciam o período de trabalho à noite, após as 20 horas, a greve terá início às 22 horas do dia 19/11/90 e terminará às 22 horas do dia 20/11/90.

Objectivos:

Por aumentos salariais que dignifiquem os trabalhadores da Administração Local.

Por descongelamento dos escalões do N.S.R. justos e dignificativos para os trabalhadores da Administração Pública.

Assim, ao abrigo do n.º 1 do Art.º 2.º da Lei 65/77, de 26 de Agosto e nos termos do seu Art.º 5, se comunica que os trabalhadores do Município de Lisboa se deverão considerar em Greve se outro motivo não declararem expressamente.

Lisboa, 12 Novembro de 1990

pel'A Direcção
Fernanda Dias

Professores suspendem aulas em escola de Palmela

Construídos em 1974, a título provisório, os pavilhões pré-fabricados atingiram um estado de degradação inimaginável

As aulas na Escola Secundária de Palmela estão suspensas desde ontem, de acordo com uma decisão tomada pelos docentes deste estabelecimento de ensino e que dá corpo a uma reivindicação consagrada em assembleia geral de professores: o compromisso escrito, por parte do Ministério da Educação, de que em 1991 seja construída uma nova escola... há oito anos prometida.

«Falta de vontade política» dos responsáveis ministeriais, nomeadamente da respectiva Direcção Regional de Educação, é a principal acusação dos professores de Palmela que, para já, sustêm que a decisão de paralisar as aulas é para ser levada «até às últimas consequências».

«Não nos resta outra alternativa senão pensar que o Ministério da Educação está, inacreditavelmente, a adiar a construção da nova escola», afirmou ao «DL» o presidente da Escola Secundária de Palmela.

E isto porque, tal como sublinhou Manuel Parrinha, a Câmara Municipal de Palmela «tem reunidas todas as condições» para avançar com a construção do novo estabelecimento de ensino, necessidade para a qual, aliás, «têm sido desenvolvidos e intensificados todos os esforços possíveis no sentido de alertar para a realidade que aqui se vive».

Impossibilidade de permanecer um dia inteiro dentro das instalações da

actual Escola Secundária de Palmela, dado o estado de degradação dos pavilhões pré-fabricados que a constituem é a principal dificuldade com que se confrontam alunos e professores, ali «armazenados» desde há dezasseis anos.

De acordo com Manuel Parrinha, a actual escola foi concebida em 1974 com um carácter «meramente provisório».

Após a decisão, há cerca de oito anos, de construir uma nova escola para os alunos do ensino secundário de Palmela, «nada foi feito pelo Ministério da Educação no sentido de proceder à sua concretização».

«A verdade - sublinhou ao «DL» o presidente do con-

selho directivo da actual escola - é que ao longo de oito anos já formámos uma geração de alunos, está quase outra para sair daqui e nada é dado em troca».

Com 1090 estudantes sem aulas em função da decisão dos docentes de encerrar as portas da escola - situação manifestamente apoiada pelos alunos, pais e autarquia local - «espera-se agora que o processo comece a mexer e tenha pernas para andar».

Para tal, um grupo composto por representantes dos docentes, dos alunos, dos pais e da Câmara de Palmela deslocou-se ontem mesmo ao Ministério da Educação e ao Governo Civil de Setúbal a fim de «ser dado conheci-

mento da situação que se vive na escola».

«Assumimos o compromisso de que o que hoje é possível, amanhã tem que ser», sustentou Manuel Parrinha para quem, à semelhança de todo o corpo docente da Escola Secundária de Palmela, «a decisão tomada é para ir até ao fim, ou seja, até ao compromisso, por escrito, do Ministério, celebrando a construção do novo estabelecimento de ensino em 1991».

«Sabemos que vamos estar sujeitos a pressões, mas a nossa vontade é conseguir resistir até concretizarmos aquilo que é uma necessidade urgente para o ensino e para os jovens de Palmela», concluiu.

Ministério da Saúde quer saúde escolar

O Ministério da Saúde quer a tutela do programa de saúde escolar, actualmente sob orientação do Ministério da Educação. Esta passagem «deverá ocorrer o mais rapidamente possível», defendeu, ontem, Albino Aroso, secretário de Estado daquele ministério, na sessão de abertura das I Jornadas de Saúde Materno-Infantil.

Referindo-se à assistência às grávidas e ao recém-nascido até aos quatro meses, aquele membro do governo reconheceu que, em Portugal, «a mortalidade peri-natal ainda regista fortes assimetrias».

Na opinião de Albino Aroso, a saúde infantil deve ser um investimento a «mais de 80 anos». «Investimento este que é rentável», acrescentou.

As jornadas, que hoje terminam, têm como objectivo principal a melhoria dos cuidados de saúde materno-infantil, através da divulgação e dinamização de programas apropriados e da vacinação.

Rita Damião, presidente da comissão instaladora da Administração Regional de Saúde de Lisboa, referiu que as metas da organização, para 1991, das taxas de mortalidade peri-natal e infantil na capital, são de 13 por cento e nove por cento, respectivamente. O ano passado, estes valores eram de 14 por cento e 9,9 por cento, registando a primeira um aumento e a segunda um decréscimo, em relação a 1988.

No próximo dia 20

Fenprof confirma greve

A Fenprof - Federação Nacional de Professores - confirmou já a realização de um dia de greve do sector docente no próximo dia 20, coincidente com a paralisação geral dos trabalhadores da Administração Pública e dos Quadros Técnicos do Estado.

De acordo com uma fonte da estrutura representativa dos docentes, as perspectivas salariais para o próximo ano são «negras», situação que deriva da proposta governamental de aumentos para toda a Função Pública inferiores ao acordado pelo Conselho de Concertação Social.

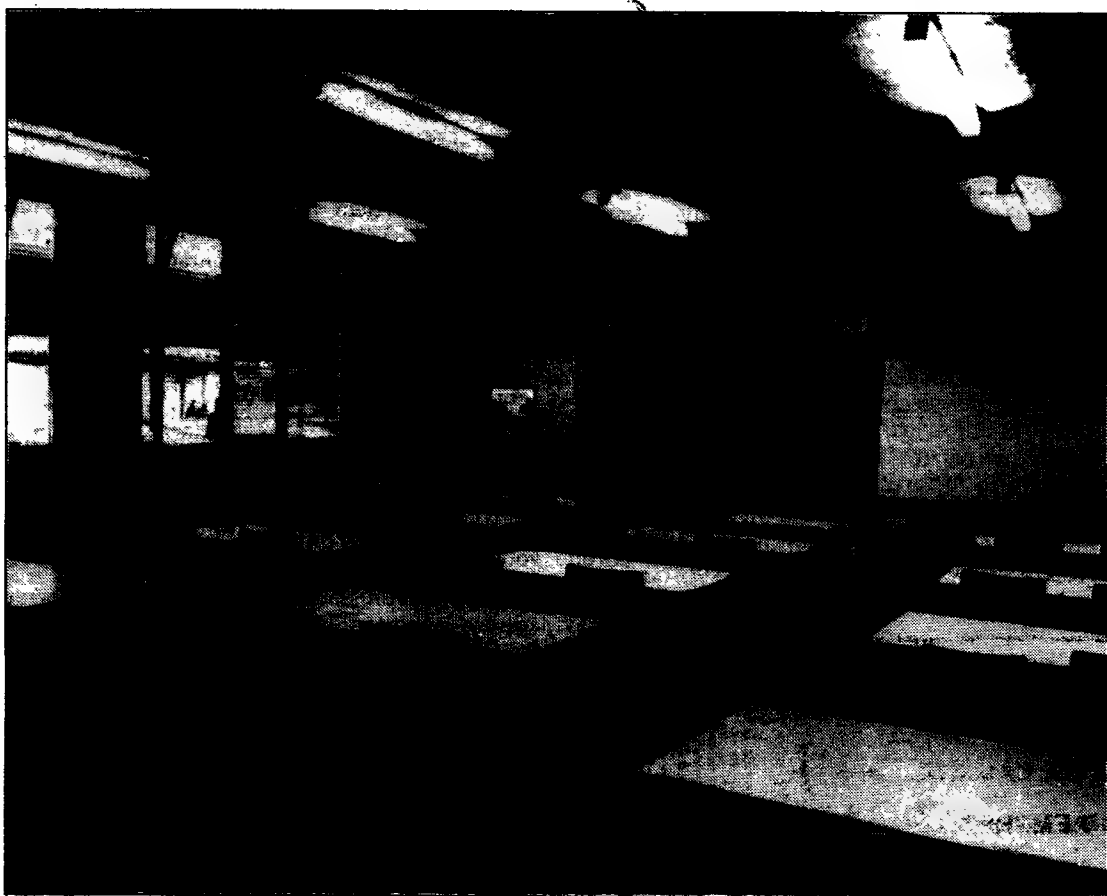
Contra um aumento geral de 13,5 por cento avançado para os outros sectores, o Governo propõe apenas 11,5 por cento para os trabalhadores do Estado, alegando que a diferença existente entre os dois índices será compensada pelo «descongelamento de escalões de vencimentos do ensino superior».

No entanto, segundo a Fenprof, este anunciado «descongelamento» devia ter entrado em vigor já no passado dia 1 de Julho.

Em relação à actual situação do ensino superior - cujo número de alunos aumentou 32,6 por cento entre os anos lectivos de 1976/77 e 1986/87 - a mesma fonte defendeu a necessidade de um «forte» investimento por parte do Governo, defendendo que a «expansão do sector é só quantitativa, uma vez que a qualidade está a diminuir».

O Orçamento de Estado (OE) para 1991 apresentado pelo Governo pressupõe, segundo a Fenprof, um «corte abrupto» no plano de investimento de despesas de desenvolvimento da administração central (PIDDAC). «As verbas do PIDDAC incluídas no OE/91 ascendem a 10,4 milhões de contos, ou seja, um terço das que foram previstas em 1990».

Ainda no âmbito do ensino superior português, a Fenprof vai promover, nos próximos dias 16 e 17, o 1º Encontro Nacional dos Docentes e Investigadores das Universidades.



Os professores reagem contra uma expectativa que se lhes afigura «negra»

Neste encontro, segundo a estrutura responsável pela sua realização, vão ser fundamentalmente debatidos a avaliação e o financiamento das universidades e as suas consequências para o estatuto da carreira docente do ensino superior.

Roberto Carneiro «elogia» críticas

Demonstração de «empenhamento» na reforma educativa foi como o Ministro da Educação classificou as críticas que os professores têm movido contra a actualização do seu Ministério no processo da reforma.

Roberto Carneiro falava ontem na tomada de posse do Conselho de Acompanhamento da Reforma Curricular, um órgão dirigido pelo catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, profº Albano Estrela.

«A reforma educativa não se faz para adormecer a inteligência portuguesa nem para amordaçar a liberdade de opinião», afirmou Roberto Carneiro,

acrescentando que «mesmo quando os professores questionam ou criticam a acção da administração, é ainda de empenhamento que se trata».

O ministro da Educação apresentou alguns excertos do primeiro relatório sobre a aplicação experimental dos novos programas do 1º ciclo do ensino básico que decorreu, no ano lectivo passado, em cerca de setenta escolas do país.

O documento, cuja elaboração é da responsabilidade do Instituto de Inovação Educacional, destaca que «os novos programas conduzem mais facilmente ao sucesso educativo que os seus antecessores», apesar de ainda se reflectir alguma «insatisfação» quanto aos programas de Matemática e Educação Moral e Religiosa.

Roberto Carneiro garantiu que até Janeiro de 1991 todos os docentes tomarão conhecimento dos novos programas - «mais de 190» - para que os possam analisar «com larga antecedência sobre a sua aplicação à escala nacional».

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA

2.ª Sec.
4.º Juízo
P. 29/90

ANÚNCIO

FAÇO SABER que por este juízo e segunda secção, nos autos de Execução Sumária em que é exequente TITO I - Representações Lda. Sociedade Comercial, com sede em Leiria e executada MANUEL AUGUSTO SILVA, Lda, Sociedade Comercial, com última sede conhecida em Rua Costa Cabral, 1974 e 1976, PORTO, correu editos de trinta dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio citando aquela executada, para, no prazo de cinco dias, findos os dos editos, deduzir oposição à execução, pagar ao exequente a quantia de Esc. 1 119 653\$00 titulada por quatro letras de câmbio, acrescida de juros à taxa legal, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Leiria, 30 de Outubro de 1990

O Juiz de Direito
assinatura ilegível

A Escrita Judicial
assinatura ilegível

DL: 2.ª Pub. 13/11/90

Faz hoje 25 anos, Carlos Avilez fundava o Teatro Experimental de Cascais. Rejeita, porém, a ideia de que a sua companhia seja ele que este quarto de século de vida se deve apenas à existência de um projecto e de um grupo de pessoas que sempre acredita

«Não sei se pode passar sem o TE

Carlos Avilez iniciou a sua carreira no Teatro Nacional em 1956. Nove anos mais tarde fundava o Teatro Experimental de Cascais, companhia que não mais abandonou. Hoje, no momento em que comemora as bodas de prata, pensa que o TEC poderia muito bem passar sem ele, mas não está certo de que o contrário seria possível. Embora o teatro sempre tivesse estado nos seus horizontes, passou por um curso de Matemática, esteve para ingressar na Escola do Exército e viu-se obrigado a manter outros empregos, numa altura em que os palcos não eram profissão. Depois de «Rei Lear», a peça de Shakespeare que tem actualmente em cena, pensa parar um pouco para fazer um balanço e ver qual será a política de subsídios do novo responsável governamental pela Cultura.

Diário de Lisboa - O Teatro Experimental de Cascais é o Carlos Avilez?

Carlos Avilez - Não é nem nunca foi. Se tivesse sido, acho que já não existia. Para existir uma companhia com 25 anos tem que haver um projecto e esse projecto tem que ser acompanhado por pessoas. Se o TEC existe é porque formamos um grupo.

D.L. - Quer dizer que o TEC poderia passar sem si?

C.A. - Perfeitamente. Tenho colegas que estariam perfeitamente à altura de continuar o projecto. Eu é que não sei se poderia passar sem este teatro.

D.L. - Como foi parar ao teatro?

C.A. - Acho que sempre pensei no teatro, embora tenha feito outras coisas. Estudei Matemática, estive para ingressar na Escola do Exército, tive outros empregos enquanto fazia teatro porque em 1956, quando comecei, fazer teatro era muito complicado, as pessoas não o aceitavam como uma profissão normal e foi difícil. Mas acho que nunca pensei ser outra coisa e tenho trabalhado muito, mas como se trata de uma coisa que gosto de fazer, isso dá-me um grande prazer.

D.L. - Teve alguma formação teatral?

C.A. - Tive 10 anos de Teatro Nacional, onde trabalhei com grandes encenadores e grandes actores, fiz estágios no estrangeiro e,

mais importante, tive uma experiência diária de palco.

D.L. - Como é o seu relacionamento com os actores?

C.A. - Muito bom. Dizem que tenho mau feitio, mas creio que ao longo dos tempos evolui. Há uma grande actriz, com que trabalhei e que muito me orientou, que me dizia: «Se uma pessoa não tem talento, nunca lhe perdoará esse facto». Ora, eu nunca tive mau relacionamento com ninguém, mas dei-me sempre melhor com as pessoas de talento.

Os actores estão mais cultos

D.L. - Diz que se foi modificando ao longo dos anos. Tornou-se mais benevolente?

C.A. - Não, pelo contrário, tornei-me mais exigente. A minha forma de dirigir é que se modificou. Cada vez mais dirijo visando a da inteligência, enquanto ao princípio dirigia servindo-me da super-marioneta: queria que os actores fizessem exactamente aquilo que eu queria, dáva-lhes menos liberdade. Hoje, preciso de melhores actores.

D.L. - Hoje os actores influenciam mais a sua forma de dirigir?

C.A. - Influenciaram toda a vida. Hoje o diálogo é diferente, até porque os actores são mais cultos. Isto não quer dizer que há uns anos não existissem actores cultos, mas na generalidade, hoje, são mais. Antes, acontecia ter que se explicar os textos aos

actores, enquanto hoje se dão sugestões de interpretação, o que é diferente.

D.L. - Há um «núcleo duro» de actores com quem trabalha sempre...

C.A. - Alguns que já cá não estão mas que continuam a ser o TEC. Inicialmente, éramos cinco - eu, o Santos Manuel, o João Vasco, a Céu Guerra e a Zita Duarte - e diziam que formávamos um grupo muito fechado onde era muito difícil entrar. Na verdade, éramos um clã e continuamos a sê-lo. Depois começaram a entrar outros, que estão aqui há muito mais anos do que estive esse grupo.

D.L. - Não se torna complicado trabalhar sempre com os mesmos actores?

C.A. - De maneira nenhuma. Eles têm sempre coisas novas a dar e, quando não têm, é porque estagnaram, acabaram e têm que mudar de profissão.

D.L. - Como trabalha os seus textos?

C.A. - Profundamente. Levo anos a prepará-los. Se me dissessem para fazer uma peça daqui a três ou quatro meses, não sei se seria capaz. Têm que ser coisas amadurecidas. Além disso, uma das coisas que aprendi e que hoje faço com muito cuidado é a constituição das equipas. Hoje, trabalho sempre rodeado de grandes equipas, tenho sempre pessoas que me apoiam profundamente. Claro que não são sempre os mesmos, porque vou esco-

lhendo especialistas dos vários autores.

D.L. - Como vê a dramaturgia portuguesa?

C.A. - Bem.

Nacional deve representar textos portugueses

D.L. - Há muitos encenadores que consideram que os autores portugueses não sabem escrever para o palco. Está de acordo?

C.A. - É evidente que a nossa dramaturgia nunca foi das mais célebres. O que acontece é que também não é representada, há um divórcio. A nossa história, a nossa sociedade, nós próprios temos tanta coisa para contar, que é uma pena que não se conte. Não percebo que não apareçam textos sobre a realidade portuguesa actual, porque há tanta coisa espantosa! Mas não aparecem. O 25 de Abril, em vez de provar que haviam grandes textos na gaveta, veio provar que não, e isso foi muito perigoso. No entanto, era capaz de estar dois anos só a apresentar autores portugueses. Além disso, penso que o Teatro Nacional tem a função de representar textos portugueses. Se ele não o faz, não dá o exemplo, porque é que havemos de ser nós a fazê-lo?

D.L. - Fez várias óperas...

C.A. - É verdade. Estreei-me na ópera em 1970, nos Festivais Gulbenkian e depois fiz a «Carmen» «Os Contos de Hoffman», «A Vingança da Cigana».

D.L. - É muito diferente?

C.A. - Completamente. Na ópera estamos sujeitos a uma partitura e a uma época. É muito mais fácil actualizar um texto do que uma ópera, e sempre que queremos actualizar-lá, isso levanta-nos problemas. O que se podem fazer é diferentes leituras dentro de uma determinada perspectiva. Foi isso que eu procurei fazer sempre.

D.L. - Quais considera que foram, ao longo destes 25 anos, as obras mais importantes do TEC?

C.A. - «A Castro», com que eu comecei como encenador, o «D. Quixote», «Ivone, princesa de Borgonha», «Galileu», «O Balcão», «Hamlet» e «Rei Lear», que é a peça que tenho actualmente em cena e que é talvez um dos momentos mais importantes do TEC.

D.L. - Essa importância tem paralelo em termos do impacto junto do público?

C.A. - Sim. Eu não tenho razão de queixa do público, nunca tive. Evidentemente que há espectáculos com menos público que outros, mas se não tivesse público não tinha razão de existir há 25 anos.

D.L. - Qual a importância que dá à parte plástica dos seus espectáculos?

C.A. - Dou importância à totalidade, porque acho que um espectáculo é um conjunto. Claro que a parte plástica é importante. Fui muitas vezes acusado de sobrepôr a parte plástica ao

texto. O que acontece é que trabalhei com grandes nomes como Júlio Resende, Relógio, Almada Negreiros e isso marcou-me muito, pois não se fica igual quando se trabalha com estes artistas.

Se não fosse artista seria diplomata

D.L. - A vertente plástica continua a ser importante?

C.A. - Fundamental. Eu gosto de coisas bonitas.

D.L. - Costuma trabalhar em conjunto com os artistas plásticos?

C.A. - Sempre. Acho que cada vez mais um encenador é um coordenador de equipas e só quando se chega a um ponto em que estamos todos de acordo é que se pode fazer um espectáculo.

D.L. - As suas relações com o Poder...

C.A. - Se não tivesse sido artista de teatro, talvez tivesse sido diplomata. Acho que o Poder tem obrigação de apoiar o teatro e de nos respeitar. O teatro nunca esteve bem com o Poder, houve sempre uma luta entre ambos. Eu, quando me dou mal, dou-me mal, não tenho medo de atacar o Poder e tenho-o feito muitas vezes. Quando me dou bem, não tenho vergonha de o assumir. Se realmente não me apoiam, não são coerentes, não têm sentido de justiça, então tenho grandes batalhas. Se cumprem, então tudo bem, independentemente das ideologias.

D.L. - Neste momento, como

25 anos

Em 1965, o teatro português, ainda com a respiração opressa por uma censura que era nalguns casos reflexo duma política deliberada, noutros fruto da actividade de sujeitos analfabetos, começou a abrir outros caminhos de criação e produção. A história do teatro independente vem de longe, do início do século, com as experiências breves do Teatro Livre e do Teatro Moderno, passa pela Casa da Comédia de Fernando Amado, em 1948 e depois em 1961/62, pelo TEP de António Pedro. A partir de 1953 (um dos pontos fulcrais dessa história), pelo TEL de Luzia Maria Martins e Helena Félix, em 1964, data do



«Breve Sumário da História de Deus», de Gil Vicente, com encenação de Carlos Avilez

CONCESSIONÁRIOS



Auto Monumental do Arco
S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ele próprio e acredita
reditaram nele

deria EC»

está esse relacionamento?

C.A. - Até este momento não tenho razão de queixa do actual secretário de Estado da Cultura, mas estamos, agora, num momento decisivo, que é o da atribuição de subsídios. Com a secretária de Estado anterior as minhas relações não eram boas, e tive com ela grandes discussões.

D.L. - O TEC começou no Teatro Gil Vicente. O facto de ter tido que sair influenciou o seu percurso?

C.A. - Nós fomos postos fora do Gil Vicente e, ainda hoje, tenho um certo saudosismo em relação a ele, mas o facto de termos tido que sair fez com que nascesse o Teatro Municipal Mirita Casimiro, que é um espaço completamente diferente, onde podemos fazer o que queremos.

D.L. - É considerado um encenador polémico...

C.A. - É verdade. No entanto, tenho tido relações salutaras com a crítica. Nunca respondi a um crítico, respeito as opiniões deles, como exijo que eles respeitem o meu trabalho e nunca tive o menor conflito com nenhum crítico.

D.L. - Considera-se um vanguardista?

C.A. - Sim. Acho que quando não tiver coisas a dizer vou-me embora. Um encenador tem um tempo certo para acabar a sua carreira e eu espero acabar a minha nessa altura. Agora, ainda tenho coisas a dizer.

D.L. - Como vai o teatro por-



«Tenho tido relações salutaras com a crítica»

tuguês?

C.A. - Eu digo sempre que não há crises de teatro, as crises são outras. Neste momento, acho que vai um pouco confuso. É dos poucos momentos em que eu não percebo o que está a acontecer.

D.L. - Um dos seus grandes sonhos é fazer uma revista. Por que não o concretizou ainda?

C.A. - Porque nunca me deram oportunidade. Fui convidado para fazer sete revistas diferentes e nunca aceitei por coerência política e porque nunca me deram um texto que gostasse de fazer. Agora, já acho muito

difícil. Na revista, há uma coisa muito importante que são os empresários e, neste momento, não há empresários de revista capazes de entrar num projecto como deve ser.

D.L. - Deixou as comédias musicais?

C.A. - Em Portugal, as comédias musicais nunca funcionaram, o que é uma coisa curiosa. Fiz várias, embora não as grandes como «O Fantasma da Ópera». Um dos espectáculos mais belos que fiz foi um musical com o Raul Solnado no Variedades e que não foi um grande

êxito, embora tenha sido importante para o Parque Mayer. Foi frustrante.

D.L. - Depois do «Rei Lear», o quê?

C.A. - Tenho vários projectos, mas estamos à espera dos subsídios. Além disso, vivemos numa fase difícil, são 25 anos, e temos que repensar tudo. Neste momento, aguardo calmamente. Em relação ao actual secretário de Estado, há que ver qual vai ser a sua política de subsídios e quem vai dirigir o Nacional. Esperemos que seja gente do teatro.

Dina Soares

s de trabalhos esforçados

aparecimento de uma outra aventura, também ela fundamental, do Teatro Moderno de Lisboa, de Carmen Dolores, Fernando Gusmão e Rogério Paulo, além de outros actores, pelo Grupo 4 de Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes, descendente directo do TML (1968); entre eles, situa-se o Teatro Experimental de Cascais, fundado por Carlos Avilez em 1965 com a apresentação de uma versão de *Esopaida* de António José da Silva, que causou algum alvoroço.

Pelos anos 60, que considero na evolução do teatro português do pós-guerra, decisivo, verifica-se a irrupção do teatro universitário (Lisboa, Porto e Coimbra), então comandado por jovens encenadores estrangeiros, em especial argentinos, que deram ao nosso teatro uma imagem de modernidade que impôs a supremacia do trabalho de encenação que o marcou dura-

damente. É preciso relembrar, para entender a importância desse ciclo de teatro universitário, a presença de Adolfo Gutkin, Victor Garcia, Juan Carlos Oviedo, Augusto Fernandes, além do catalão Ricard Salvat, do luso-brasileiro Luís de Lima, e dos portugueses Rogério Paulo, Fernando Gusmão, Mário Sérgio, Luís Miguel Cintra/Jorge Silva Melo.

Se o primeiro espectáculo do TEC revelou a vontade do grupo em ocupar um lugar próprio nessa paisagem complexa que era então o teatro português, não se pode dizer que nos seus primeiros anos se vislumbrasse um projecto estético definido a não ser o que tinha a ver com o facto do trabalho de encenação servir de cadinho de todos os vectores do espectáculo, texto, cenografia, interpretação.

Em 1965 e anos seguintes verifica-se a vontade de trabalhar em especial textos de

autores nacionais, depois de O Judeu, Miguel Torga, Gil Vicente e André Brun (1966), Gervásio Lobato (1968). Entre eles, algumas experiências menos convincentes, como dois Lorcas (*A Casa de Bernarda Alba*, 1966, e *Bodas de Sangue*, 1968), um clássico francês (*Fedra* de Racine, 1967), um texto paradigmático do teatro contemporâneo, *O Tempo e a Ira* de John Osborn (encenação de Artur Ramos, 1968). Vemos já aqui algumas chaves das portas que Carlos Avilez e o TEC queriam abrir, embora algumas já estivessem abertas: a sobreposição do espectáculo ao trabalho com o texto, a tentação dos grandes textos, a vocação para o trabalho de adaptação (indo até ao plano revistário com Brun e Lobato). Podemos, no entanto, considerar que é com *D. Quixote* de Yves Jamiaque que o TEC consegue o seu primeiro grande trabalho, o trabalho que marca a trajectória do grupo e o credita

na trajectória mais geral do teatro independente. O que se ficou a dever, além do mais, ao equilíbrio entre as várias componentes do espectáculo: texto, cenografia de João Vieira, música, trabalho dos actores. A censura acabou por perceber o teor político que transparecia na poética do texto e condicionou a sua saída de Cascais.

Em 1969, o grupo põe em confronto duas linhas essenciais do seu projecto: o tratamento, assaz insatisfatório, de textos consagrados mas muito pouco vistos em Portugal e os textos de vanguarda: *Maria Stuart* de Spoiler, *A Maçã* de Jack Gelber, dramaturgo norte-americano então na berra, e no mesmo espectáculo dois textos de Arrabal, *Oração* e *Dois Verdugos*.

Anos 70

Em finais de 60 e início de 70, o teatro português ad-

continua na pág. 16

COMENTÁRIO

Emoções e banalidades

Da *Esopaida*, de António José da Silva, ao *Rei Lear*, de Shakespeare, o TEC, guiado por Carlos Avilez, cumpriu um percurso não isento de acidentes, não desprovido de glória.

Ao fundar o grupo, Carlos Avilez começou por revelar uma capacidade de entrega, uma energia do teatral que a sua passagem, como actor, pelo Teatro Nacional, não deixara prever. Esse sentido da teatralidade acabaria por se revelar, ao mesmo tempo, como uma armadilha como uma razão de ser — e de vencer.

Os espectáculos do TEC começaram por viver disso, dessa alegria de ser teatro que ignorava o cinzentismo ou o académico em que a prática teatral caíra entre nós, com a excepção notável do Teatro Moderno de Lisboa e antes do abanão que o nosso teatro viria a sofrer.

A incapacidade em entender os valores do texto, a valorização dos vectores plásticos do espectáculo que a chamada de artistas prestigiados configurava, a apelação para o reforço de outros elementos até então secundarizados, como a banda sonora, resultaram em manifestações capazes de provocar grandes emoções nos seus espectadores mas também, incapazes, em certos casos, de escapar à ditadura do mediocre, do «kitsch», do banal.

A tentação do texto glorificado, e insuficientemente trabalhado, a tentação do vanguardismo nem sempre isento de parolice, a tentação do vistoso e ruidoso reflectiam a carência de rigor, o excesso de pretensiosismo, as contradições inerentes ao projecto, se o havia.

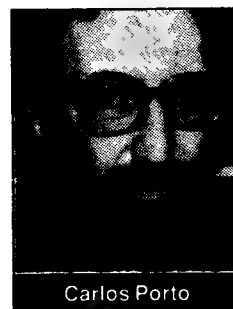
No entanto, ao longo da evolução que foi sofrendo, Carlos Avilez e com ele o TEC, conseguiu com frequência o domínio dessa tentação do fácil, aprendeu a discernir entre o vulgar e o excepcional, entre a banalidade e a emoção. A presença de um pequeno núcleo de actores e a passagem de grandes nomes da cena portuguesa abrangendo várias gerações, a intervenção de dramaturgistas e de artistas de outras áreas (artes plásticas, música), o domínio cada vez maior por parte de Carlos Avilez do material com que trabalha, têm-lhe permitido o controlo das suas capacidades de invenção cénica, o entendimento do teatro como globalização de várias linguagens, a produtividade de uma evidente energia comunicativa.

Nem sempre o TEC conseguiu perceber o que num projecto artístico é fundamental: o jogo entre as ambições desse projecto e a capacidade, a sabedoria necessárias para o realizar. Desse desentendimento nasceram várias propostas abortadas que explicam o que há de esteticamente acidentado no percurso do grupo. Da sua superação, contudo, nasceram outras propostas marcadas por uma coerência, por uma coragem de afirmação e mesmo, nalguns casos, por um rigor, que justificam a validade desta longa marcha do grupo de Cascais.

Como se depreende deste comentário, o relacionamento do TEC com o público nem sempre foi fácil. Foi mesmo, por vezes, muito difícil, o que decorreu do próprio posicionamento político e estético do grupo que não se recusava o prazer da provocação, nos limites impostos pela censura e, talvez possamos dizê-lo, pela autocensura. No entanto, o grupo foi vencendo essa relação, por vezes conflitual, e é hoje um dos nossos grupos com um público mais numeroso e mais fiel. Ao facto não será alheia, porventura, a acção que tem desenvolvido junto das escolas dos concelhos em que normalmente trabalha.

Como acontece em relação a outros grupos do teatro independente, é normal considerar o trabalho do TEC indissolúvelmente ligado à personalidade do seu fundador e director de sempre. Se, contrariando em parte esse vínculo, não podemos deixar de considerar que o trabalho do TEC com outros encenadores não deixou de ser produtivo, o facto desses encenadores raramente saírem do próprio grupo, parece ser sintomático da talvez excessiva dependência do TEC para com Carlos Avilez.

O TEC assumiu ao longo do seu trabalho responsabilidades que certamente não enjeita. O que dele se espera é uma cada vez mais aguda percepção da prática teatral como prossecução de uma aventura que não pode separar-se da pesquisa dos meios disponíveis e do meio em que se insere nem de uma reflexão sobre o mundo em que o teatro vive e que ajuda a tornar vivo.



Carlos Porto

TEC: 25 anos de teatro independente

continuação da pág. 15

quire uma pujança artística que o aparecimento da Comuna, dos Boneceiros e do Teatro da Condição explica. 1970 é o ano em que o TEC chega à manifesta concessão de representar Joaquim Paço d'Arcos, *Antepassados Vendem-se*, é o ano do regresso à comédia com Labiche, *Um Chapéu de Palha de Itália*, e a Gil Vicente que Avilez recupera do seu trabalho no TEP, com a novidade da adaptação de *Breve Sumário da História de Deus*, um notável trabalho cenográfico de José Rodrigues que nos mostrava o país gradeado em que vivíamos; e outra novidade: um Mishima então ainda desconhecido. (1)

1971 - Ivone, *Princesa de Borgonha*, de Witold Gombrowicz é um outro grande espectáculo político que permite um trabalho muito criativo a Carlos Avilez, mas o grande espectáculo do decénio só com boa-vontade podemos integrá-lo na história do TEC que o produziu no seu espaço. Refiro-me à genial encenação de Victor Garcia de *As Criadas* de Genet, uma daquelas criações que marcam uma época e para a

qual a contribuição de três actrizes portuguesas foi de indelével importância: Eunice Muñoz, Glória Quartin e Lurdes Norberto.

Notícia ainda de uma experiência marginal com encenações de Agueda Sena (*Sinfonia dos Salmos* de Strawinsky e *Acto sem Palavras* de Beckett) e de António Victorino de Almeida (*Sinfonia de Tardieu*); dá abordagem de Avilez do teatro de Camões (*auto de El-Rei Seleuco e Anfitrião*, 1972), e caricaturização da alta burguesia em *Fuenteovejuna* de Lope de Vega (1973).

Com o 25 de Abril, o grupo de Cascais conhece um período de perturbação; acabou por ser obrigado a deixar o Teatro Gil Vicente para aproveitar um espaço também em Cascais. Finalmente dispôs de uma sala adequada construída no antigo Picadeiro do Estoril, o Teatro Municipal Mirita Casimiro.

Com a Revolução, o grupo optou por um teatro abertamente político que talvez não lhe fosse o mais adequado: *Cerimonial para um Combate* de Claude Prin, *Ópera de Três Vinténs*, fracasso da estreia, desta obra de Brecht-Weill, *Despedimento sem Justa Causa* de Júlio Maurício, encenação de Rogério Paulo (1975/76). Nos anos seguintes, sem abandonar o terreno político, o TEC volta a um tipo de teatro mais adequado à sua maneira de ser que tem, ou tinha, a ver com a valorização da leitura cénica do texto, com a energia que passa dos intérpretes para o público, com a força paródica da encenação. Foi o caso de *O Vento nas Ramas do Sassafráz* de René Obaldia (1977), *As Profecias do Ban-darra* de Garrett (1979), *Onde Vaz, Luiz?* de Jaime Gralheiro (1980).

Anos 80

Em 1980, o TEC falha um dos grandes textos do seu historial, *A Mãe* de Witkiewicz que Artur Ramos tentara fazer antes do 25 de Abril com a C.ª Municipal de Lisboa, fundada por Luís Francisco Rebello, e que a censura proibira provocando

o fim da companhia. No espaço da Fundação Gulbenkian e no âmbito da exposição *Portugal Anos 40*, Avilez fez, a partir de um guião de Luís Francisco Rebello, o levantamento da história portuguesa contemporânea demasiadamente marcada por tentações revisteiras mas não destituída de imaginação (1982) mas foi no ano seguinte, aproveitando o magnífico espaço das ruínas do Carmo, que ele criou um dos seus mais belos espectáculos: *Jedermann* de Hugo von Hofmannsthal; ano também de um insignificante *Trio* de Kado Koster, encenação de António Marques.

De 84 a 86 o TEC apresenta uma mão-cheia de espectáculos interessantes que prenunciavam as grandes máquinas que Carlos Avilez prepara para o final dos anos 80. Registemos: *Chorar para Rir* do canadiano Marcel Sabourin, pelo trabalho de José Caldas, *A Aurora da Minha Vida* de Naum Alves de Sousa, com a volta de Avilez (1984) que assinou também *Arraia-Miúda* de Jaime Gralheiro, estupendo dispositivo cénico de José Manuel Castanheira; dois textos do soviético Alexander Vampilov, encenados por Artur Ramos, *Vinte Minutos com um Anjo* e *O Corregedor*, e ainda outro trabalho de Avilez, *Virgínia* de Edna O'Brien, inesquecível criação de Carmen Dolores (1985). Volta do brasileiro Naum Alves de Sousa que

encena o seu texto *No Natal a Gente Vem Te Buscar*. (1986).

Entretanto, o TEC começa a trabalhar com grande êxito para as escolas do concelho de Cascais e concelhos limítrofes apresentando clássicos portugueses, em especial Gil Vicente.

Com *Galileu Galilei* de Brecht (1986), o TEC inicia um ciclo de grandes textos: *Tartufo* de Molière, encenação de Rogério de Carvalho, *Balcão* de Jean Genet (1987), *Opereta* de Witold Gombrowicz, *Macbeth* de Shakespeare, encenação de Jorge Listopad (1988), *Lisistrata* de Aristófanes, *A Morte de Danton* estreia da peça de Buchner (1989); sem esquecer a peça de Norberto Ávila *D. João no Jardim das Delícias* (1988).

Este trabalho com os grandes textos e os 25 anos do TEC culminaram com a encenação de Carlos Avilez de *Rei Lear* de Shakespeare, com João Vasco, um dos mais ambiciosos, aplaudidos e discutidos espectáculos do Teatro Experimental de Cascais.

(1) O TEC tinha pronta para estreia, em 1970, uma encenação de Jorge Listopad da peça de José Triana *A Noite dos Assassinos* que acabou proibida pela censura.

Carlos Porto

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE MÚSICA

ballet gulbenkian

Director Artístico JORGE SALAVISA

TEMPORADA 1990/91 - GRANDE AUDITÓRIO

PROGRAMA INAUGURAL

NOVEMBRO

Quarta, 14 às 21.30 / Quinta, 15 às 18.30 / Sexta, 16 às 21.30 / Sábado, 17 às 16.00 e 21.30

ARDEN COURT

Coreografia: Paul Taylor / Música: William Boyce / Cenário e figurinos: Gene Moore / Luzes: Jennifer Tipton

JARDIM CERRADO

Coreografia, cenário e figurinos: Nacho Duato / Música: Maria del Mar Bonet / Luzes: Joop Caboort

PERCURSOS OSCILANTES

(estreia absoluta)

Coreografia: Paulo Ribeiro / Música: John Laurie, Nina Simone, Henry Torgue e René Aubry / Cenário e figurinos: Vera Castro / Luzes: Orlando Worm

BILHETES À VENDA

APOIO PUBLICITÁRIO

Rádio Comercial

CORREIO da Manhã

antena2

Programas Sujeitos a Alterações

Prémios da Crítica

D. Quixote - Actor Revelação (Santos Manuel)
O Tempo e a Ira - Melhor Interpretação Masculina (José de Castro)
Portugal Anos 40 - Prémio Especial
Jedermann - Prémio Especial
Teatro Experimental de Cascais - Prémio de Teatro 25 de Abril
Carlos Avilez - Prémio de Teatro 25 de Abril
Chorar para Rir - Melhor Espectáculo para a Infância e Juventude
A Aurora da Minha Vida - Melhor Espectáculo do Ano - Melhor Encenação (Carlos Avilez)
Maria Albergaria - Prémio da Crítica pela sua dedicação ao Teatro
Virgínia - Melhor Actriz (Carmen Dolores)
Galileu Galilei - Melhor Actor (João Vasco)



A beleza de Alexandra Lencastre em "O Balcão", de Jean Genet, encenado por Carlos Avilez.



João Vasco em "Galileu, Galilei", de Brecht, que Carlos Avilez encenou

CULTURA

A propósito da Exposição «Morris Mais de 50» patente ao público no I Salão de Banda Desenhada da Amadora, a Meribérica trouxe a Portugal o autor de Lucky Luke, Jolly Jumper e dos malvados irmãos Dalton. O «DL» entrevistou-o e constatou que Morris está tão abandonado pelas suas personagens como quando o criou, há mais de quarenta anos...

Eu: Apache, tu: Lucky Luke

Morris é belga, mas Lucky Luke é um herói resgatado às pradarias americanas. Tudo nele é irreverência e descontração. Não envergonha quem acredita que é mais rápido que a própria sombra, mas, em matéria de cifrões e mulheres, sente que o calado ainda é o melhor. Por isso, quem quiser deitar-lhe a mão, há-de matá-lo primeiro. À noite, a sós com o seu fiel Jolly Jumper cavalga a cantar uma balada triste, em cuja letra se fala de um pobre cowboy solitário, a quem o destino arredou de casa. E desaparece no horizonte até à próxima aventura porque é assim que Morris acaba todos os álbuns. Mais ou menos como nos velhos westerns, a que o autor se habituou a gostar desde miúdo. Como, aliás, se verá ao longo desta entrevista...

- Há quanto tempo criou o Lucky Luke?

- Foi há tanto tempo que já não recordo a data exacta. Mas foi seguramente há mais de quarenta e quatro anos.

- Com certeza, com boas razões para o fazer...

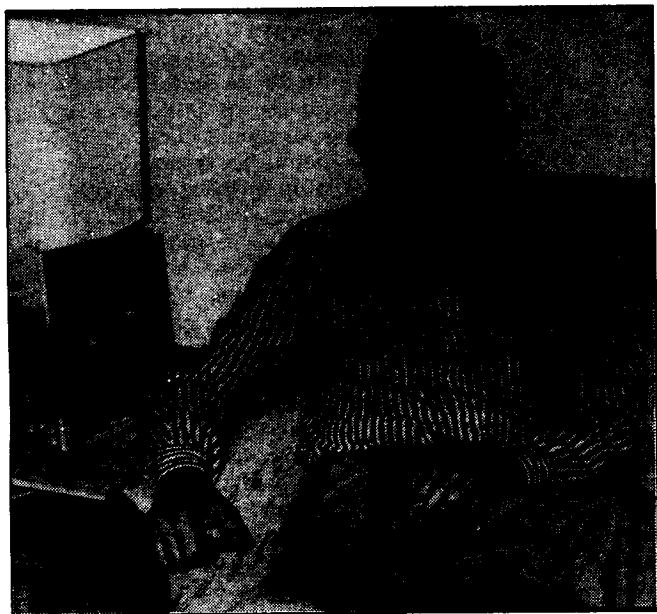
- Uma das mais importantes foi, sem dúvida, o amor que devotava aos velhos westerns e também aos cavalos. Em miúdo, quando os outros recebiam carrinhos de presente, eu recebia pequenos cavalos de pau. Gostava muito, muito destes animais.

- Ao cabo de quarenta e quatro anos ainda consegue criar uma história de Lucky Luke com o mesmo prazer?

- Sim. Se não o sentisse, parava. Na minha idade, muita gente gente abandona as respectivas actividades. Eu não tenho tal intenção. Durante os últimos quarenta e quatro anos vivi fascinado com o que fazia. Quero viver mais anos assim. Enquanto não vier o meu nome no obituário, continuarei a trabalhar. E como não sei fazer outra coisa...

- Disse há pouco que gostava muito de westerns. Quais são os seus favoritos?

- Gosto muito de «Stagecoach» do John Ford, do «High Noon» do Fred Zinnemann e



de vários filmes com o Gary Cooper...

- De que modo é que os heróis destes westerns influenciaram (ou não) o Lucky Luke?

- Lucky é uma espécie de síntese dos heróis que vi no écran. Têm um pouco de Gary Cooper, John Wayne, Tom Mix... Ao mesmo tempo, as situações em que ele se vê envolvido, funcionam como paródia ao género western, aos seus clichés. A minha banda desenhada tem um pouco de *Commedia della arte*.

- Mas, ao contrário de alguns heróis do western, Lucky Luke dá-se muito bem com os índios. Trata-os por tu? Porquê esta atitude?

- Como, com certeza, terá reparado, Lucky Luke toma sempre a defesa dos mais fracos.

- ...Como o Robin dos Bosques?

- Em certo sentido. Ele é um bom rapaz. Há quarenta e quatro anos, quando comecei a trabalhar a personagem, o editor disse-me que ele teria de ser perfeito. Afinal, havia tantas crianças a ler. Apesar disso, procurei imprimir-lhes um certo carácter, procurei que não fosse tão aborrecido como o Tintim ou como o Spirou. Mas, hoje, se o voltasse a criar, tornava-o mais engraçado. Agora é tarde para o modificar.

- Mas o Lucky Luke sempre mudou alguma coisa. Deixou de fumar, por exemplo... Como é que isso aconteceu?

- Tive de tirar os cigarros quando fiz programas especiais para crianças numa cadeia de televisão norte-americana. A censura não aceitava tanto tabaco, diziam que as crianças imitavam tudo e que tinha de se retirar o célebre cigarro.

- E os seus leitores habituai reagiram, ou não?

- Sim, sim. Afinal, o cigarro era uma parte da personalidade do Lucky Luke. Eu próprio, por força do hábito, ainda o desenho assim.

- Que relação é que Morris mantém com as suas personagens?

- Considero-os um pouco como os únicos filhos (nunca os tive de facto). Gosto tanto deles que, um dia, numa prancha ao ter de desenhar um Dalton a ferir o Lucky Luke, num saloon, sofri imenso com isso.

- Qual é a próxima aventura?

- «A Amnésia dos Dalton», em que o Rataplan também fica amnésico. Mas não lhe vou contar a história. O argumento de uma banda desenhada não tem graça quando é separado das pranchas.

- Que tipo de fontes costuma utilizar para captar o ambiente do velho Oeste?

- Agora não tenho dificuldade, pois há muita literatura disponível sobre o tema.

Mas quando comecei, sabe do que me servia? Das fotografias dos westerns. Mas também lhe digo que não se pode ficar aprisionado ao conhecimento histórico.

- Costuma receber cartas dos leitores que tem em Portugal?

- Não muitas. Talvez a editora, sabendo que não percebo português, não me as envie. A maior parte da correspondência que recebo vem da França ou da Alemanha. 90% das cartas pedem desenhos autografados.

Mas há tempos recebi uma de que gostei muito. Era de um rapaz que, estando convalescente no hospital depois de uma operação à apêndice, recebeu de um amigo um álbum do Lucky Luke. Mas o médico tirou-lho, com medo de que ele risse muito e rebentasse a costura.

Outros escrevem a indicar pormenores relativos aos uniformes militares. Alguns são tão minuciosos que reclamam a falta dum botão no uniforme de cavalaria...

- ... E o que responde o Morris?

- Digo-lhes que é ciência poética.

- Nos Estados Unidos, estão a filmar várias aventuras do Lucky Luke, com actores a interpretarem o papel até então confiado a personagens de banda desenhada. Qual é a sua opinião?

- Quando o Terence Hill veio ter comigo para comprar os direitos de autor, confesso que hesitei. Já tinha visto adaptações de banda desenhada como o Popeye ou o Tintim e os resultados foram sempre péssimos.

No entanto, os westerns de Terence Hill são todos de carácter cómico e inscrevem-se, por isso, no espírito do Lucky Luke. Estiveram a filmar no Novo México e agora estão em Itália, na Cine Città.

- O Morris já viu algum dos episódios?

- Não, ainda não vi o produto final. Mas, para já, estou mesmo muito ansioso. Como, aliás, seria de esperar...

Maria João Martins

Yánnis Rítsos
morte do poeta
de Crisótemis

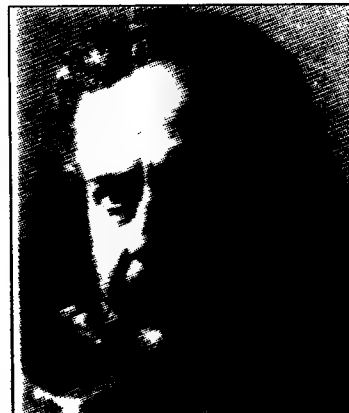
A notícia chega-me de chofre, pelo telefone. Dolorosa. A morte de Yánnis Rítsos, no entanto, não devia surpreender-me: fora já longo o tempo que lhe coubera para viver. Tinha 83 anos pois nasceu em 1907, em Monenvásia, a nordeste do Peloponeso. Oriundo de uma velha família rural, de quem herdou ruínas e tuberculose, interessou-se ainda jovem pela pintura, pela música e pela poesia.

Tornou-se nos anos 30 um poeta revolucionário ao escrever *Epifácio* que a música de Mikis Theodorákis ajudou a celebrar: *Tu marchas conosco, tu também, tu, morto, e o nó dos nossos soluços/ é o nó da corda com que enforcaremos os nossos inimigos. (...) Meu querido, tu não foste vencido, tu circulas nas minhas veias. Meu filho, penetra no fundo das veias de todos os homens e vive!*

Autor de uma obra poética torrencial que se divide pelo verso e pela prosa, Rítsos adquiriu projecção europeia não só pelo seu talento, pela amplitude do seu imaginário, como pelos combates pela liberdade que travou ao longo da sua vida e que lhe valeram a prisão e a deportação para os campos de concentração durante o regime fascista dos coronéis. Foi num desses períodos que Aragon mobilizou os intelectuais do mundo inteiro para conseguir a libertação do poeta.

Três vectores essenciais definem a poesia de Rítsos: o poema épico inspirado nos mitos da Grécia antiga articulados com imagens do quotidiano do nosso tempo (de que *Crisótemis*, é talvez o exemplo mais rico), o poema político que abrange aquilo a que o poeta chamou *Grecidade*, o poema breve em que explorou com prodigiosa sensibilidade a relação a que poderemos chamar *minimalista*, com o Mundo, Admirador de Aragon, Lorca e Pessoa, autor de uma obra de uma extensão e de uma grandeza excepcionais, traduzido por grandes poetas, Rítsos viu a sua criação consagrada por numerosos prémios tendo sido proposto ao Nobel de Literatura que nunca lhe foi atribuído por razões difíceis, ou fáceis, de compreender.

O nome de Rítsos adquiriu ainda uma maior projecção pela



frequente encenação dos seus poemas dramáticos, em especial *Crisótemis*, *Sonata ao Luar*, *Electra*, de que Antoine Vitez fez uma montagem com o texto de Sófocles, etc.

Em Portugal, além da tradução de poemas dispersos por Eugénio de Andrade e Egito Gonçalves, registou-se a apresentação na Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II, do poema *Crisótemis*, versão e dramaturgia de Carlos Porto, encenação de Rogério de Carvalho, interpretação de Fernanda Lapa (1983);

esta actriz interpretou excertos de um outro poema célebre de Rítsos, *A Forma da Ausência*; Maria Emília Castanheira interpretou *Sonata ao Luar* (com o título *Sonata*), encenação de Paulo Filipe, produção do Teatro da Caixa/Grupo Ibis (1984).

C. P.

Forma da Ausência

1
No mesmo lugar triste e mudo, o que partiu se enraizava como o grande vaso da habitação que foi necessário vender num momento difícil e no canto da sala onde era o seu lugar persiste o vazio, condensado em forma idêntica, inamovível, a sua transparência ilumina-se na reverberação quando, de longe a longe, se abrem as janelas, e no interior desse vaso que trocou a sua substância por uma substância semelhante, equivalente, pelo vidro do vazio, subsiste a mesma depressão — que produz apenas uma sonoridade um pouco mais dolorosa.

A cor da parede, por detrás, parece mais escura, mais profunda, mais quimérica como se a sombra do vaso se projectasse sobre um sarcófago. E por vezes, à noite, numa hora silenciosa, ou durante o dia, a meio duma conversa, ouve-se no fundo de nós uma ressonância aguda, amarga e vibrante como se um dedo invisível aflorasse esse recipiente ausente, tangível, cristalino.

(Trad. de Egito Gonçalves)

Brancura

Ele poisou a mão sobre a página para não ver a folha branca. E viu em cima a mão nua. Então fechou os olhos, e sentiu subir por ela a tenebrosa, indescritível brancura amortalhada.

(Trad. de Eugénio de Andrade)

Agustina Bessa-Luís directora do Teatro D. Maria II

«Não haverá (disse) surpresas»

Agustina Bessa-Luís «não hesitou» em aceitar o convite que lhe dirigiu pessoalmente o secretário de Estado da Cultura para ocupar o cargo de directora do Teatro Nacional D. Maria II.

Em declarações à agência Lusa, a escritora disse ter seguido «com relativa constância todo o noticiário relativo à sucessão de Ricardo Pais», que se demitiu a semana passada das funções de director da Casa de Garrett, por ale-

gadas diferenças com Pedro Santana Lopes.

«Penso que os grandes cargos da Cultura Portuguesa começam, agora, a ser ocupados por pessoas que põem nisso o melhor do seu entendimento» - afirmou, garantindo desde já que «não haverá surpresas» relativamente aos projectos em curso para a temporada do Teatro Nacional D. Maria II, embora todos eles devam «ser ponderados».

Agustina Bessa-Luís adiantou que

deseja continuar a residir no Porto, deslocando-se a Lisboa sempre que o exijam as suas novas actividades como directora da casa de Garrett: «Sabe-se que o cérebro humano só funciona a 18 por cento das suas capacidades, a literatura ocupa-me dez por cento e os outros oito por cento ficam para o teatro» - referiu.

A tomada de posse está marcada para a próxima quinta-feira, às 11 horas, no Salão Nobre da Casa de Garrett.

Há quatrocentos e cinquenta anos

A fundação da Companhia de Jesus

A 27 de Setembro de 1540, após um ano de hesitações, Paulo III assina, através da Bula «Regimini Militantis», o acto do nascimento oficial da Companhia de Jesus. Claro que o Papa aprecia este pequeno grupo de «padres reformados», zelosos, bons oradores, que convida para a sua mesa duas vezes por mês para discutir teologia. É verdade que lhes confia missões em Parma, em Siena, em Nápoles. Mas daí a elevá-los à ordem religiosa... Assiste-se nessa época a uma proliferação de novas instituições de padres, ávidos de reformar uma igreja corrupta — camádulos, teatinos, barnabitas, Irmãos de São João de Deus — e muitos cardeais querem pôr fim a uma inflação considerada excessiva. Os «iniguistas» insistem. O Papa aprova o seu apostolado — «Digitus Dei est hic» (o dedo de Deus está lá) diz ele em 1539 — mas vai retardando a decisão. Um ano depois, assina.

É o fim de um longo percurso por Inigo López, que ficou conhecido na História pelo nome de Inácio de Loyola; mas é o ponto de partida de uma louca aventura, mais de quatro vezes centenária. Querelas e intrigas, feitos heróicos e busca de santidade, tudo isto temperado de política. Muita política. Inácio e o seu

pequeno grupo de companheiros — sete no começo e dez aquando da criação da Companhia — dão um suspiro de alívio. O seu sonho insensato torna-se enfim realidade. Inácio tem quarenta e nove anos: há dezassete que foi «iluminado», em Manrèse, junto à ribeira Cardoner. Experiência que iria transformar completamente a sua vida. O jovem gentilhomem basco, apaixonado pelas ideias da Renascença, pelos feitos de armas e pelo amor cortês, transformou-se num místico ascético, devorado por uma única paixão: «Servir Nosso Senhor».

Depois de muitas peripécias — uma vida de mendicância e penitência, uma ida infrutífera à Terra Santa, estudos de latim em Barcelona (com mais de trinta anos!), depois de letras e filosofia na Universidade de Alcalá (onde levanta suspeitas à Inquisição) e por fim estudos de teologia em Paris — Inácio sente-se amadurecido para lançar o seu grande projecto. Aproveitou já os seus anos de estudo para catequizar as crianças, falar com mulheres piedosas e pregar a reforma dos mosteiros, a partir das suas próprias anotações, primeiro esboço dos famosos «Exercícios Espirituais», fundamento de toda a espiri-

tualidade jesuíta.

A fórmula de Montmartre

O seu projecto? «Ajudar as almas», quer dizer, comunicar a sua experiência de conversão a homens dispostos a viver pobres como ele para anunciar o Evangelho. Encontra-os em Paris. A 15 de Agosto de 1534, de manhã, sete estudantes da Sorbonne trepam a colina de Montmartre, cujas encostas eram nessa altura campos desertos. Embora se esteja nas férias, eles não estão a passear. Têm um encontro com o destino. A meio caminho ergueu-se uma capela consagrada a S. Dinis, rodeada de vinhas. Os companheiros reúnem-se na sua cripta.

Há um natural da Sabóia, Pierre Favre, que acaba de ser ordenado padre, um gentilhomem de Navarra, Francisco de Jassu y Xavier, um português, Simon Rodriguez, dois castelhanos, Jacques Laynez e Alphonas Salmeron, um espanhol, Nicolas Bobadilla e um basco, Inácio de Loyola, o chefe do grupo. Durante a missa celebrada por Favre, o único padre, fazem voto de pobreza e de castidade. Além disso, prometem ir a Jerusalém, se possível antes que passe um ano; se assim não for, pôr-se-ão à disposição do Papa.

Na altura da comunhão, cada um pronuncia os votos que daí em diante o ligam ao grupo: «Eu, X..., faço voto de pobreza, castidade e obediência para sempre. Prometo também empenhar-me, principalmente e conforme me for ordenado, a instruir as crianças e os pobres. Prometo, além disso, especial obediência ao Sumo Pontífice nas missões que por ele me forem confiadas.» Um compromisso que nessa altura era apenas um acto privado, sem carácter oficial. Terão de esperar seis anos até serem reconhecidos pelo Papa, mas a fórmula de Montmartre mantém-se ainda hoje em vigor. Dez no começo, os jesuítas são hoje 25 000, espalhados por todo o mundo. A Companhia prepara-se para celebrar o seu 450.º aniversário e o 500.º aniversário do nascimento do seu fundador ao longo de um «ano iniciano» (de 27 de Setembro de 1990 a 31 de Julho de 1991). Vai comemorar quatro séculos e meio de uma história mais que movimentada. Sucessivamente adulados e temidos, depois massacrados e expulsos (setenta e quatro vezes de diferentes países!), os jesuítas chegaram a ver a sua companhia extinta por Clemente XIV em 1773, sob pressão dos Bourbons, para renascer graças a Pio VII,

quarenta anos depois.

Não é impunemente que a palavra «jesuíta» significa, em todas as línguas europeias, «astucioso», «hipócrita» e «manhoso». Desde o início que a Companhia «flirtou» com o poder político, colocando os seus confessores junto dos poderosos e as suas eminências pardas por detrás dos tronos. Não era o próprio Inácio que aconselhava: «Falem pouco, ouçam muito, respondam ponto por ponto e depois despeçam-se. Conquistem o afecto dos grandes e dos nobres adaptando-vos ao interlocutor, seja ele irascível, melancólico ou enfadonho. Qual o objectivo das conversas? Ganhar uma pessoa para a nossa causa, para o grande serviço de Deus.»

A ambiguidade está inscrita nas origens. Formação das elites e serviço dos pobres: eis a dupla vocação dos jesuítas formulada por Inácio, mas a tónica tanto é dada a uma como a outra, consoante as épocas e os actores. A própria Companhia de Jesus nasceu de uma contradição, do encontro de uma época extraordinária e de um homem notável. A época é o séc. XVI, o da Renascença, mutação sem precedente que redescobre os valores do humanismo antigo e pagão e leva as suas conquistas de «novos mundos» até às Américas e às Índias. O homem é Inácio de Loyola, um basco apaixonado, tão ardente na sua procura da felicidade terrestre, antes da sua conversão, como na «da maior glória de Deus», depois de se alistar sob «o estandarte do rei do céu».

Aculturação

A grande novidade da Companhia é a sua implantação no mundo. Enquanto que as ordens monásticas clássicas — beneditinos, dominicanos, franciscanos — estão protegidos do «século» pela clausura, pelo hábito, pelas orações em comum, nos jesuítas nada disso acontece, nem beneficência, nem ofício divino, nem vida conventual, nem ministério paroquial. Contudo, esta ligeireza e esta disponibilidade totais abrem a porta a compromissos temporais.

Levar o Evangelho ao mundo sem o abandonar é um convite ao recurso e meios muito «terrestres» para atingir fins espirituais. Logo que foi constituída, a Companhia começou a ser muito procurada. O pequeno grupo dispersa-se pelo squatro cantos do mundo.

Francisco Xavier parte para as Índias. De lá embarca para Malaca e para a Indonésia e daí para o Japão. Outros se seguirão: Matteo Ricci, matemático e astrónomo, vai

para a China e Roberto de Nobili para as Índias. Ambos irão praticar uma «aculturação» «avant la lettre» (adaptação da mensagem cristã à cultura do país a evangelizar). Na época tudo terminou na «querela dos ritos» — não só na China, como também na Índia e no Japão — e na interdição que Roma faz aos católicos de participarem em cerimónias consideradas pagãs, como o culto dos mortos praticado pelos seguidores de Confúcio. Resultado: um golpe fatal na expansão do cristianismo na Ásia.

Uma experiência análoga no outro extremo do mundo irá suscitar invejas. As «reduções» do Paraguai — estas «repúblicas» de índios guaranis colocados sob a tutela paternalista dos jesuítas — suscitavam a admiração dos intelectuais europeus, incluindo o ímpio Voltaire, sombra negra da Companhia. Sob pressão conjunta da Espanha e de Portugal, Roma interveio para pôr fim a esta experiência inédita de «socialismo cristão».

Os jesuítas são pedagogos natos. Todavia, os primeiros tinham jurado: «Nem Universidade, nem escolas, na Companhia!» Ora, aquando da morte de Inácio, em 1556, os jesuítas dirigiam já 29 colégios, um dos quais, o prestigioso Colégio Romano, fundado pelo próprio Inácio, viria a ser a Universidade gregoriana e pepiniana de numerosos Papas, como Pio XII, Paulo VI e João Paulo I. Porque é que esta «tropa de choque», esta «brigada ligeira do Papa», decide tornar-se numa ordem docente?

O génio de Inácio, que tão bem conseguira fazer a passagem da Idade Média para os novos tempos, consistia em compreender que a cristandade, como modelo de sociedade, pertencia ao passado e que a Renascença incitava cada fiel a apropriar-se individualmente da sua fé. É esta a inovação dos «Exercícios Espirituais». Que melhor meio para propagar este humanismo cristão do que colégios? Os custos foram grandes, quer em recursos quer em homens e grandes os riscos de desvios.

O aparelho educativo dos «bons padres» conheceu o seu apogeu no séc. XVII, idade do ouro da mística francesa. O séc. XVIII irá assistir à decadência não só dos colégios como da própria Companhia. Entrincheirados na sua cidadela, os jesuítas opõem-se ao Enciclopedismo, bem como às novas ideias que derrubarão o Antigo Regime. No séc. XIX a Companhia foi mais restaurada que reinventada. Solidariza-se com uma igreja que se mantém à margem do processo de secularização e de afirmação dos direitos do

GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem

Medo
de
VIRGÍNIA WOOLF?

de EDWARD ALBIE

Com: Fernando José Oliveira Encenação: Fernando Papa
Isabel de Castro Cenografia: José Marques
Maria José Pascoal Casquinha
Mário Figueira Figurantes: Jasmim de Matos

«...um espectáculo para a história... Magnificante criação... Eugénia Vasques. Expresso»

«Um belo espectáculo no Teatro da Graça». Fátima Lopes — D. Popul

EM CENA de terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00.

Marcações pelos telef.: 87 56 26/87 58 00

APÓIOS: Câmara Municipal Lisboa; C.C.C. — Creative Business; Conde & C.A., LDA; Robbials; Vítor Hugo; Voz do Operário; Antena-1; Jornal de Letras; Rádio Comercial

PATROCÍNIO:  Círculo de Leitores

TERMINAL BAR — Paul Sob
BREVEMENTE



Teatro da Cornucópia

W. SHAKESPEARE

♥ MUITO BARULHO
POR NADA ♥



Tradução: Sophia de Mello Breyner Andersen; Encenação: Luís Miguel Cintra; Cenário e Figurinos: Jasmim Matos; Música: Constança Capdeville, Paula Azguime e Miguel Azguime; Coreografia: Elisa Worm.
Interpretação: Adriano Luz, António Fonseca, Canto e Castro, Carlos Veira de Almeida, Gilberto Gonçalves, Jorge Parente, José Wallenstein, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Manuel Cintra, Márcia Breia, Maria José, Miguel Guilherme, Rogério Vieira, Rui David, Rui Mata-Mouros, Teresa Madruga, etc.
Músicos: Miso Ensemble (Paula e Miguel Azguime), José Pontes e Manuel Cintra.

ESTREIA AMANHÃ

De Terça a Sábado às 21.30h, Domingo às 16h.
Teatro do Bairro Alto — Rua Tenente Raul Cascais 1A — 1200 LISBOA
Telef.: 396 15 15 / 396 92 05



homem, para condenar indiscriminadamente protestantes, republicanos, liberais e socialistas. A pouco e pouco e até ao Concílio Vaticano II (1962-1965), a Companhia identifica-se cada vez mais com uma ortodoxia romana, que prega em termos neo-escolásticos a moral de uma tradição imutável.

A grande reviravolta dá-se com a eleição de Pedro Arrupe como 27.º sucessor de Inácio de Loyola, em 1965, no fim do Concílio. Este «homenzinho que, aos cinquenta e sete anos foi largado de pára-quebras na frente dos destinos da Companhia» — segundo as suas próprias palavras — vai revolucioná-la completamente. Tendo passado grande parte da sua vida no Japão — onde assistiu à explosão da bomba atómica — ele é praticamente desconhecido na Europa. No espaço

de vinte anos vai fazer a «reconversão» — o termo pertence-lhe — dos jesuítas. A congregação geral que convoca sublinha a estreita ligação entre «serviço da fé e promoção da justiça» (título do famoso decreto 4). A Companhia vai envolver-se resolutamente nos conflitos do Terceiro Mundo, quer se trate das revoluções latino-americanas ou da resistência anti-Marcos nas Filipinas e rever os seus compromissos com as classes privilegiadas. O fiel da balança deixa de pender para a «formação das elites» e volta a inclinar-se para o «serviço dos pobres».

«Papa negro» contra «Papa branco»

Não era preciso mais nada para inquietar a Santa Sé, saída das suas audácias conciliares. O conflito entre o «Papa negro» (Arrupe) e o «Papa branco» (Paulo VI) só foi do domínio público no

actual pontificado. Tendo constatado «deploráveis deficiências» na Companhia, João Paulo II começa por recusar o pedido de demissão apresentado pelo padre Arrupe. Depois, quando este foi atingido por uma trombose cerebral, o Papa substitui o Vigário Geral temporário designado pelo Geral, inválido, por dois delegados pessoais por si escolhidos.

Tudo volta a entrar na ordem em 1983 com a eleição de um novo Geral, Peter-Hans Kolvenbach. Uma escolha hábil, para não dizer... jesuíta. Nem romano, nem terceiro-mundista, este poliglota holandês é «orientalista», tendo passado cerca de vinte anos no Líbano. Mais discreto e mais diplomata que o seu predecessor — cuja franqueza no falar irritava as instâncias romanas — o padre Kolvenbach está decidido não só a

prosseguir, mas antes a «reforçar» — a expressão é sua — a linha Arrupe, partindo de «imensa vastidão da sua herança espiritual».

Uma herança exigente pela qual os jesuítas pagaram pesado tributo. Nos últimos 20 anos foram assassinados 32 jesuítas, no Tehad, no Brasil, no Zimbábue, no Líbano, em Madagascar, na Bolívia, na Índia, na Colômbia, no Ghana... A lista fecha, provisoriamente, com seis jesuítas assassinados em finais de 1989 na Universidade de San Salvador. Numerosos jesuítas de todo o mundo apresentaram-se já como voluntários para os substituir. É este o segredo dos «homens de negro»: uma fé — alguns chamam-lhe-iam obstinação — a toda a prova.

Alain Woodrow
Serviço Exclusivo «Le Monde»/«DL»

(tradução de Maria Otília Moreira)

Portugueses expõem em França

Uma exposição do fotógrafo português Rui da Silveira vai ser inaugurada amanhã, na sede da Caixa Geral de Depósitos, em Paris. A mostra será inaugurada pelo embaixador de Portugal em França, Luís da Gaspar Silva, na presença do director para França da CGD, César Xisto. A organização da exposição insere-se no quadro das acções de mecenato desenvolvidas por aquela instituição bancária em Paris, com o intuito de promover os artistas portugueses radicados em França. Um outro artistaradicado naquele país, o pintor Batista Antunes, expõe na galeria portuguesa Magellan.

António Arnaut lança terceiro livro de contos

O antigo ministro dos Assuntos Sociais, António Arnaut, lançou sexta-feira, em Coimbra, o seu terceiro livro de contos, intitulado «Ossos do Ofício», obra onde retrata experiências da profissão de advogado. Editado pela «Fora de Texto», o livro é, nas palavras do seu autor, «uma parábola forense. Não se limita a descrever dramas — desvenda os meandros dos tribunais e lança a interrogação: o que é a justiça?» António Arnaut estreou-se na literatura em 1954, com a publicação do livro de poemas «Versos da Mocidade». Posteriormente editou «Pátria, Memória Antiga» e «Miniaturais, Outros Sinais», em poesia, enquanto na ficção publicou as colectâneas de contos «Rude Tempo, Rude Gente» e a «Viagem, Contos do Absurdo».

Criado Grande Prémio da Pintura Portuguesa

Um Grande Prémio da Pintura Portuguesa foi recentemente criado em França com o objectivo de contribuir para um melhor conhecimento, a nível internacional, do «vigor e da originalidade» da pintura portuguesa, foi anunciado, em Paris. O Prémio, no valor de 40 mil francos (cerca de 1100 contos), foi instituído pela União Latina, organização intergovernamental que reúne todos os países europeus de origem latina e a maior parte dos países latino-americanos, e será atribuído pela primeira vez, em Paris, a 30 de Novembro. O premiado, que deverá ter obrigatoriamente menos de 40 anos, ganhará ainda o direito de expor as suas obras em três capitais europeias — Lisboa, Roma e Paris. O júri será constituído por José Sommer Ribeiro e Fernando de Azevedo, directores do Museu de Arte Moderna e do Serviço das Belas-Artes da Fundação Gulbenkian, respectivamente, e pelos críticos de arte Achille Bonito Oliva (italiano), Robert Pontual (brasileiro), Juan Manuel Bonet (espanhol) e Guy Wellen (francês).

Grupo de Teatro O Bando suspende «Os Bichos» de Miguel Torga

O Grupo de Teatro O Bando suspendeu o espectáculo «Os Bichos», de Miguel Torga, que estava a realizar no Teatro da Trindade, em Lisboa, por não conseguir suportar os seus custos, disse à agência Lusa o encenador e director do grupo, João Brites.

Apesar da Secretaria de Estado da Cultura (SEC) ter concedido a O Bando uma verba de 18 mil contos para a produção do espectáculo, orçado em 23 mil contos, o grupo de teatro, por cada vez que apresenta a peça, tem de suportar custos suplementares, sublinhou João Brites.

A situação foi agravada pelo incêndio no Teatro A Comuna, onde O Bando realizava os seus espectáculos, pelo que o grupo foi obrigado a estreiar a peça no Teatro Nacional e a transferir-se, posteriormente, para o Teatro da Trindade.

«Cada vez que fazemos o espectáculo, temos que pagar mais», salientou, o director do grupo, acrescentando que a produção de «Os Bichos» é «muito cara».

Por isso, a situação tornou-se «insustentável» para os elementos do grupo, «que já não têm a quem recorrer para pedir dinheiro», frisou.

Segundo João Brites, desde que «O Bando se estreou» no Teatro da Trindade, em 26 de Outubro, os seus elementos já tiveram de gastar cerca de mil contos para a peça se poder realizar.

«Os nossos actores não recebem salários desde Agosto», acentuou João Brites, que critica a SEC por «não ter tido a amabilidade de dialogar, de forma a colmatar as dificuldades existentes».

Para o director de O Bando, a decisão de terminar a carreira do espectáculo no Teatro da Trindade «é irreversível» dada a «situação de ruptura» em que o grupo se encontra.

A peça «Os Bichos» é realizada por cerca de meia centena de profissionais, entre os quais 12 músicos que actuam ao vivo no decorrer do espectáculo.

O Grupo de Teatro O Bando realizou já sete representações de «Os Bichos», tendo cancelado as quatro que ainda estavam previstas.

Antologia de poesia guineense lançada por editora portuguesa

Uma antologia de poesia guineense será lançada dia 20 em Bissau, numa iniciativa do Centro Cultural Português que conta com o apoio da União Nacional dos Artistas e Escritores da Guiné-Bissau (UNAE).

Representados na antologia são 15 poetas guineenses, nomeadamente Amílcar Cabral, «pai» da nação guineense, Vasco Cabral, actual segundo vice-presidente do Conselho de Estado e ministro de Estado da Presidência.

A obra reúne ainda trabalhos de Agnelo Regala, secretário de Estado da Informação, António Soares Lopes Júnior, secretário executivo da UNAE, e Hélder Proença, membro do Comité Central do PAIGC, entre outros.

A antologia, editada pela Inquérito, é prefaciada por Manuel Ferreira, estudioso de literatura africana e professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que estará presente na cerimónia.

O lançamento desta obra motivará a ida a Bissau de vários escritores de língua portuguesa, como Noémia de Sousa, poetisa moçambicana e jornalista da agência Lusa, Teixeira de Sousa e Manuel Lopes, escritores cabo-verdianos, e Pedro Tâmen, presidente do Pen Clube Português.



Vasco Cabral

O editor português Francisco Lyon de Castro, responsável pela edição da antologia, deslocar-se-á igualmente a Bissau para participar na cerimónia.

A iniciativa conta ainda com o apoio da TAP-Air Portugal e do Bissau Sheraton Hotel.

Na sessão de lançamento, Vasco Cabral receberá da Embaixada de Portugal uma enciclopédia luso-brasileira, edição da Verbo e oferta do presidente do Instituto Português do Livro e da

Leitura, José Afonso Furtado.

Durante a sua permanência na Guiné-Bissau, os escritores de língua portuguesa presentes na cerimónia de lançamento visitarão a ilha de Bubaque e a cidade de Cacheu, e participarão num encontro com escritores guineenses, regressando a Lisboa dia 24.

Lyon de Castro aproveitará a deslocação Guiné-Bissau para estabelecer contactos com responsáveis guineenses da área cultural, com quem passará em revista futuras hipóteses de colaboração para iniciativas editoriais conjuntas.

Numa outra iniciativa promovida pelo Centro Cultural Português, e que decorrerá também em Bissau, nas instalações do Centro, realiza-se uma exposição filatélica, que conta com o apoio dos Correios e Telecomunicações de Portugal, empresa que ofereceu os expositores, e a colaboração da União dos Filatelistas do Norte de Portugal.

O presidente da União, Paulo Sá Machado, proferirá na ocasião uma conferência e manterá encontros com responsáveis guineenses da área.

A exposição filatélica, que decorrerá nas instalações do Centro Cultural Português, incidirá sobre a temática «Navegações Portuguesas».

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Leilão de 1500 livros pode render 100 mil contos

Mais de 15 mil contos é a base máxima de licitação dos cerca de 1500 livros da biblioteca de Fernando Alves Barata, cujo leilão começou segunda-feira à noite em Lisboa, prolongando-se por mais três dias.

Nesta primeira sessão, muito concorrida pelo público, onde se destacavam conhecidos especialistas, foram à praça 350 volumes com uma base máxima de licitação de quatro mil contos, mas muitos lances multiplicaram por cinco até dez vezes o preço pedido pelos respectivos volumes.

Dos tomos leiloados o destaque vai sem dúvida para o lote 180, com base máxima de licitação em 600 contos, um magnífico exemplar de um dos mais belos livros ilustrados com águas-tintas coloridas sobre Portugal e Espanha, da autoria do inglês William Bradford (1810), havendo ainda a registar a riquíssima decoração das pastas que o continham.

O «Arquivo Histórico Português» (1903-1916), correspondente ao lote 67, teve uma base máxima de licitação de 150 contos, sendo considerado um volume muito raro quando completo.

No centro das atenções esteve também o lote 158, «Os Estrangeiros no Lima», de Manuel Gomes de Lima Bezerra (1785-1791), com uma base máxima de licitação de 120 contos, o dobro do que foi pedido, por exemplo, pelo dicionário de François Brulliot (lote 206) e pelas obras de Luiz de Camões (lote 222), ambos por 60 contos à partida.

Só de Camilo Castelo Branco foram a praça quase nove dezenas de volumes, primeiras edições na sua generalidade, com preços bastante díspares, indo os mais caros até aos 50 contos de base máxima de licitação.

Teófilo Braga, Aquilino Ribeiro e Fialho de Almeida, foram igualmente objecto dos lances da assistência, que disputou os 15 volumes deste último escritor, todos eles primeiras edições, a partir da base máxima de licitação de 120 contos.

Finalmente, de assinalar os quatro tomos de «Cartas de Amor» de Soror Mariana, com uma base máxima de licitação de 24 contos, um «Álbum de Costumes Portuguezes» (1888) que saiu à praça por 40 contos, e uma edição ilustrada com o suplicio dos Távoras, sob o título «Administração (1841-1843)» da autoria de Sebastião José de Carvalho e Mello, marquês de Pombal.

O leilão da biblioteca de Fernando Alves Barata prossegue hoje com a venda em praça de mais 350 volumes, cuja base máxima de licitação ascende a pouco mais de 3700 contos, sendo de presumir que, a manter-se a procura e o alto nível dos lances, a receita global se aproxime, quinta-feira, dos 100 mil contos.

Um Sol(al) brilhante

Foi brilhante o concerto dado pelo trio do pianista francês Martial Solal no ex-cinema Tivoli. Entre o formalismo quase clássico e a improvisação, entre os «standards» e a música erudita, Solal, Dominique Pifarely, no violino e Patrice Caratini, no contrabaixo, deliciaram a plateia quase repleta (apesar da profusão de concertos de jazz que se verifica neste momento).

Com os dois músicos que o acompanharam, Solal apresentou um conjunto de temas de onde emanaram a criatividade, a surpresa, a emoção, o intimismo e a técnica, permitindo uma grande liberdade de expressão individual e, simultaneamente, um entendimento e uma cumplicidade perfeitas.

Solal é considerado um dos melhores pianistas de jazz actuais (dele disse Duke Ellington: «Martial Solal tem, em abundância, os elementos essenciais a um músico: sensibilidade, frescura, criatividade e uma técnica extraordinária»), e isso ficou provado na noite de ontem: é surpreendente como se passa dos mestres pianistas do jazz mais clássico, como Art Tatum, Teddy Wilson, Fats Waller e Bud Powell, até à música erudita, inspirada, sobretudo em Eric Satie («Eric Satie do jazz», chamou um crítico francês ao pianista), passando pelo be-bop dos anos 50, desconstruindo essas linguagens para criar um estilo riquíssimo, pleno de harmonias.

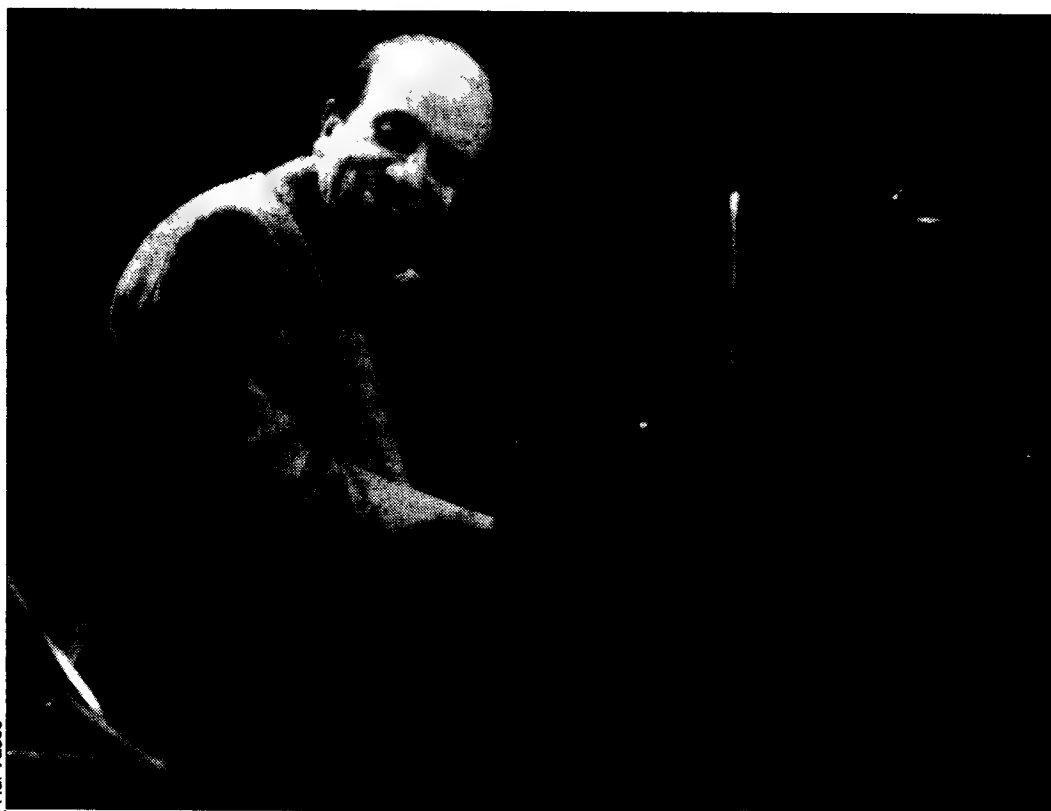
A riqueza da sua herança musical, a sua originalidade e a sua técnica ficaram bem expressas, por exemplo, no tema que interpretou a solo, após o intervalo. A propósito de técnica, o próprio músico diz (e ficou provado na prática) que ela «não está apenas nos dedos mas deve também evoluir na cabeça. É preciso estabelecer conexões a fim de que a improvisação se torne um reflexo mental. Um músico ininteligível pode comparar-se a um actor que gagueje ou mastigue as palavras».

Profissional desde os 17 anos de idade, o pianista tem realizado, também, uma carreira importante de compositor (grande número dos temas ouvidos no Tivoli foram criados por si) - refira-se, a título de exemplo e como curiosidade, que foi o criador da banda sonora do filme «A Bout du Souffle»,

de Godard.

No contrabaixo, Patrice Caratini, com arco ou sem ele, versátil, dotado de boa técnica, criou (na segunda parte do concerto, executou um excelente solo) e deixou criar, estabelecendo uma eficaz base rítmica. Revelou-se, também, um excelente compositor, como ficou demonstrado com o belo tema «Valse des Crayons», que pudemos ouvir na primeira parte do espectáculo.

Dominique Pifarely é um músico na boa tradição dos



Solal: um pianista maravilhoso

violinistas de jazz franceses (como Grappelli, Ponty, e Lockwood). Trata-se de um jovem músico que nos pareceu muito dotado como improvisador, mas menos preocupado com a técnica - os vários solos que realizou demonstraram-no.

Apesar da homogeneidade do trio, deste espectáculo ficaram-nos na memória, sobretudo, a beleza dos temas e esse maravilhoso pianista que é Martial Solal.

Uma última palavra para dizer que nos parece que, dado o tipo de música e formação apresentados, o concerto teria resultado melhor numa sala mais pequena, que permitisse uma maior intimidade da assistência com o público.

M.R.



FÁBRICA DE MALHAS, S.A.

Fábrica de malhas exteriores

HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Exporta cerca de 60% dos seus produtos

Fax n.º (044) 402912

Telex n.º (044) 43057 LORFEL P.

Telef. n.ºs (044) 402419/402475

PORTO DE MÓS

«Cinanima-90»

Animação com sinal mais

Setenta filmes representando a Cinematografia de cerca de duas dezenas de países, vão passar na sessão comemorativa do 14.º Festival Internacional de Cinema de Animação, que tem início hoje, em Espinho.

Mais é o sinal que caracteriza o «Cinanima-90». Mais filmes em competição, mais retrospectivas, mais actividades paralelas e mais convidados, confirmam o Festival de Espinho, a decorrer até dia 18 do corrente, como a grande festa da animação. A única na Europa que permite a auscultação anual do género cinematográfico que, segundo Iuri Norstein, «é mais capaz de atingir esse grau de sinceridade universal que caracteriza as confidências entre amigos».

Apesar do número de filmes em competição, seleccionados entre o número recorde de 170 inscrições de 23 países, não se prevê qualquer deslumbramento quanto à qualidade das obras. Vive-se um período de transição, com a entrada dos computadores na animação e, por outro lado, criação em geral, está em crise, sublinha o presidente do festival, António Gaio.

Espera-se, no entanto, ver boas obras, havendo, como de costume, espectativas no que se refere às cinematografias do Leste. Os ventos convulsivos da perestroika não se fizeram ainda sentir nos estúdios de grandes potências da chamada sétima arte-bis como a

Polónia, a Checoslováquia e a URSS.

A representação portuguesa

Portugal estará representado no sector competitivo do certame com um único trabalho «Vinha Verde», um filme publicitário de Abi Feijó. O genérico do Festival tem a assinatura de Artur Correia, um nome de vulto da animação portuguesa.

A atribuição dos prémios está a cargo de um júri internacional presidido pelo realizador português Sérgio Fernandes, e do qual fazem parte os cineastas Rão Heidnets, da Estónia, vencedor do «Cinanima-89», o francês Jacques Remy Girerd, o americano David Ehrich, o finlandês Antti Peranne e Les Drew, do Office National du Film du Canada.

Além das grandes figuras da animação que integram o júri, há ainda a destacar a presença em Espinho de outros grandes senhores da animação, como René Laloux da França, o norte-americano David Enrich, o irlandês Karen Gormley, os alemães Jochen Ehman e Otto Aider, director do Festival de estugarda. Estará também o brasileiro Hans Donner, realizador de videográficos da TV Globo.

Maria de Lurdes Gândara/
Novosti

DESPORTO

Por todo o País se fala em mais nomes

Francisco Silva: se ele é «corrupto» quem denuncia todos os outros?

Cada vez em piores lençóis o árbitro internacional Francisco Silva que, como ontem detalhadamente informámos, caiu na tremenda esparrela de receber um cheque no valor de dois mil contos para dar uma ajudinha ao Penafiel, no jogo com o Belenenses, que o juiz algarvio se preparava para arbitrar não fora ter surgido o presidente Lourenço Pinto, já acompanhado do brarense Fortunato Azevedo, que imediatamente se assumiu como único director da partida.

Também já o contámos: conversado pelo presidente penafielense Manuel Rocha (na 6.ª-feira, durante a festa de homenagem a Rosa Santos), Francisco Silva aceitou o famigerado cheque no valor de dois milhões de escudos sem sequer saber que as suas conversas estavam a ser gravadas e que, com todas as precauções, Manuel Rocha distorceria a sua assinatura para que ninguém pudesse levantar os dois mil contos que, provavelmente, corresponderiam a um ou dois penalties, cinco foras-de-jogo não assinalados à equipa da casa, uma expulsão *asul* e quatro livres à beira da grande área resteliana.

Apanhado com a boca na botija (e com uma dezena de testemunhas assistindo ao trânsito do cheque entre a algebeira de Francisco Silva e o Conselho Nacional de Arbitragem) restava inventar-se qualquer pretexto para que o público presente em Penafiel não incomodasse duramente Francisco Silva: e quase todos os colegas da Comunicação Social que lá estavam enfiaram o barrete, registando que a troca por Fortunato Azevedo se ficara a dever a *súbita indisposição* de Francisco Silva. Apenas o jornalista João Freitas (de «A Bola») não foi na conversa: e, como igualmente ontem registámos, avançou para a verdadeira razão ficando com inteiro direito a receber bom prémio pela «reportagem do ano», em termos desportivos.

E foi por «A Bola» que o caso veio à luz do dia na devida dimensão. Mas, hoje (e sobretudo graças à Rádio Renascença), novos pormenores podem colocar-se na praça pública, que é como quem diz: no juízo de quantos têm perfeitamente sentido que existe corrupção na arbitragem, desde longo tempo a esta parte. Os repórteres Trindade Guedes e José Isaac Pereira conseguiram, respectivamente, bons «furos» ao conseguirem escutar Lourenço Pinto, Dinis Monteiro, Fortunato Azevedo e o massagista penafielense Mota Vieira, tudo conduzindo ao desfecho de uma reunião no escritório do presidente do Conselho de Arbitragem que, iniciada pelas 17 horas de ontem, apenas se concluiu depois das 23, quando Francisco Silva, conduzido no carro do seu chefe pelo filho de Lourenço Pinto, abalou para parte incerta depois de um inexpressivo: «Não comento» atirado para a brigada de microfones que o esperava à saída do encontro em que ficou determinada a sua imediata suspensão e o início de um urgente processo de averiguações que, ou muito nos enganamos, ou poderá igualmente desencadear casos com mais dois árbitros bem conhecidos que, segundo voz corrente, também têm culpas no cartório, «bastando analisarem-se as suas contas bancárias, os seus haveres conseguidos desde a ida para a alta arbitragem e, o modo de vida que partilham, especialmente um deles, que esteve longo tempo desempregado e apenas vivia dos lucros de apitar futebol».

O certo, já palpável, é que José Francisco Conceição Silva (algarvio, nascido a 16 de Agosto de 1948) pode enfileirar ao lado de outros árbitros que foram igualmente apanhados com a boca na botija e irradiados por corrupção: os casos mais flagrantes são antigos mas sempre recordados e dizem respeito a Viriato Maximiano e Inocêncio Calabote. Agora, ainda permanece ne-

buloso e polémico o convite a Francisco Silva para, no percurso para a Guarda (onde iria chefiar o Feirense-União, da liguinha) ir pernoitar a Cacia, pertinho da sede de um dos clubes que estaria sob seu julgamento no dia seguinte: que conste, o melhor caminho entre Portimão (terra de Francisco Silva) e a Guarda não passa pela costa aveirense...

Nessa altura, falou-se num inquérito que também tocava em César Carvalheira (membro do Conselho de Arbitragem por indicação da Associação de Aveiro) que teria endereçado o complicado convite a Francisco Silva, mas tudo estava em águas de bacalhau até que surgiu mais um problema envolvendo o nome do apitador algarvio, já de si tremendamente contestado pelas arbitragem em que, segundo os clubes derrotados, teria ostensivamente favorecido o FC Porto (nas Antas, ante o Guimarães; em Vila do Conde, na casa do Rio Ave) e o Vitória de Setúbal, numa muito comentada recepção ao Benfica que, provocando uma conferência de Imprensa do emblema da água, valeu um castigo ao dirigente encarnado Gaspar Ramos, que está agora em fase de recurso. E, apesar de por quase todo o País se terem levantado vozes de censura ao comportamento de Francisco Silva, a verdade é que mesmo totalmente remando contra a maré, o Conselho de Arbitragem persistia em dar-lhe toda a confiança, indicando-o à FIFA como 3.º árbitro português, precedendo Rosa Santos e Carlos Valente mas (insolitamente) colocado à frente de Vítor Correia, Fortunato Azevedo, Veiga Trigo e Pinto Correia.

Neste momento, enredado por todos os lados, Francisco Silva tem, em 1.ª instância, o destino desportivo entregue ao Conselho de Disciplina da Federação de Futebol. Lourenço Pinto, nas únicas declarações prestadas publicamente (para a Renascença) ficou-se por meias palavras:

— Não podem ser divulgadas as razões do inquérito a Francisco Silva porque estão em segredo de justiça. Almocei com o presidente penafielense Manuel Rocha para serem abordados assuntos confidenciais. Notando que há diversos aspectos que merecem averiguação, o Conselho de Arbitragem decidiu o inquérito e a suspensão do árbitro.

Decisões (aliás) tomadas por unanimidade por todos os elementos que dirigem a arbitragem: Lourenço Pinto, César Carvalheira, Azevedo Maia, Sequeira Teles, Porfírio Alves e Dinis Monteiro. E, a propósito: o nosso colega «Record» mantém a divulgação feita publicamente no passado domingo de que Dinis Monteiro está irregularmente no dirigismo desportivo, «por-

que foi punido com pena de irradiação na época 79/80, quando jogava andebol», acrescentando Rui Cartaxana (o próprio director do «Record») que o actual vice-presidente da arbitragem «foi irradiado por ter soado um árbitro, no Porto, depois de o ter perseguido até àquela cidade, após um jogo». E o jornalista vai a mais pormenores: «Com ele, no carro, seguia um indivíduo de nome Almor Vaz (treinador) que o ajudou nessa 'nobre' tarefa, facto confirmado pela Federação de Andebol onde Dinis Monteiro estava então inscrito, caso que consta de uma acta, de um comunicado oficial da federação e da ficha do então atleta. E, embora amnistiado quando da visita a Portugal do Papa João Paulo II, não pode (com base nos Estatutos da Federação de Futebol em vigor) ser dirigente desportivo».

Veja-se bem o que o caso com Francisco Silva está desencadeando, nada admirando que estejamos perante uma simples bolinha de neve que vai provocar avalanche e muita gente tocada pelo percurso ao longo do desfiladeiro. Um grupo de clubes (encabeçado pelo Benfica, com imediata solidariedade do Sporting e do Belenenses) que se consideram lesados por arbitragens, vai pedir ao ministro Roberto Carneiro a intervenção da Alta Autoridade Contra a Corrupção. Enquanto isso, ninguém sabe do paradeiro de Francisco Silva, constando que, ao volante do seu carro (matrícula PJ-91-01) foi visto esta manhã numa cidade da zona fronteira. Simultaneamente, mantém-se uma dúvida: o presidente do Penafiel estava conluído com Lourenço Pinto para estenderem uma armadilha a Francisco Silva ou Manuel Rocha pode ir a tribunal por tentativa de suborno, à semelhança do que aconteceu com António Veiga, o tristemente célebre dirigente do Macedo de Cavaleiros envolvido no complicado imbróglio com o Famalicão?

E que se passará ainda em relação ao afastamento de César Correia do Conselho de Arbitragem, sob o pretexto (não confirmado) de que faltaria a algumas reuniões sem apresentar justificação plausível?

— É falso (diz o representante do Algarve no Conselho de Arbitragem). Enviei atestado médico de cada vez que fui obrigado a faltar por doença.

Quer dizer: o reino da arbitragem está pior que estragado, não haverá motivação suficiente para aquela loja levar uma varridela total ou ainda é necessário que se fique a conhecer mais pedaços podres de um futebol completamente deturpado na essência da sua honestidade?

Neves de Sousa

Para os dirigentes do Belenenses, o culpado da crise que se vive no clube, é o seu presidente. José Segarra é perenptório: «Ele está decidido a prejudicar a vida do Belenenses»

Ferreira de Matos: «O Desestabilizador»

O Belenenses é, decididamente, uma colectividade em fase de grandes convulsões. Milhares de contos de passivo, auditoria em curso, sócios divididos quanto aos métodos de gestão, dirigentes em permanente discórdia e, a agravar todas estas (grandes) questões, a equipa de futebol encontra-se na última posição somando apenas três pontos dos 22 possíveis e que o Sporting (1.º classificado) conta no activo.

Para tentar encontrar solu-



Ferreira de Matos: um presidente na «corda bamba»

ções que visem o reerguer do prestígio da colectividade, reuniram-se, ontem, na casa do «vice» José Matias, os seguintes dirigentes: José Segarra e José Esteves (assembleia geral), Luís Santos (conselho fiscal), Joaquim Cabrita, Rodrigues Costa, António Viagas, José Rodrigues, José Matias, João Casaca, José António Nóbrega, Armando Rocha e Zemael Espada (directão).

Segundo o jornal «Record», aqueles dirigentes concluíram que a crise passará pelo afastamento do presidente do executivo, major Ferreira de Matos. José Segarra teria afirmado que o líder da direcção «está interessado em desestabilizar o Belenenses... Infelizmente continuamos a ser surpreendidos por entrevistas bombásticas e desestabilizadoras do presidente». Para o presidente substituído Joaquim Cabrita «o major Ferreira de Matos continua a desestabilizar o clube porque ainda não recuperou do esgotamento cerebral que sofreu em Junho passado... Esta direcção sente-se traída pelo presidente, porque na altura das eleições prometeu disponibilizar de 150 mil contos até meio milhão, mas essas expectativas saíram defraudadas».

Que mais se irá passar na nobre colectividade da Cruz de Cristo?

Amanhã: Jornada n.º 12

Realizam-se amanhã os encontros respeitantes à jornada n.º 12 do Nacional da 1.ª Divisão. Eis o programa: Boavista-Sp. Farense; Belenenses-Salgueiros; Sp. Braga-Benfica; Famalicão-Marítimo e Est. Amadora-Penafiel, todos às 15 horas.

Nacional-Gil Vicente, às 18.45 horas; Desp. Chaves-Sporting, às 19 horas; V. Setúbal-Beira Mar, às 21 horas; Tirsense-FC Porto, às 21.30 horas e União-V. Guimarães, às 21.30.

Luisinho e Ivkovic não jogam em Chaves

Luisinho (distensão do ligamento lateral interno com suspeição de haver lesão meniscal) e Ivkovic (que partiu para a Dinamarca para ali defender as redes da selecção jugoslava) são os grandes ausentes do Sporting no confronto de amanhã (19 horas) em Chaves.

Para render estes «intocáveis» Marinho Peres contará com Sérgio nas redes e Bozinski no eixo central.

Kostadinov e Tanev no Bulgária-Escócia

Os búlgaros Kostadinov (FC Porto) e Tanev (Chaves) encontram-se no seu país (Bulgária), para amanhã integrarem a selecção que defrontará a Escócia em jogo do Grupo 2 da fase de apuramento para o Europeu-92.

«Meninos» de Queiroz jogam em Itália

Em encontro da primeira mão da fase de apuramento para o Europeu, a nossa selecção de sub-16 joga amanhã em Senigallia com a sua congénere italiana. O encontro da segunda mão ocorrerá no dia 20 de Março em Portugal. De acordo com informações que nos chegam de Itália, Carlos Queiroz deverá fazer alinhar a seguinte formação: Paulo Morais (Sporting); Reisinho (Porto); Nuno Afonso (Benfica), Rui Gama (Braga) e Pedro Henriques (Benfica); Beto (Benfica), Morbey (Benfica), Adriano (Benfica) e Madureira (Porto); Nuno Santos (Porto) e Luisinho (Porto).

Manuel Oliveira treina o Sintrense

Para suceder a José João (despedido na 7.ª jornada) o Sintrense contratou Manuel Oliveira que, a partir da 5.ª ronda, deixou a orientação do Portimonense. Recorde-se que esta é a 28.ª mudança de comandos das quatro divisões do futebol nacional.

Roménia: Novo seleccionador

Mircea Radulescu foi designado seleccionador de futebol da Roménia, em substituição de Gheorghe Constantin, que abandonou o cargo após 11 semanas à frente da turma nacional. Radulescu (49 anos) era adjunto do seleccionador principal e treinador da equipa de juvenis, acumulando estes cargos com o de assessor técnico da Federação. O novo seleccionador treinou dois clubes da 1.ª Divisão romena: o Universitatea de Craiova e o Sportul de Bucureste.

Federação-associações: «encontro» no sábado

A Federação Portuguesa de Futebol promove sábado num hotel de Lisboa, a partir das 14 e 30 horas, um encontro com as associações distritais, reunião cuja agenda de trabalhos se apresenta bastante recheada.

A iniciativa partiu do executivo liderado por João Rodrigues, visando clarificar algumas questões levantadas pelos dirigentes associativos, indo assim ao encontro das pretensões dos organismos regionais, que há muito vêm reclamando o diálogo com a FPF.

Recorde-se, a propósito, que as associações que compõem os Grupos «B» e «C», em recente encontro de trabalho, deixaram bem claro o propósito de exigir dos responsáveis da Clara da Alegria respostas às múltiplas questões a seu tempo colocadas, as quais, ao fim e ao cabo, estão contempladas na agenda de trabalhos elaborada para o encontro de sábado.

Perante representantes de seis das 46 Federações

PCP critica Orçamento para actividade desportiva

A proposta do Orçamento do Estado para 1991 na área do desporto foi qualificada de «provocatória» e «miserabilista», num encontro entre federações desportivas e o grupo parlamentar do Partido Comunista Português.

A reunião teve por objectivo a recolha de opiniões que ajudem a fundamentar as intervenções que os deputados do PCP irão realizar sobre a matéria, aquando da discussão do Orçamento do Estado para o próximo ano: e, nela participaram membros das Federações Portuguesas de Atletismo, Ginástica, Remo, Columbofilia, Andebol e Judo, de um total de 46 existentes a nível nacional.

A proposta do Orçamento para 1991 no sector do desporto envolve (conforme foi referido no encontro) uma verba total de 8 178 130 contos, representando um acréscimo percentual de apenas 5,7 por cento em re-

lação a 1990.

«As perspectivas não são más: são péssimas», comentou a propósito um elemento presente da Federação de Atletismo, após ter recordado que 1992 será ano de Jogos Olímpicos, que se realizam na vizinha Espanha. Para o mesmo interveniente, a escassez das verbas destinadas à construção de infra-estruturas desportivas em 1991 demonstra que as promessas do ministro da Educação nesta área foram «apenas palavras e nada mais».

Outro membro da mesma Federação sublinhou que a proposta orçamental apresentada pelo Governo significa, dada a sua insuficiência financeira, «a perda efectiva do poder de intervenção das federações».

Depois de referir que um estudo recente da Direcção-Geral dos Desportos estimava em 146 milhões de contos o quantitativo necessário para a construção de instalações desportivas em Portu-

gal, o mesmo elemento da Federação de Atletismo, concluía, reportando-se à proposta em apreciação: «Quatro milhões de contos para instalações desportivas é uma provocação ao desporto federado».

Para a Federação Portuguesa de Andebol mais importante do que discutir verbas seria assentar-se numa filosofia do desporto e numa hierarquização de prioridades, acentuando-se que «um aumento de 5,7 por cento em termos de concertação social seria uma catástrofe».

No sector da columbofilia que, em 1990, orçamentou 20 mil contos, vê-se de algum modo ameaçada a prática futura, face à proposta do Governo: «Temos expectativas, mas este é o momento em que elas se começam a desvanecer».

No que respeita ao remo, os comentários não foram mais optimistas: «Com um aumento de 5,7 por cento

não vamos lá».

A encerrar o encontro, o professor Melo Carvalho (por parte do PCP) considerou que o desporto português está a viver «uma situação de extrema gravidade, que nos afasta cada vez mais da Europa em que nos pretendemos integrar. Estamos no Quarto Mundo no sector do desporto», comentou ainda Melo de Carvalho.

A proposta do Orçamento do Estado para 1991 na área desportiva, atribui parceladamente 1 408 000 contos à Direcção-Geral dos Desportos, que serve o desporto escolar e o federado. Para o Estádio Nacional são canalizados 170 730 contos (80 730 de receitas próprias) e para o Estádio Universitário 100 mil contos (20 mil de receitas próprias). A rede integrada de infra-estruturas desportivas recebe 700 mil contos e o Estádio Universitário (neste mesmo âmbito) 300 mil contos.



Schillaci: em polvorosa depois de lançar perigosa ameaça a colega de profissão

«Estás perdido: farei com que alguém dispare contra ti!»

Schillaci ameaça agressor à boa maneira mafiosa

O futebolista italiano Salvatore Schillaci, avançado da Juventus de Turim e melhor marcador no Mundial Itália-90, foi agredido por um jogador do Bolonha e respondeu com uma ameaça:

«Estás perdido, farei com que alguém dispare contra ti», disse Schillaci, depois de ter recebido uma sonora bofetada de Poli (jogador do Bolonha) no túnel de acesso ao relvado.

O diferendo entre os dois jogadores teve início no lance que proporcionou o único gol do encontro, que deu a vitória à Juventus, na sequência de uma grande penalidade. O «penalty» foi assinalado a castigar uma alegada falta sobre Schillaci: e apontado por Baggio. Poli aproximou-se de Schillaci, para o recriminar, dizendo-lhe que havia simulado bem e exagerado na «falta» que originou a grande penalidade. Após uma troca de gestos e insultos, ambos prometeram encontrar-se depois do jogo: e foi no túnel, após o apito final, que Poli deu uma monumental «bolacha» em Schillaci que, durante o Mundial se tornou em verdadeiro «herói nacional».

«Ele poderia reagir de outra forma, talvez mesmo com outro soco ou um pontapé, mas nunca esperei uma ameaça tão sinistra e desagradável», afirmou o jogador do Bolonha.

O incidente entre os dois atletas está a ser investigado pela Federação Italiana e Liga Profissional de Futebol.

Inglaterra:
Disciplina dura

A Associação Inglesa de Futebol (FA) decidiu retirar dois pontos ao Arsenal e um ao Manchester United relativos ao Campeonato Nacional do país, na sequência de distúrbios que envolveram jogadores das duas formações, numa partida disputada em Outubro passado. A medida, considerada sem

precedentes no futebol inglês, foi tomada após uma comissão da FA ter visionado imagens gravadas dos tumultos ocorridos no passado dia 20 de Outubro, no relvado do Estádio Old Trafford (do Manchester United) que envolveram 21 jogadores de ambas as equipas.

Após os incidentes, o Arsenal impôs sanções monetárias ao treinador da equipa (George Graham) e a cinco dos seus jogadores, enquanto o Manchester United decidiu também multar três jogadores do clube. A Associação Inglesa de Futebol decidiu ainda sancionar as duas formações com multas que rondam os 100 mil dólares (cerca de 13 500 contos) e advertiu as respectivas direcções em relação às futuras condutas.

«Observando as imagens no vídeo, tornou-se evidente que os dois clubes tiveram responsabilidades nas desordens ocorridas no relvado», afirmou Kelly Graham, dirigente da FA, no final de uma reunião do organismo, realizada em Londres.

A sanção mais pesada atribuída ao Arsenal resultou da reincidência no envolvimento de jogadores arsenalistas em tumultos em campo: na temporada passada, o Arsenal foi (por este motivo) multado em 39 mil dólares (cerca de 5 mil contos), após incidentes num encontro frente ao Norwich.

A classificação do Campeonato passou a estar ordenada da seguinte forma: 1.º, Liverpool, 34 pontos; 2.º, Arsenal, 26; 3.º, Tottenham, 25; 4.º, Crystal Palace, 21; 5.º, Leeds, 19; 6.º, Manchester City, 18; 7.º, Manchester United, 17; 8.º, Southampton, 15; 9.º, Aston Villa, Nottingham Forest, Chelsea, Norwich e Luton, todos com 14; 14.º, Coventry, Queens Park Rangers e Wimbledon, com 12; 17.º, Everton e Sunderland, 11; 19.º, Derby County, 10; 20.º, Sheffield United, 4.

EM FOCO

Lusitano de Évora: Um clube em festa

O Lusitano de Évora está a comemorar o 79.º aniversário da sua fundação, com um diversificado programa cultural, recreativo e desportivo que se prolonga até ao final do ano.

As comemorações, que terminam com a festa de passagem de ano, nas instalações do clube, têm o seu ponto alto no próximo sábado, com uma sessão solene, durante a qual serão entregues os emblemas aos associados com 25 e 50 anos de filiação e os prémios instituídos pelo grupo «Os Giral-dos».

Fundado a 11 de Novembro de 1911, o Lusitano Ginásio Clube, colectividade considerada Instituição de Utilidade Pública, e membro honorário da Ordem do Infante D. Henrique, Oficial da Ordem Militar de Cristo e já foi louvado pela Câmara Municipal de Évora.

O Lusitano de Évora, clube responsável pela prática de várias modalidades amadoras, ocupa, actualmente, o 10.º lugar no campeonato nacional de futebol da 2.ª divisão B, com 12 pontos, curiosamente através de 4 vitórias, 4 empates e 4 derrotas e com 11 golos marcados e outros tantos sofridos.

CONCERTOS

Ciclo

Luis de Freitas Branco

QUARTA-FEIRA

14 NOVEMBRO 21h30

Obras de
Luís de Freitas Branco
(Canções, Sonata para Violoncelo, Madrigais)

ESTÚDIO A — Rua do Quelhas 2
ENTRADA LIVRE



antena2

Design MJF

DESPORTO

Ténis: como vai o «ranking»

Marques é 101.º do Mundo

Nuno Marques está a um passo de atingir o objectivo traçado para esta época, ao ascender ao centésimo primeiro lugar no «ranking» mundial de ténis, no qual é o português mais bem classificado de sempre.

O tenista portuense, cuja meta para este ano é entrar nos 100 primeiros do Mundo, totaliza 339 pontos, e subiu oito lugares na tabela da Associação de Tenistas Profissionais (ATP), após atingir, na última semana, os quartos-de-final do Torneio

de Itaparica (Brasil).

Nuno Marques encontra-se a escassos dois pontos do centésimo classificado, o australiano Mark Woodford, a cinco do sueco Anders Jarryd, e a nove do neo-zeelandês Kelly Evernden.

João Cunha e Silva, eliminado na segunda ronda da competição brasileira, subiu igualmente oito lugares na classificação ATP, onde ocupa agora o centésimo trigésimo posto, com 273 pontos, bem distante do terceiro melhor português, Bernardo

Mota, 656.º, com 10 pontos.

No topo do «ranking» mundial mantém-se o sueco Stefan Edberg, com 3674 pontos, seguido do alemão Boris Becker, segundo, com 3449 pontos, e do checoslovaco Ivan Lendl, terceiro da tabela, com 2482 pontos.

Os 10 primeiros classificados do «ranking» mundial e os cinco melhores portugueses são os seguintes: 1.º, Stefan Edberg (Suécia), 3674 pontos; 2.º, Boris Becker (Alemanha), 3449; 3.º, Ivan

Lendl (Checoslováquia), 2482; 4.º, Andre Agassi (EUA), 2048; 5.º, Pete Sampras (EUA), 1864; 6.º, Andres Gomez (Equador), 1680; 7.º, Thomas Muster (Áustria), 1619; 8.º, Emilio Sanchez (Espanha), 1578; 9.º, Goran Ivanisevic (Jugoslávia), 1456; e 10.º, Brad Gilbert (EUA), 1451.

Os nossos: 101.º, Nuno Marques, 339; 130.º, João Cunha e Silva, 273; 656.º, Bernardo Mota, 10; 705.º, Emanuel Couto, 8; e 717.º, João Couto, 7.

Golfe

Taça «Glenlivet» ficou por cá

O nosso representante Rodrigo Pinheiro e a inglesa Shirley Greenway, foram os vencedores da Taça Glenlivet, que se disputou no Campo do Oporto, em Espinho. A final teve a participação de 50 jogadores de todo o País, apurados em cinco torneios de qualificação e integrou-se nas comemorações do centenário do Oporto Golf Club, um dos mais antigos da Europa.

Rodrigo Pinheiro concluiu os 18 buracos com 69 pancadas «net» (com abono), seguido de José António Silva, também com 69, João Pedro Santos (71), Alexandre Barroso e Vítor Valente, ambos com 74.

Na classificação «gross» (absoluta), o vencedor foi

Adelino Ribeiro, com 74 pancadas (2 acima), seguido de Paulo Oliveira (75) e Manuel Oliveira (76).

No escalão feminino, que teve nove concorrentes, Shirley Greenway foi a vencedora com 71 pancadas «net», seguida de Helena Rochford (72), Joana Oliveira (73) e Patrícia Brito e Cunha (76).

Open da Costa Azul

O segundo Open da Costa Azul começa amanhã no campo da Aroeira, na Costa de Caparica, e termina no domingo em Tróia, com a participação de centena e meia de jogadores, profissionais e amadores, na maioria estrangeiros.

O torneio, que tem o apoio

da Região de Turismo da Costa Azul (Setúbal) terá a participação de 125 jogadores estrangeiros, oriundos da França, Inglaterra, Estados Unidos, Finlândia, Bélgica, Holanda, Jugoslávia e Suíça, além de perto de 40 portugueses.

Além dos melhores profissionais portugueses, deslocam-se a Tróia alguns profissionais estrangeiros, que irão disputar cerca de três mil contos em prémios monetários, cabendo 700 mil escudos ao primeiro e 350 mil escudos ao segundo classificado.

O torneio começa quinta-feira com um Pro-Am (Profissional/Amadores) no campo da Aroeira, em que estarão em prova 35 equipas (140 jogadores), prosseguin-

do entre sexta-feira e domingo no campo de Tróia, com provas em separado para profissionais e amadores, fazendo ambos 54 buracos (três voltas).

Simultaneamente ao torneio, a organização preparou um programa social com visitas turísticas para os estrangeiros, que inclui a prova da gastronomia e vinhos da Região da Costa Azul.

B R E V E S

Xadrez:
«Mundial» vai recomeçar

Os grandes-mestres soviéticos Garry Kasparov e Anatoly Karpov, acompanhados dos seus conselheiros, já se encontram em Lyon para preparar a segunda fase do Campeonato do Mundo que iniciaram em Nova Iorque.

Cumpridas as 12 primeiras partidas, os dois soviéticos estão empatados a seis pontos, retomando-se o «match» no próximo dia 24, na cidade francesa de Lyon, onde terão lugar mais 12 partidas se nenhum dos xadrezistas somar entretanto 12,5 pontos.

Garry Kasparov manterá o título mundial em caso de empate a 12 pontos no termo das 24 partidas agendadas.

Bachar Kouatly, um dos organizadores do campeonato, afirmou que a segunda etapa do «Mundial» será um dos acontecimentos mais importantes ocorridos em Lyon, só comparável ao julgamento de Klaus Barbie (antigo chefe da Gestapo) e à visita papal.

Durante a fase final do campeonato, o primeiro disputado em França, Kasparov e Karpov terão ao seu dispor vivendas separadas, nas quais poderão alojar-se também os seus assessores.

Serafim Vieira
partiu clavícula

O jovem ciclista Serafim Vieira, da Sicasal, sofreu uma queda, na passada sexta-feira, quando efectuava um treino de manutenção na região de Palmela, tendo fracturado a clavícula e possivelmente terá de ser submetido a uma intervenção cirúrgica.

O atleta de Torres Vedras, com 24 anos, deverá, no entanto, reintegrar a equipa orientada por Orlando Alexandre em Dezembro, altura em que a Sicasal inicia a época de 1991.



Salgueirista vence na Nazaré. Chama-se Vítor Silva, é ajudante de motorista da empresa Salvador Caetano e representa há três anos o Salgueiros, o vencedor da 14.ª edição da Meia Maratona da Nazaré, percorrendo a distância no tempo de uma hora, quatro minutos e 30 segundos. Recorde-se que este atleta é treinado desde há oito anos por Glória Soares.

Outros vencedores: Daniele Kaber (luxemburguesa que venceu na classe de senhoras), Domingos Lopes (Fátima) e Conceição Ferreira (Famalicão) em juniores, António Riscado (Maratona), Manuel Augusto (Rabor), Óscar Loureiro (S. Vítor) e Francisco Vicente (F. Grada) todos nas categorias de veteranos; João Cardoso (Juanita) em cadeira de rodas e Luís Gaspar (Pilhas) na categoria de deficientes a pé.

Seixal

com a população para defender Abril

VII
encontro
de
teatro
do
Seixal

Novembro 90

organização
C.M. SEIXAL

DIA	HORA	LOCAL	COMPANHIA	ESPECTÁCULO
SEXTA 16	21 30	C R Cruz de Pau	Companhia Teatral do Chiado	"A Birra do Morto" - Enc. Mário Viegas
SÁBADO 17	21 30	C C D Paivas	Frescotea	"Piscatória"
DOMINGO 18	17 00	C S S Pinhal de Frades	Grupo de Teatro Amador das Paivas	"Farsa de Mestre Pathelin"
SEGUNDA 19	18 00	Esc. Secund. da Amora	GIC - Grupo de Intervenção Cultural	"Grande Senna" Jorge de Senna
QUINTA 22	17 00	Esc. Secund. Fogueteiro	C. Teatro de Almada - Grupo Campolide	"Amor a Quanto Obrigas" Gil Vicente
SEXTA 23	21 30	C C R Alto do Moinho	Ferrinhas (Odivelas)	Uma Feira com Gil Vicente
DOMINGO 25	21 30	C R Cruz de Pau	Cruz Actos	"As Sobrinhas" de Jaime Salazar Sampaio
SEXTA 30	21 30	Ind. Torreense	Torreito	Exercícios de Estilo (adapt.) Luis Pacheco

câmara municipal do seixal

O ESTADO DO TEMPO**CONTINENTE**

Regões do Norte: Céu pouco nublado temporariamente muito nublado durante a manhã. Vento fraco. Acentuado arrefecimento nocturno, com formação de geada nos locais abrigados. Neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã. Mar encrespado com ondulação noroeste de 2 metros. **Regões do Centro e Sul:** Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Oeste no Algarve. Acentuado arrefecimento nocturno. Mar encrespado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sueste de 2 metros na Costa Sul.

Amanhã e depois

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco a moderado de Nordeste. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nos locais abrigados do Norte e Centro.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado por vezes forte de Nordeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metros na Costa Sul.

No Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Amanhã e depois

Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste moderado.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado a forte de Sudoeste. Períodos de chuva fraca. Mar cavado com ondulação noroeste de 3 a 4 metros, diminuindo gradualmente.

Grupo Central: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 3 metros diminuindo gradualmente.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de Sul. Mar encrespado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros diminuindo gradualmente.

Amanhã e depois

Céu pouco nublado. Vento fraco de Sudoeste.

MARÉS**Hoje**

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
00.04	3,3m	05.55	1,3m
12.23	3,5m	18.24	1,1m

Amanhã

00.49	3,5m	06.37	1,1m
13.08	3,6m	18.59	1,1m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA**HÁ 20 ANOS**

Diário de Lisboa A MOSCA

REVOLUÇÃO NO ENSINO UNIVERSITÁRIO

Vão acabar os exames em Espanha

Os exames vão acabar em Espanha ao nível do ensino superior - eis o que decidiu o Governo espanhol e vai ser enviado para a folha oficial do país vizinho, através de uma ordem do Ministério da Educação e Ciência que cria um regime mais racional de avaliação dos conhecimentos. Também, experimentalmente, é dada maior autonomia à Universidade de Madrid, cujo reitor passa a ser eleito por 4 anos, assim como os directores de Faculdades.

CHOCQUE DE COMMODOS NA ESTACÃO DA ALVALA

Um acidente de trânsito com um comboio de passageiros e um comboio de mercadorias, na estação da Alvala, em Lisboa, resultou em três feridos e danos materiais.

MÚLTIPLOS INCIDENTES NA ARGENTINA EM GREVE

A poderosa Confederação Geral do Trabalho argentina desencadeou ontem, ao meio dia, apesar das medidas tomadas pelo Governo militar do general Roberto Livingston, uma greve geral de 36 horas, greve que paralisou praticamente todas as actividades do país.

Vão acabar os exames em Espanha

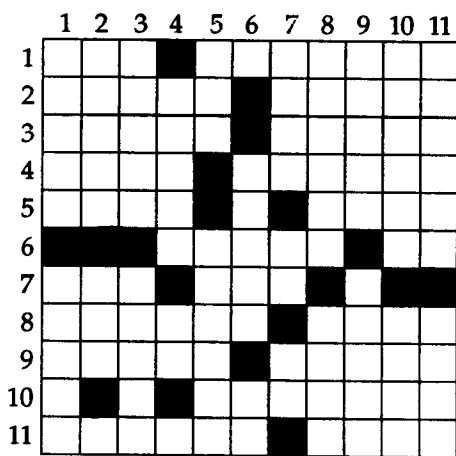
Os exames vão acabar em Espanha ao nível do ensino superior - eis o que decidiu o Governo espanhol e vai ser enviado para a folha oficial do país vizinho, através de uma ordem do Ministério da Educação e Ciência que cria um regime mais racional de avaliação dos conhecimentos. Também, experimentalmente, é dada maior autonomia à Universidade de Madrid, cujo reitor passa a ser eleito por 4 anos, assim como os directores de Faculdades.

Múltiplos incidentes na Argentina em greve

A poderosa Confederação Geral do Trabalho argentina desencadeou ontem, ao meio dia, apesar das medidas tomadas pelo Governo militar do general Roberto Livingston, uma greve geral de 36 horas, greve que paralisou praticamente todas as actividades do país.

Obras no Marquês

O trânsito rodoviário na Praça do Marquês de Pombal (que terá de ser objecto de solução mais aperfeiçoada, com passagens a níveis diferentes, aquando da instalação da «Onda Verde») está a tornar-se tão complicado que exigiu obras imediatas, se bem que ainda provisórias...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 18 043

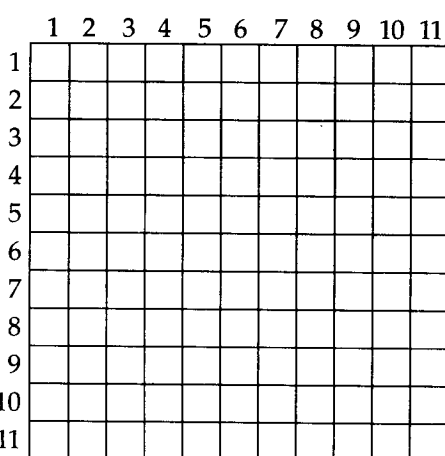
HORIZONTAIS:

- 1 - Bondoso. Segurar.
- 2 - Ficar quieto. Corroer lentamente.
- 3 - Divisão de uma obra. Carro ligeiro de duas rodas, usado na África do Norte, para transporte de pessoas e víveres.
- 4 - Antigo casaco de militares. Substituir.
- 5 - Terra nova e arroteada de fresco. Nome dado ao carbonato de sódio.
- 6 - De entrada (o barro).
- 7 - Entre os Filipinos a divindade. Chefe etíope.
- 8 - Apelido. Antiga tribo de índios de Pernambuco.
- 9 - Desejais. Luta.
- 10 - Perfilhar.
- 11 - Olhinho (pl.). Bebida do Peru.

VERTICAIS:

- 1 - Mosto. Amargo.
- 2 - Detestar. Nobre.
- 3 - Agitava. Da Arábia.
- 4 - Cilada. Nessa altura.
- 5 - Nome de jogo. Cárcere.
- 6 - Falhas. Reis.
- 7 - Gostar muito de. Ósmio (s.q.). Bromo (s.q.).
- 8 - Designação genérica das doenças causadas por vírus. Bois selvagens.
- 9 - Cabrito de um ano. Amante.
- 10 - Cauda do peixe. Mãe de Ismael.
- 11 - Aves trepadoras. Nome de mulher.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 853

HORIZONTAIS:

- 1 - Chupar. Pequeno porto da Pérsia.
- 2 - Nome de letra. Cruel.
- 3 - Brisa. Naturais do Minho.
- 4 - Rádio (s.q.). Prefixo de negação. Dera aviso de alguma coisa em voz alta.
- 5 - Abreviatura de Santíssimo. Oportunidades.
- 6 - Rei de Israel. Crómio (s.q. e inv.).
- 7 - Brisa. Nesse lugar.
- 8 - Nome de astro. designação genérica das plantas herbáceas.
- 9 - Que treme. Batráquio.
- 10 - Antes de Cristo. Testemunhar.
- 11 - Letra grega. Aniversário. Emprega.

VERTICAIS:

- 1 - Transpirar. Satisfazer.
- 2 - Nível. Avalio.
- 3 - Gálio (s.q.). Nome de vários rios da Alemanha.
- 4 - Vinho fabricado com a seiva sacarina das tâmaras do Egipto. Senhor. Mula.
- 5 - O mesmo que abelha-mestra. Cério (s.q.).
- 6 - Homem que foi canonizado.
- 7 - Balança chinesa. Prendas.
- 8 - Vazara com broca. Pertences.
- 9 - Economia fechada. Pronome pessoal.
- 10 - Reze. Chefe etíope.
- 11 - Matara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 042

HORIZONTAIS: 1 - UMA. MULHER. 2 - Nardos. Acua. 3 - It. Ecar. Am. 4 - Ca. Tas. Pero. 5 - Arse. Sa. Sal. 6 - Aspes. 7 - Atlas. Cear. 8 - Figas. Filme. 9 - Era. Malham. 10 - Voga. Iodo. 11 - Acaso. Rosas.

VERTICAIS: 1 - Únicas. FEIA. 2 - Matar. Air. 3 - Ar. Salgava. 4 - DETESTA. OS. 5 - Moca. Pás. Gó. 6 - Usasses. Ma. 7 - As. Fa. 8 - Ha. Cílio. 9 - EC. ESPELHOS. 10 - Ruara. Amada. 11 - Amolaremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 852

HORIZONTAIS: 1 - Antália. Apt. 2 - Rela. Ripara. 3 - Mias. Io. res. 4 - Na. SC. 5 - Grotescas. 6 - Huca. Atoas. 7 - Siro. 8 - AAA. Aro. Bom. 9 - Triana. Arrã. 10 - Rasgavam. Ni. 11 - As. Ara. Egas.

VERTICAIS: 1 - Armagh. Atra. 2 - Nei. Rumaras. 3 - Tlaloc. Ais. 4 - Aas. Ta. Agã. 5 - Ne. Sanar. 6 - Irias. Irava. 7 - Aio. Caro. 8 - Bato. Ame. 9 - Aar. Só. Br. 10 - Pres. Adorna. 11 - Tascas. Mais.

PROVÉRBIO:
UMA MULHER
FEIA DETESTA
OS ESPELHOS.

2024



I Série N.º 262
Dia 13 de Novembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO**Presidência do Conselho de Ministros**

Resolução do Conselho de Ministros n.º 44/90:
Autoriza a emissão de certificados especiais de dívida pública.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 45/90:
Autoriza a emissão de certificados de aforro.

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Despacho Normativo n.º 136/90:
Cria no quadro de pessoal do Ministério do Planeamento e da Administração do Território um lugar de programador de aplicações assessor principal.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 137/90:
Cria no quadro de pessoal da ex-Junta Nacional dos Produtos Pecuários um lugar de assessor principal na carreira de economista, a extinguir quando vagar.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 49/90:
Aprova o Protocolo de Cooperação para o Estabelecimento de um Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa na República Popular de Moçambique.

Avisos:

Torna público ter o governo do Belize depositado junto do secretário-geral das Nações Unidas, a 20 de Agosto de 1990, os instrumentos de adesão à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, assinada em Genebra a 28 de Julho de 1951, e ao Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados, assinado em Nova Iorque a 31 de Janeiro de 1967.

Torna público ter o governo do Japão depositado junto do secretário-geral das Nações Unidas a notificação de aceitação do Acordo Internacional do Café, 1983, tal como foi prorrogado pela Resolução n.º 347, de 3 de Julho de 1989.

Torna público ter o governo da Bolívia depositado o instrumento de ratificação da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres.

Torna público ter sido concluído por ambas as partes o processo de aprovação do Acordo de Cooperação Técnica no Domínio da Polícia entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde, assinado no Mindelo a 13 de Junho de 1988.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1117/90:
Altera a regulamentação do curso de bacharelato em Gestão ministrado na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico de Faro. Revoga as Portarias n.ºs 317-H/86, de 24 de Junho, e 430/89, de 12 de Junho.

Tribunal de Contas

Resolução n.º 6/TC-I/90:
Instruções respeitantes ao acompanhamento a efectuar pelo Tribunal de Contas sobre o endividamento público a cargo da Direcção-Geral do Tesouro.

Resolução n.º 7/TC-I/90:
Instruções respeitantes ao acompanhamento a efectuar pelo Tribunal de Contas sobre o endividamento público a cargo da Direcção-Geral da Junta do Crédito Público.

Nota — Foi publicado um 3.º suplemento ao *Diário da República*, n.º 201, de 31 de Agosto de 1990, inserindo o seguinte:

Rectificações aos textos de 17 decretos e portarias.



MUNICÍPIO DE LISBOA
EDITAL
N.º 84/90

Tabela de taxas a praticar nas escolas de natação municipais
Faz-se saber que por deliberação da Assembleia Municipal de 19 de Setembro último foi aprovada a proposta n.º 330/90 referente à Tabela de taxas a praticar nas escolas de natação municipais.

até aos 16 anos
2 x semana = trimestre 2750\$00
3 x semana = trimestre 3500\$00

maiores de 16 anos
2 x semana = trimestre 4000\$00
3 x semana = trimestre 5000\$00

Taxa de 1.ª inscrição 500\$00

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/10/24

O Vereador
Rago Mendes

CINEMAS

ALFA

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496

SALA 1

O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 3

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
Filme de Jerry Zucker
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 4

PRESUMÍVEL INOCENTE
Filme de Alan Pakula
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 5

O EXPRESSO DOS MALDITOS
Filme de Peter Hyams
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496

ROBOCOP 2

Filme de Irvin Kershner
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS

Shopping Center de Lisboa
T. 891275

SALA 1

O LEGIONÁRIO
M/12 anos - As 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

SALA 2

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - As 14.15, 16.45,

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762

GREMLINS 2 - A NOVA

GERAÇÃO

Filme de Joe Dante
M/12 anos - As 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renly Harlin
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407

ORGIA SENSACIONAL

Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - As 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39
T. 546085

CICLO DE CINEMA SUIÇO

TANNER NEGRO
Filme de Xavier Koller,
às 18.30

CICLO EMERIC PRESSBURGER

RECHERCHÉ DE L'EQUATEUR
Filme de Fred Zinnemann às
21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523

ROBOCOP 2

M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133

OLHA QUEM FALA

M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira
«Maridos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»

«Sweetie»

estreia de uma cineasta neo-zelandesa. Salvê!

«Na Pele do Urso»

fábula urbana luso-britânica

«Um Sonho de Mulher»

Julia Roberts enche o ecran...

«Encruzilhada de Ilusões»

edificação do amor pelo melodrama

«Henry e June»

...só para ver Maria (Anais) de Medeiros

19.15, 21.45 e 00.15

SALA 3

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

SALA 4

HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/18 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 5

O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 6

ROBOCOP 2
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

SALA 7

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 8

ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

SALA 9

OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

SALA 10

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098

PRESUMÍVEL INOCENTE

M/12 anos - As 15.15, 18.00 e
21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194

PARA ALÉM DO KILIMANJARO

Com Richard Hatch
M/12 - As 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
T. 533253

CLUBE DOS POETAS MORTOS

M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255

(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA

Est. de Benfca 503 - T. 7145088

SALA 1

ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

SALA 2

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

SALA 3

O LEGIONÁRIO
M/18 anos - As 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037

AUDITÓRIO 1

NON OU A Vã GLÓRIA DE

MANDAR

M/12 anos - As 13.30, 15.30 e
22.00

AUDITÓRIO 2

NA PELE DO URSO

Filme de Ann e Eduardo Guedes
M/18 - As 14.00, 16.00, 18.00,
20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques
T. 3525133

O LEGIONÁRIO

M/18 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808

(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX

R. Buihã Pato, 1-C - T. 8480808

SALA 1

NON OU A Vã GLÓRIA DE

MANDAR

M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SALA 2

A 300 MILHAS DO CÉU
Filme de Maciej Dejczer
M/12 anos - As 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

SALA 3

NA PELE DO URSO

M/16 anos - As 14.30, 16.15,
18.15, 20.15 e 22.00

«Presumível Inocente», um filme de Alan J. Pakula

LAS VEGAS

SALA 1

Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162

ROBOCOP 2

M/16 anos - As 15.15, 18.30 e
21.30

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.30, 18.45 e
21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313

HENRY E JUNE

Filme de Philip Kaufman
M/18 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL

R. Martens Ferrão - T. 538743

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SALA 2

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

SALA 3

HENRY E JUNE
M/18 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362

EXPRESSO DOS MALDITOS

M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283

HEROIS U.S.A.

M/16 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLÍMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309

ORGIA SENSACIONAL

Filme porno
M/18 anosSessões contínuas a partir das
14.00

PLAZA

Centro Com. Alvalade

SALA 1

ROBOCOP 2

M/16 anos - As 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

SALA 2

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão
T. 326305

O LEGIONÁRIO

M/18 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378

SALA 1

MARIDOS À ÁGUA

Filme de Peter Greenaway
M/12 anos - As 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

SALA 2

NO TRILHO DA DROGA

Filme de Gus van Sant
M/18 anos - As 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

PRESUMÍVEL INOCENTE

M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SALA 4

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES

Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE

Av. da Liberdade, 175
T. 579144

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR

M/12 anos - As 15.30, 18.30 e
21.15

SALA 2

HENRY E JUNE

M/18 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SALA 3

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715

NON OU A Vã GLÓRIA DE

MANDAR

M/12 anos - As 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR

M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TEATRO S. LUZ

R. António M.º Cardoso T. 327172

AMOR INEVITÁVEL

Filme de WARREN BEAUTY
M/12anos - As 15.00, 17.30 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossi
o - T. 371573

O EXPRESSO DOS MALDITOS

M/16 anos - As 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666

DICK TRACY

Filme de Warren Beatty
M/12 anos - As 15.00, 17.30 e
21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ACADEMIA

ALMADENSE

T. 2752127

SALA 1

O LEGIONÁRIO
M/18 anos - As 15.15 e 21.30

SALA 2

JACKNIFE
M/12 anos - As 15.30
e 21.45

OBRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

SALA 1

O LEGIONÁRIO
M/18 anos - As 15.15 e 21.30

SALA 2

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871

O LEGIONÁRIO

M/18 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570

ASSALTO AO AEROPORTO

M/12 anos - As 15.00 e 21.30

QUELUZ

King D. Pedro III
Telef. 4364845

SALA 1

TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir K

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d'Abriço.

Onda Média e FM Estéreo

15.00: Antena 1 - 15/17; 17.00: Sete Mares; 19.00: Informação e Música; 20.00: No Estúdio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: A Voz da Solidariedade; 21.00: Diálogo; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo

15.00: Trajectórias (Teresa Manzoni/Luisa Prado); 17.00: Ciência e Tecnologia... a procura sem fim; 17.30: Trinta minutos com Frederick Delius (1862-1934); 18.15: Ângulos e Reflexos. 19.00: Ciclo Luís de Freitas Branco - Retrospectiva; 19.45: Álbum Musical; 20.10: Álbum Musical. (cont.); 20.40: Esta Madrugada na Antena 2; 21.00: Elizabeth Schwarzkopf interpreta Mozart; 22.00: Ciclo Carl Orff - Carl Orff e a musicoterapia; 22.45: Uma sonata de Beethoven; 23.00: Eurorádio. Obras de Edgar Meyer, Ned Rorem, Philip Glass e Jimi Hendrix, Quarteto Mendelssohn; 00.00: Música coram sinfónica; 01.20: Música antiga obras inglesas do século XVII; 01.50: Dois líderes de Schubert; 02.10: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

14.00: Estúdio Três; 16.30 e 19.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00 e 23.00: Jornais - informação; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Estrada Fora; 23.00: Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; 15.00: 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; 16.00: Rock em Stock; 17.00: A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; 18.00: RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; 19.00: Quatro Tempos, de Pedro Castelar; 20.00: Nova Geração, de Fernando Quinas; 21.00: Mercado de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL

102.4 FM

10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música; 13.00: Tons suaves, com Francisco Gil; 16.00: «Surf», um programa de Augusto Fernandes; 18.00: Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; 20.00: Paraísos perturbantes, de António Coelho; 21.00: Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; 23.00: Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO

101.5 FM

13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; 15.00: Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade do João Vaz; 18.00: Informação geral e desportiva; 21.00: Música suave; 00.00: Espaço dedicado à música de vanguarda; 02.00: Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE

96.6 FM

10.00: Oitava Colina; 17.00: Fim de Tarde; 20.00: A Flauta Mágica; 21.00: Terna é a Noite; 01.00: O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.00: Inf. Religiosa; 20.10: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Espaço Musical; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

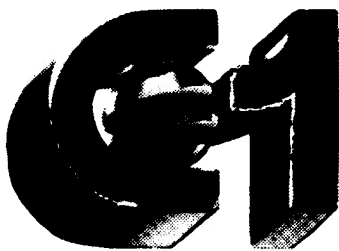
15.00: Fórmula Três; 18.00: Ideiafix; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL

89.5 FM

Manhã informativa das 06.30 às 10.00 com animação de António Macedo, edição de Miguel Monteiro e Paulo Bastos; 06.45: Conversa de Vizinhos, texto de Filipe La Féria interpretado por Lúcia Franco e Rita Ribeiro; 07.15: Sons com história; 07.30, 08.30, 09.30: Discos pedidos por personalidades convidadas; 07.50, 08.50: O humor de Herman José; 08.45: Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; 08.30: Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhazra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; 12.15: Síntese desportiva; 12.45: Grande Prémio, editado por João Gabriel; 18.00: O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; 19.00: Desporto em directo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às 12.00 de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às 12.00 de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

TELEVISÃO



14.35 - PRIMEIRA MATINÉE

«Um Anjo de Verde»

16.10 - PONTO POR PONTO

16.50 - O MUNDO

9º Episódio

17.15 - BRINCA BRINCANDO

Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Touni e Litelle», «Beulebeul», «Os Bicharocos» e «Caderno Diário».

18.15 - RUA SÉSAMO

18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

18.45 - A RODA DA SORTE

19.20 - BOLETIM AGRÁRIO

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.15 - TIETA

12º Episódio

21.10 - DESENHOS ANIMADOS / BOA NOITE

21.25 - MODELO E DETECTIVE

9º Episódio: um homem à beira da morte quer a todo o custo provar que conseguia cometer o crime perfeito e procura para tal a ajuda dos profissionais da «Blue Moon». Para Madeline Hayes e David Addison, trata-se do mais desconcertante caso da sua carreira de detectives.

22.25 - PRIMEIRA PÁGINA

Entrevista com o Dr. Álvaro Cunhal

23.30 - ALLÔ, ALLÔ

9º Episódio

24.00 - 24 HORAS

00.30 - O TEMPO

00.35 - REMATE

Um Anjo de Verde

Ao princípio da tarde, em «Primeira Matinée», há para ver um filme chamado «Um Anjo de Verde», realizado em 1987 por Marvin J. Chomsky. Um nome que talvez diga pouco ou mesmo nada aos leitores, mas se adiantarmos que é o mesmo que assinou a célebre série «Holo-causto», talvez já diga alguma coisa.

Com efeito, o prestígio deste realizador de televisão advém-lhe exactamente da realização daquela série.

Pois redescobrimo-lo, agora, neste telefilme que se propõe recuperar uma vertente do melodrama clássico: um homem e uma mulher envolvidos por uma mútua atracção, tendo por pano de fundo um clima de grande agitação.

Seguro dos trunfos emocionais que tem para jogar, Chomsky sabe tirar o melhor do contraste que se estabelece entre o pacifismo da jovem Irmã Ann McKeon (Susan Dey, actriz especialmente conhecida através da série «As Teias da Lei») e os valores que comandam o compor-

tamento do capitão Wicker (Bruce Boxleitner).

Nessa medida, «Angel in Green» é também um estudo das variações da natureza humana face a uma situação de crescente tensão emocional.

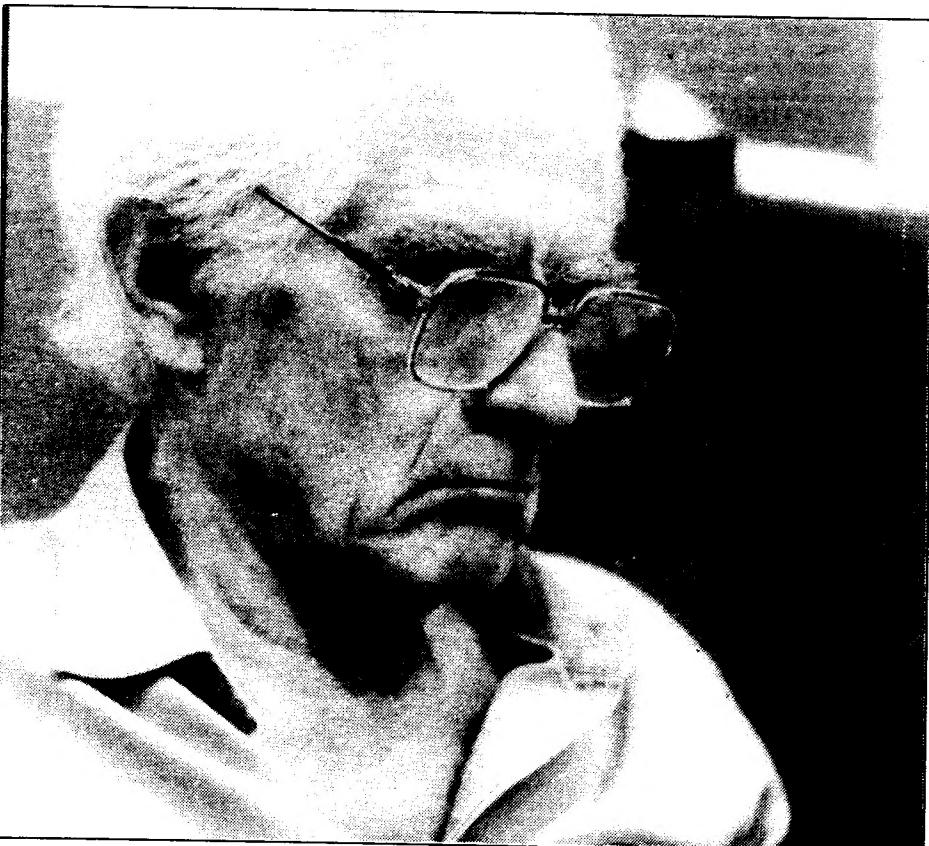
Com uma excelente direcção de actores, Chomsky confirma, assim, a sua vocação para construir espectáculos fundamentados nos modelos populares da tradição narrativa do cinema e da televisão dos Estados Unidos.

Para que possa fazer uma pequena ideia da história, adiantaremos que tudo se passa numa remota ilha do Pacífico, onde a Irmã Ann McKeon prossegue a sua actividade de missionária, ao lado do padre Mahon. Devido à morte súbita de Mahon, a jovem Ann pede auxílio. Para sua grande surpresa, quem aparece é uma companhia do exército, sob o comando do capitão William Wicker. Para os habitantes da ilha, Wicker é um «anjo verde»...



Cena de «Um Anjo de Verde»

Cunhal em «Primeira Página»



Álvaro Cunhal na Primeira Página

A programação da noite no Canal 1, pode dizer-se que é dominada por mais uma edição de «Primeira Página». Prosseguindo a ronda do líderes dos partidos políticos com assento na Assembleia da República, Mário Crespo entrevista hoje Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português.

Quanto ao resto, o trivial, ou seja as telenovelas brasileiras e as séries «Modelo e Detective» e «Alô, Alô».

No 9º episódio desta última e hilariante série, o «nosso» René é um homem morto. Isto é, dado como morto por razões de «segurança», aquele que sabemos ser René passa por ser o irmão gêmeo do dito cujo.

Simplificando, uma vez que René não é René, isso significa que não é casado com «madame» Edith, pelo que o tenaz «monsieur» Alphonse decide de uma vez por todas levar a dama da sua eleição ao altar.

Mas René opõe-se terminantemente ao casamento, ou não tivesse ele algo mais a perder para além do coração e da honra...

À tarde, depois de «Ponto por Ponto» e da «Primeira Matinée» julgamos ser de bastante interesse mais um episódio - o 9º - da série documental «O Mundo»: após o domínio dos vikings, dos magiares e dos sarracenos, a Europa começa lentamente a recuperar. Esta época testemunha também o exemplo europeu, do seu compromisso com o Cristianismo - as Cruzadas.

Mas porquê e como elas aconteceram? É o que se vai explicar neste programa.

SNOOPY POR SCHULZ



AGÊNCIA DIAS DA SILVA

© 1987 United Feature Syndicate, Inc.

11-19

Schulz

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
 15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO
 16.20 - OS HENDERSON
 16.40 - RECREIO DO 2
 «Cristal Tipps e Allistair» e «Lucas e Filho»
 17.20 - O TEMPO
 17.30 - ETERNO FEMININO
 42º Programa
 18.30 - A IRMÃ KATE
 19º Episódio
 18.55 - TI TI TI
 62º Episódio
 19.25 - CIRCO
 19.30 - VIA RÁPIDA
 19.40 - CLÁSSICOS DA TV
 «O Polvo I»
 20.45 - DICK TRACY

41º Episódio: Joe Jitsu apanha Pruneface e Itchy, que estavam a tentar destruir a fábrica dos jornais.
 21.00 - JORNAL DAS NOVE
 21.30 - CINEMAGAZINE
 21.55 - CINEMADOIS
 «A Vida em Família»: encontrada num banco do metropolitano londrino, Janice, de 19 anos, é levada para uma esquadra da Polícia, onde se escusa a falar. Acaba por ser levada de regresso a casa dos pais, que a tratam como carcereiros.
 Um filme de Ken Loach com Sandy Ratcliff, Bill Dean, Grace Cave, Malcolm Tierney, Hilary Martyn e Michael Riddall.
 Duração: 104 minutos
 23.50 - UNIVERSIDADE ABERTA
 00.30 - O TEMPO

2 RTP

Ken Loach no Canal 2

No Canal 2, no habitual «Cinemadois» das terças-feiras, passa o filme «Vida em Família», realizado em 1971 pelo britânico Kenneth Loach.

A anteceder a exibição do filme, será apresentada uma entrevista exclusiva concedida à RTP pelo realizador.

Autor polémico e controverso, Loach não conseguiu, até agora, que algumas das suas obras fossem exibidas, quer no seu país quer noutros estados europeus.

Produzido - como se disse - em 1971, «Vida em Família» é um libelo amargo, violento e irónico contra o sistema psiquiátrico britânico.



Alvaro Costa: de Londres com Via Rápida

Na entrevista à RTP, Ken Loach fala da sua carreira referindo os seus filmes, entre os quais o mais recente, «The Hidden Agenda», distinguido no Festival de Cinema de Cannes, em Maio último, continua inédito em vários países da Europa tendo, inclusive, a sua exibição sido proibida na Grã-Bretanha.

«Vida em Família» é um filme politicamente comprometido com uma mensagem pessoal de Loach, o que é aliás comum a todos os seus trabalhos, e que neste caso visa o serviço nacional inglês de saúde mental, na sua visão apocalíptica e brutal, capaz de transformar uma rapariga violentada por um núcleo familiar ignorante e imbecil, num caso mental grave.

No cinema de Ken Loach não há subtilezas nem meias palavras e aquilo que pretende pôr em evidência é chamado pelo seu nome, o que incomoda muita gente. Mas os seus filmes, independentemente de todas as violentas e arrasadoras críticas a que são geralmente sujeitos, não deixam de marcar posição e fazer alguma diferença.

Tirando isto, a programação do Canal 2 não oferece grandes novidades. Tal como no Canal 1, as costumeiras novelas, séries documentais e recreativas... A excepção à mediania vai inteirinha para a «Via Rápida», de Alvaro Costa.



Ken Loach, quando realizava Vida em Família

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
 10.00 - RUA SÉSAMO
 10.30 - PONTO DE ENCONTRO
 11.55 - CULINÁRIA
 12.10 - TOP MODEL
 13.00 - JORNAL DA TARDE
 13.25 - BOLSA DIA A DIA
 13.30 - O TEMPO
 13.32 - DIVISÃO INSTITUCIONAL
 13.25 - PRIMEIRA MATINÉE
 «O Vão da Fénix»
 16.00 - PONTO POR PONTO
 16.50 - O CORPO HUMANO
 17.19 - BRINCA BRINCANDO
 18.15 - RUA SÉSAMO
 18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
 18.45 - RODA DA SORTE
 19.10 - BOLETIM GRÁRIO
 19.30 - TELEJORNAL
 20.00 - BOLSA DIA A DIA
 20.07 - O TEMPO
 20.10 - DIREITO DE ANTENA
 20.15 - TIETA
 21.15 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
 21.20 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
 21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
 «Pacto Fatal»
 23.30 - 24 HORAS
 00.00 - O TEMPO
 00.05 - REMATE

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

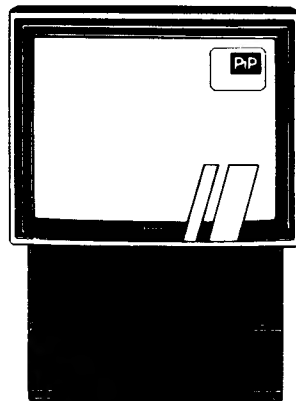
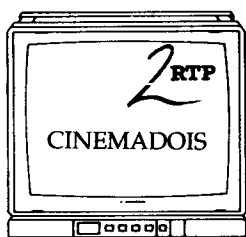
AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

12.02 - OS CENTURIÕES
 12.25 - ORA AGORA CONTO EU
 12.35 - FILHOS E FILHAS
 13.00 - LUTAR PARA VENCER
 14.00 - PRIMEIRO JORNAL
 14.30 - AGORA, ESCOLHA
 15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS
 16.55 - RECREIO DO 2
 17.25 - O TEMPO
 17.30 - ETERNO FEMININO
 18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
 18.55 - TI-TI-TI
 19.25 - VIA RÁPIDA
 19.35 - CLÁSSICOS DA TV
 20.45 - DICK TRACY
 21.00 - JORNAL DAS NOVE
 21.30 - EMOÇÕES
 21.55 - JOAQUIM LETRIA
 23.25 - XINGU
 00.10 - O TEMPO

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
 Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

eles não usavam capacete de protecção

PRP



TERÇA-FEIRA, 13 NOVEMBRO 1990

«Quando se pretende substituir a pastelaria Colombo por um MacDonald, será isso progresso?»

Eduardo Prado Coelho, «Público», 12.11.90

A PERGUNTA DO DIA



Vítor Crespo presidente da Assembleia da República

O que levou a Assembleia da República a consagrar uma sessão plenária aos 700 anos da Universidade em Portugal?

«A Assembleia da República decidiu consagrar a sessão plenária de hoje ao sétimo centenário da criação da Universidade em Portugal. É uma iniciativa sem precedentes e o seu significado terá de procurar-se no interesse e no empenhamento que o Parlamento consagra às grandes questões nacionais. Comemorar os 700 anos da Universidade é questionar esta instituição sobre o seu presente e o seu futuro. É ainda uma forma de pôr em evidência a história cultural do país real que somos e uma afirmação de esperança na nossa capacidade de encararmos os desafios do futuro. Desafios onde o papel da Universidade terá de ser necessariamente relevante.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

O poeta Sá Carneiro evocado em Paris

Universidade de Coimbra: a celebração parlamentar dos 700 anos

«O Islão no mundo» por Suleiman Valy Mamede

O futuro das Praças de Espanha e do Saldanha

ENTREVISTA

Gracinda Candeias inaugura hoje uma nova exposição. O ar e a terra são os grandes temas dos quadros que vai expor e que foram pintados há cerca de dois anos. Depois desta mostra, pretende parar para repensar a sua carreira e para reequacionar as suas influências africanas

«Há uma grande explosão de pintores»

D.L. - Inaugura hoje uma nova exposição na Galeria Barata. Que obras vão estar expostas?

G.C. - Pela primeira vez, vou conseguir fazer uma exposição com a qual já sonhava há muito tempo, isto é, apresentar trabalhos que já foram feitos há algum tempo: alguns há dois anos e outros há um. Estes trabalhos já foram apresentados em Paris e no Porto e agora escolhi os doze melhores para expor aqui. Eu já estou nisto há mais de 20 anos e é a primeira vez que consigo expor quadros a esta distância. Normalmente, as exposições são feitas no próprio ano o que faz com que ainda haja um grande afecto e não seja possível ter uma distância crítica. Com esta

distância é mais fácil fazer uma crítica mais correcta. Esta exposição é ainda uma homenagem ao João Barata, que há mais de dois anos que me andava a convidar para a fazer, e que acabou por ser marcada exactamente no ano em que ele haveria de morrer.

D.L. - Já há cerca de dois anos que não expunha em Lisboa. Porquê?

G.C. - Há dois anos tive uma exposição em Lisboa que passou muito despercebida porque eu tinha acabado de chegar de Paris, ainda não conhecia muito

bem o funcionamento dos media, o que levou a que a exposição não fosse muito promovida.

D.L. - Sei que tem estado em França. O que esteve lá a fazer?

G.C. - Estive dois anos e tal em Paris, com uma bolsa da Gulbenkian, a fazer uma pesquisa sobre o meu trabalho, sobre o movimento, mais concretamente sobre a velocidade e sobre o fascínio da velocidade dos corpos dos bailarinos pois assisti a muitos ensaios de várias companhias de bailado famosas. Metade dos trabalhos que vou apresentar agora têm a ver com isso - é a fase do ar - e a outra metade tem a ver com a terra, que é a nostalgia do meu país, a Angola, que só senti em Paris. É essa nostalgia, que faz parte de mim e que se reflecte também no meu trabalho. No ano passado, 20 anos depois de ter partido, voltei a Luanda para expor, o que foi muito importante para mim.

D.L. - Como se encontra, neste mo-

mento, a formação no campo das artes plásticas em Portugal?

G.C. - Estou um bocado afastada, mas acho que as coisas estão completamente diferentes do meu tempo. O que sei é que há muito mais pintores. Quando vim de Paris, fiquei surpreendida com o vasto número de galerias e de pintores que aparecem todos os dias nos jornais. Hoje é impossível dar conta de tudo o que existe.

D.L. - A que se deve esta explosão?

G.C. - Talvez tenha a ver com o melhoramento da situação económica, talvez tenha a ver com um certo interesse pela cultura, que era algo que estava esquecido, e também com o facto de termos um

Presidente que se interessa muito pela arte. Além disso, os jovens hoje têm um poder económico maior e um interesse diferente pela arte.

D.L. - Recentemente, começou a fazer entrevistas na rádio. Como é que isso surgiu?

G.C. - É um desafio que me foi posto há cerca de um ano. Eu aceitei-o este ano, pois fiz uma pequena pausa na pintura, e estou a gostar imenso. Já vou com um palmarés de dez entrevistas. A minha rubrica é quinzenal e chama-se «Inquietações».

D.L. - Como é que uma pessoa da imagem se sente a trabalhar tendo como matéria-prima a palavra?

G.C. - Muito bem. Sinto-me muito à vontade com a palavra e adoro fazer entrevistas. É uma nova faceta que estou a descobrir em mim.

D.L. - Quais os seus próximos projectos em termos de trabalho?

G.C. - Espero ficar, finalmente, um ano sem marcar exposições. Isso é importante para um pintor, pois é preciso um certo espaço mental e físico para poder fazer o tal trabalho de pesquisa que preciso de fazer depois da minha ida a África, 20 anos após ter partido. Foi uma coisa muito forte e agora é preciso fazer toda uma maturação do que vi novamente em África, o reacender do que me tocou nos meus primeiros vinte anos de vida. É esse o meu grande projecto, vamos lá ver se o consigo realizar.

D.S.



Pecar sem conceber

No dormitório de um grupo de raparigas chilenas exiladas em Havana durante o depravado consulado de Pinochet, um cartaz proclamava (ou seria que reclamava, ou, até mesmo, implorava):

«Santíssima Virgem, Tu que concebeste sem pecar, ajuda-me a pecar sem conceber!»

Mais depravados, para a Igreja, são os fornecedores, que, possivelmente devido aos seus pecados, começaram por ser punidos com a expulsão do Paraíso, logo quando a Humanidade ainda balbuciava, muito mais tarde com a gonorreia e a sífilis, umas centenas de anos mais tarde com a Sida, isto sem falar em intervenções divinas mais activas e decisivas, representadas pelas majestáticas e bíblicas destruições de Sodoma e Gomorra.

É aquela contradição básica dos livros divinos. Jeová ordena que crescemos e nos multipliquemos, não se inferindo que o acto sexual seja feito por simples prazer (sobre o assunto convém consultar o debate de Natália Correia e um já esquecido deputado do CDS, o sr. João Morgado, que talvez possa ler-se no «Diário da Assembleia da República» de aqui há uns anos, sem esquecer a quadra da poetisa sobre o tema)

A televisão, quase pudicamente irrepreensível do ponto de vista sexual, mas generosa para a violência, a droga, a promiscuidade generalizadas nos seus programas, convida-nos a fazer amor em língua estrangeira, com controlo, ou lá como se chama. O Papa e os bispos dizem que não, apesar do conselho de que sim de Jeová: o uso de preservativos só servirá para aumentar o comércio sexual entre os jovens. Condene-se, pois.

Tanto a Igreja como a Televisão (desculpe-se a equiparação, aparente, mas não totalmente inadequada quando estamos a falar de campanhas organizadas de publicidade) esquecem (e para a Igreja é gravíssimo) que existe uma coisa chamada amor e que, consequentemente, embora feito apenas por prazer, um coito não é obrigatório ou exclusivamente um acto reprodutivo.

Efectivamente, parece haver, nos ministérios, nas igrejas e na televisão uns santos homens que passam o seu celibato entre suspiros de amargura e declaram depravação, luxúria ou algo tão grave como impureza ao apetite carnal, porque, no fundo, sentem apenas a frustração e a impotência de um desejo inconsumado.

É uma questão de hipocrisia de que todos participamos um pouco.

Roby Amorim

A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75